

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

“TERNURA VESTE BRANCO”: História, Espaços e Sensibilidades na Escola Estadual de
Auxiliar de Enfermagem – Campina Grande .

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

CAMPINA GRANDE - PB

2013

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

**“TERNURA VESTE BRANCO”: HISTÓRIA, ESPAÇOS E
SENSIBILIDADES NA ESCOLA ESTADUAL DE AUXILIAR DE
ENFERMAGEM – CAMPINA GRANDE.**

Dissertação de Mestrado submetida ao
Programa de Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Campina Grande –
UFCG, como parte dos requisitos necessários
para a obtenção do título de Mestre em
História.

Orientador: Prof. Doutor Iranilson Buriti de
Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB

2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S725t Sousa, Kledna Sonalle Batista de.
 “Ternura veste branco”: história, espaços e sensibilidade na Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem – Campina Grande / Kledna Sonalle Batista de Sousa. – Campina Grande, 2013.
 131 f. : color.

 Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades.

 "Orientação: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira". Referências.

 1. Modernidade. 2. Educação. 3. Enfermagem. I. Oliveira, Iranilson Buriti de. III. Título.

CDU 37(813.3)(043)

KLEDNA SONALLE BATISTA DE SOUSA

“TERNURA VESTE BRANCO”: História, Espaços e Sensibilidades na Escola Estadual de
Auxiliar de Enfermagem – Campina Grande.

Avaliado: ____/____/____.

Conceito:_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira. PPGH/UFGC

Orientador

Prof. Dra. Maria da Conceição Alves Rodrigues. UEPB

Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento. PPGH/UFGC

Dedicatória

Dedico este trabalho a José Martins de Oliveira(*in memoriam*), por ter me amado como uma pai.

Agradecimentos

A Deus, por me dar forças para superar todas as dificuldades e percas durante o curso, por me sustentar quando eu não mais podia, por me mostrar que a vida podia ser mais do que eu pensava.

À minha mãe, pela dedicação e amor, pelo apoio e companheirismo de sempre. Por me incentivar a estudar, ter uma profissão e vencer na vida.

Aos meus avôs maternos João Batista da Cruz e Maria do Carmo (*in memorian*).

Aos meus avós paternos Maria e Hercílio Justino, pelo carinho e apoio financeiro quando mais precisei. Sem vocês nada teria sido possível.

Aos meus tios José Martins (*in memorian*) e Luiza, pelo carinho e mimos de toda uma vida.

A todos os meus familiares que estiveram presentes nessa jornada.

Ao meu orientador Iranilson Buriti pela paciência de sempre.

Aos professores do programa de pós-graduação em história da UFCG pelo compartilhar de conhecimentos.

Aos secretários Arnaldo e Felipe pela paciência nos momentos aflitivos.

Aos entrevistados que gentilmente aceitaram participar da pesquisa.

Às professoras da Escola Técnica Estadual de Enfermagem, por acreditarem SEMPRE numa assistência de Enfermagem humana e responsável.

À CAPES pelo apoio financeiro nos momentos finais da escrita desse trabalho.

Resumo

O objetivo dessa dissertação é problematizar a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem em Campina Grande, na década de 60 (século XX). Nosso primeiro capítulo versa sobre a modernidade e as condições de higiene de Campina Grande. Nossas fontes de análise são o jornal Diário da Borborema e os semanários municipais daquela época, que nos mostram o cotidiano de uma cidade. Desse modo, por meio de representações, de discursos de políticos e intelectuais da época, pretendemos visualizar as condições de saúde da cidade. No segundo capítulo, buscamos trabalhar como esses discursos fundamentaram a criação da Escola Estadual de Enfermagem, principalmente no ano de sua criação em 1964. Para isso, foram utilizados depoimentos de ex-alunas e ex-professoras da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem para percebermos como era funcionamento da escola por meio das tramas cotidianas. Em termos teórico-metodológicos, construímos a nossa narrativa a partir de conceitos formulados pelos autores Roger Chartier(1990) e Michel de Certeau(2007; 2008).

Palavras-chave: Modernidade; Educação; Enfermagem;

ABSTRACT

This dissertation aims at problematizing the creation of the Nursing Assistant Regional School in the city of Campina Grande during the 1996's (21st century). Our first chapter deals with modernity and Campina Grande's hygiene conditions. Our sources of analysis include the newspaper referred to as *Jornal da Borborema* in Portuguese, in addition to municipal seminars from that period, which show the city's everyday life. This being the case, by means of representations, as well as political and intellectual speeches from the aforementioned period, we have the objective of showing how these addresses underlie the creation of the Nursing Assistant Regional School, mainly in 1964. Thus, testimonies from former students and teachers were also used as a means to help us determine the functioning of the school through everyday schemes. In theoretical-methodological terms, our narrative draws upon concepts formulated by scholars such as Roger Chartier (1990) and Michel de Certeau (2007; 2008).

Keywords: Modernity; Education; Nursing.

Sumário

Resumo.....	5
Lista de Ilustrações.....	8
Lista de Siglas.....	9
1. Introdução	10
2. Capítulo 1. Modernidade e Higiene.....	21
1.1 A carência de profissionais de saúde	33
1.1.2 O crescimento populacional e a criação de novos espaços de cura.	45
1.3 As comemorações do primeiro centenário de Campina Grande.....	61
1.3.1 Os corpos se preparam para o festejo.....	61
3. Capítulo 2. A Escola de Enfermagem: Esmiuçando os fios da criação.....	69
2.1 Movimentos para o funcionamento da Escola de Enfermagem.....	94
Considerações	
Finais.....	118
Fontes.....	p.122
Referências	p.123.
Anexos.....	p.128

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Competição de natação.....	p.23
Figura 2 Quadro de pessoal técnico e científico.....	p.28
Figura 3 Registro de Empregados.....	p.36
Figura 4 Carteira de Saúde.....	p.55
Figura 5. Convite para inauguração da Escola.....	p.69
Figura 6 Convite para ingressar no curso de Enfermagem.....	p.86
Figura 7 Diplomação da primeira turma.....	p.97
Figura8 Alunas da UFPB.....	p.98

LISTA DE SIGLAS

COMCENT Comissão do Centenário.

H.U Hospital Universitário Alcides Carneiro.

IPASE Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado.

IAPI Instituto de Aposentados e Pensionistas da Indústria.

IAPETC Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas

IAPB Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários

IAPFESP Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos.

SAMDU Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência

SANESA Saneamento de Campina Grande S/A.

SESI Serviço Social da Indústria.

1. Introdução

Início este texto indicando três razões que me motivaram a escrevê-lo. Primeira, a vontade de aprofundar questionamentos realizados na monografia de graduação em História, produzida na Universidade Estadual da Paraíba. Segunda, sentimento de pertença a um espaço educacional, a Escola Estadual de Enfermagem localizada no bairro do São José, em Campina Grande. Terceira razão, sentimento de identificação a dois mundos distintos, mas para mim complementares: à área de saúde e às ciências sociais.

A propósito da monografia de conclusão do curso de História, uma das autoras que ainda hoje vem inspirando as nossas pesquisas é Gisele Sanglard, sobretudo as contribuições dadas no seu artigo, publicado no XIII encontro ANPUH, que teve como tema “Identidades”, ocorrido em 2008 no Rio de Janeiro.¹ Tal artigo, juntamente com outras produções na área de patrimônio cultural da saúde e da doença, a exemplo de dissertações, teses e livros na área de enfermagem e saúde, nos despertaram a curiosidade pela História da Saúde e da Doença. A relação entre história, memória e patrimônio é uma temática que tem despertado os nossos interesses de acadêmica e história e de profissional na área da saúde. Pois foi através dessas temáticas que descobrimos a Escola de Enfermagem como objeto de estudo, e de sua importância tanto para os indivíduos que lá estudaram ou trabalharam, bem como para a coletividade.

Esse artigo nos apresenta um conceito inteiramente novo, Patrimônio Cultural da Saúde. Conceito que nasceu do entrelaçamento de olhares de uma historiadora e de um arquiteto e urbanista, que exploram a cidade e a saúde, dialogando com a arquitetura de instituições de saúde e história urbana entre outros, com pretensões de abrir diálogos com a sociedade, para a preservação dos mesmos.

Esse conceito de Patrimônio Cultural da Saúde foi o que nos motivou a registrar um pouco da história da Escola Estadual de Enfermagem. E perceber o quanto o campo da saúde

SANGLARD, G.; COSTA, R.G; Patrimônio Cultural da Saúde: Uma história possível? Rio de Janeiro, 2008, p.1-10. XIII Encontro de História ANPUH-Rio. Identidades. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:<http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212753026_ARQUIVO_TextoPCSANPUH2008.pdf. >Acesso em 18 Nov.2008.

desconhece sua história, não a valoriza, nem preserva as várias formas de manifestações culturais que fazem parte dele. Desconhece o potencial de seus arquivos e dos relatos de profissionais que são testemunhas de todo um processo de transformação que a rede médica hospitalar campinense vem sofrendo nas últimas décadas. Dessa forma, os profissionais de saúde e a comunidade em geral são privados de uma reflexão mais profunda sobre sua identidade.

Nesse momento de descoberta do artigo, estávamos concluindo uma disciplina de Memória e Patrimônio Histórico, e o trabalho de conclusão da mesma, era cada aluno/aluna indicar um espaço da cidade que representasse para ele um patrimônio histórico. Dessa feita, a partir dessa leitura e das propostas de escrita acadêmica iniciou-se nosso interesse por essa vertente historiográfica, bem como a Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem como objeto de estudo. Pessoalmente, a leitura desse artigo, foi um despertar para outra forma de perceber as tramas históricas e de uma valorização das instituições de saúde, enquanto lugares de memória. No trecho a seguir, a historiadora resume o conceito de Patrimônio Cultural da Saúde:

Já a experiência cultural na saúde é, necessariamente, multifacetada e multidimensional. Ela envolve o sofrimento individual e coletivo; as expectativas de cada indivíduo diante do Tempo, da vida e do mundo. Da mesma forma, envolve as lutas e conquistas coletivas na direção de melhores condições de existência. É imprescindível promover os meios para a expressão cultural, o registro, a preservação, a difusão e atualização permanente dessa experiência histórica comum. Ela deve ser valorizada como componente fundamental nos processos de formação dos trabalhadores da saúde, da humanização dos serviços, de gestão coletiva e de controle social (COSTA; SANGLARD, 2008, p.8).

Sanglard, a exemplo de outros estudiosos na área,² nos motivou a fomentar pesquisas nesse campo de investigação, que envolve saúde e doença na perspectiva de

² PORTO, Ângela et al. História da Saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz; SANGLARD, Gisele; COSTA, Renato da Gama-Rosa . Direções e traçados da assistência hospitalar no Rio de Janeiro (1923-31). História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 11(1), p. 107-141, 2004; SANGLARD, Gisele; COSTA, Renato da Gama-Rosa ; Mello, M. Tereza Bandeira . A coleção Porto d'Ave e a assistência hospitalar no Rio de Janeiro - 1920. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, v. 168, p. 195-208, 2007; FUNARI, Pedro Paulo e PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Patrimônio histórico e cultural. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 2006.

preservar a memória de um espaço de formação profissional, no caso a Escola de Auxiliar de Enfermagem. E tomar conhecimento da minha própria história, pois no período em que lá estudei desconhecia a história daquele espaço educacional, e nem ao menos ouvia comentários a cerca da sua criação e funcionamento. Dessa forma, decidi escrever esse texto para partilhar um pouco do que descobri sobre a criação e funcionamento da Escola de Enfermagem, e do momento histórico que Campina Grande vivia nos primeiros anos da década de 60.

Sanglard nos ajudou a perceber como o que recebemos de nossos ascendentes, no meu caso a Escola de Auxiliar de Enfermagem, nos ajuda a conhecer a nossa história e evidencia os valores que caracterizam o grupo ao qual pertencemos. A desativação da Escola de Enfermagem me fez redirecionar os rumos da pesquisa, ao mesmo tempo em que me mostrou através de conversas com amigos e entrevistados a importância de deixar algo escrito sobre a Escola de Enfermagem. Partilhar desse sentimento de pertença aquele espaço educacional com outras pessoas da área de saúde ou simplesmente pessoas que moram nas proximidades da Escola de Enfermagem foi o que me deu ânimo de não desistir da pesquisa. Como disse Febvre (1975)³ ser historiador é não resignar-se nunca, é tentar preencher vazios, lançar-se vinte vezes em um caminho cheio de promessas. Fazer falar coisas mudas fazê-las falar o que não dizem por si mesmas sobre os homens, sobre a sociedade que as produziu.

Sendo assim, começamos a prestar atenção a tudo que expressa, que significa a presença e a atividade da Escola de Enfermagem na cidade. Depoimentos encontrados em um blog que relatava a situação de abandono da Escola de Enfermagem, também me fizeram crer que a Escola de Enfermagem foi importante para muitas pessoas.

Meu Deus! O que aconteceu neste lugar...É realmente um absurdo o que estou vendo e lendo. Senhores, eu sou fruto desta escola, me vejo em cada canto dela! Fui uma das primeiras alunas de minha turma, tive excelentes Mestres que em ensinaram de maneira primorosa a amar e respeita a enfermagem e o ser humano, fui representante de turma, estudei em dois turnos, nesta instituição de ensino e em paralelo o curso científico na Escola Estadual da Prata, recebi incentivo de muitos políticos e figuras importantes do cenário

³ FEBVRE, Lucien. Combates por la historia. Traducción castellana de Francisco J. Fernández Buey y Enrique Argullol. Editorial Ariel. Barcelona. 1975

Campinense na época, desta forma realizamos a nossa formatura em um lugar bonito e com muito esforço e dedicação de todos vencemos uma etapa de nossas vidas. Hoje sou enfermeira pós graduada em Terapia Intensiva no Rio de Janeiro e Especialista em Saúde Pública, funcionária do Município (PSF e RT da Unidade) além de funcionária do Estado e consultora em RSS. Não consigo desvincular a minha História de vida e de crescimento pessoal e profissional, sem que tivesse antes passado por esta experiência do curso técnico de enfermagem em Campina Grande na Escola de Enfermagem. Sou nascida e criada na PB, sou de Campina Grande e sinto muito orgulho de ser daí, mas, infelizmente, estas e tantas outras coisas que tem acontecido na nossa cidade, para não dizer no nosso Estado, estão me fazendo sentir vergonha e tristeza! Tristeza essa que, me leva as lágrimas agora ao ver o lugar que foi tantas vezes palco de momentos de aprendizado e alegria para estudantes e mestres, completamente abandonado e o pior! Nem sequer a própria sorte, porque a minha placa de formatura senhores, não existe mais! Isso mesmo, todo o esforço que fizemos, nossos documentos, nossos mestres, nossa memória foi saqueada e sumariamente apagada pelo tempo, pelo descaso e pela falta de hombridade e competência de muitos que nem deviam estar no poder, poder para quê se não sabem o que fazer com ele? Aliás, sabe! Legislam em causa própria, só pode ser... Peço encarecidamente que, alguém em pura sanidade tome providências urgentes em relação ao reestabelecimento e reestruturação de nosso patrimônio. É a atitude mais digna e justa que poderão tomar neste momento tão difícil para todos que passaram por lá.⁴

Esse depoimento expressa o vazio que a Escola de Enfermagem deixou para a depoente, a indignação frente à perda de referenciais simbólicos e representativos de sua vida escolar. Sobre isso Sanglard afirmar “O desaparecimento dos referenciais mais significativos de um grupo ou de um espaço, tais como marcos arquitetônicos, paisagens e manifestações culturais, faz com que o indivíduo perca a identificação com o meio onde habita e com a sua própria história. (COSTA; SANGLARD, 2008, p.1-2). Esse texto também é um reencontro pessoal com os valores que alicerçam minha profissão e com as minhas memórias de estudante. E assim como a depoente me deixei levar por um sentimento de pertença a Escola de Enfermagem.

A Escola Técnica Estadual de Enfermagem, esse era o nome no momento do seu fechamento, ocorrido em maio de 2011. Funcionou durante vários anos na cidade, um lugar

⁴ Depoimento da Enfermeira Dilene Cunha disponível em: <http://ramiromanoel.blogspot.com.br/2011/09/escola-estadual-de-auxiliar-de.html>. Acesso em: 24 Abril 2013.

de referência na formação de profissionais de saúde em nível médio, que desapareceu sem muitas manifestações por parte do grupo ao qual pertenceu. Essa Escola funcionou por mais de 45 anos na cidade e, de acordo com alguns entrevistados, era a única na cidade durante certo tempo, formando profissionais de saúde em nível médio. Tudo isso, possibilitou-nos pensar a Escola de Enfermagem enquanto uma criação, uma reflexão das mudanças dos anos 60 em Campina Grande.

Dessa feita, iniciamos nossas pesquisas sobre a saúde e a doença em Campina Grande na década de 60, a fim de analisar como se deu a criação da Escola de Enfermagem. A análise realizada permitiu-nos constatar uma lacuna no que se refere à História da Enfermagem campinense, e na própria historiografia local, bem como uma carência na própria história da educação campinense. A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi inaugurada no dia onze de outubro de 1964, nessa cidade. Foi gestada pela Comissão do Centenário, grupo de homens públicos que preparam a cidade para a comemoração do seu primeiro centenário, e por um grupo de Enfermeiras do Hospital Alcides Carneiro.

A Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem, até o momento, ainda não tinha sido objetivo de investigação nos meios acadêmicos, principalmente na área de História. Por isso, nos motivamos a produzir um trabalho monográfico sobre essa instituição, intitulado Saúde e assistência médico-hospitalar em Campina Grande (1950/1964): A escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Contudo, não foi suficiente, pois ainda há muito a explorar sobre a Escola Estadual de Enfermagem.

A escola qualificou e inseriu no mercado de trabalho trinta e cinco (35) turmas de auxiliares de enfermagem, perfazendo um total de mil (1000) profissionais, e trinta e uma (31) turmas de técnicos de enfermagem, totalizando seiscentos e sessenta e nove (669) profissionais. No caso desses últimos, observamos que, no Hospital Universitário Alcides Carneiro, dos duzentos e sessenta e quatro (264) técnicos, cento e cinquenta (150) são ex-alunos da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, todos concursados; no Hospital Regional de Urgência e Emergência e trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, dos trezentos e setenta profissionais (370), cento e setenta (170) estudaram na instituição referida, sendo

alguns com cargos efetivos; no Hospital Pedro I, dos sessenta (60) profissionais técnicos, quarenta (40) são ex-alunos da escola, conforme atestam os diretores daquela escola⁵.

Esses números expressam de certa forma, a contribuição da Escola de Enfermagem nos nossos dias. Ao mesmo tempo nos fez refletir sobre como as pessoas estudavam para ser atendente ou auxiliar de Enfermagem nos anos 60. Como era o atendimento médico em Campina Grande na referida temporalidade e quais foram às circunstâncias da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.

Para analisar essas questões entrevistamos alguns ex-alunos e ex-professoras que se propuseram a participar desta pesquisa, no entanto nem todas as entrevistas puderam ser analisadas ou aproveitadas nesse momento. Pesquisamos em jornais e alguns livros sobre história da Enfermagem. Dessa forma, este estudo é um entrelaçamento de vozes e memórias. É um repensar sobre meu lugar social. É o encontro com o(a) outro(a), colegas de trabalho ou outros(as) que conheci quando estagiava em espaços hospitalares nesta cidade. E outros colegas de profissão que conheci no decorrer da pesquisa. É uma escrita povoada por lembranças da minha trajetória enquanto estudante de Enfermagem – durante a elaboração deste texto, muitas vezes, me vieram à memória as aulas da professora Aliete, suas palavras, ora duras, com vistas a nos despertar para outra percepção do ser humano; ora doces, para nos fortalecer nas lutas cotidianas e na busca por um espaço profissional. São palavras como estas que me acompanharão e me acompanham ao longo de minha trajetória profissional.

Se você não tiver a noção de que você é um ser humano, você nunca vai ser um bom profissional para outro ser humano. Se você não se respeita, se você não é capaz de obedecer regras, de obedecer normas, de obedecer disciplinas, você nunca vai ser nem uma boa mãe. Como é que você vai disciplinar? (COLAÇO, Maria Aliete. Entrevista concedida à autora. Campina Grande, 27 Agosto 2012.)

O discurso nos toca, nos atravessa, nos transforma ou nos deforma. Todavia, em todo caso, nos faz sair de nossos lugares e ocupar outros. Como bem coloca Larrosa (2002, p. 20), uma “Experiência é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o

⁵ Dados retirados do ofício nº 026/2010. Campina Grande 24 de agosto de 2010. Câmara Municipal de Campina Grande Casa de Felix Araújo.

que acontece, ou que toca.” Essa disciplina que atravessa os sujeitos, provocando deslocamentos e reposicionamentos diante da vida de muitos que ali passaram. Mudanças subjetivas, sensíveis, propositais. Outro dia conversando com uma ex - colega de turma ela me disse “Mudei muito por causa de Aliete”. Na fala da professora fica claro que ela tem consciência do peso do seu discurso e do impacto das suas palavras na vida do aluno.

Ao falar sobre sua relação com os alunos Aliete, deixa claros os preceitos que movem suas falas e suas atitudes como professora. Aliete, fala, ainda, do seu orgulho perante os resultados de eficiência profissional, que não só ela, mas todas as outras professoras atingiram com suas normas disciplinante.

Muitos outros,⁶ mesmo aqueles que não permaneceram dentro da área de saúde, os profissionais dali [Escola de Auxiliar de Enfermagem] se destacaram, porque a Escola de Enfermagem Kledna era uma instituição que preparava para a vida. Sendo assim, todos os profissionais que se formaram nessa escola, apesar de jovens na época, demonstravam-se preparados, direcionados⁷, não implicava que você fosse só ser um profissional de saúde não⁸. Até as pessoas que enveredaram por outra profissão se deram bem, visto a base que tiveram. (COLAÇO, Maria Aliete. Entrevista concedida à autora. Campina Grande, 27 Agosto 2012).

Certamente, muito dessa disciplina instituída pela Escola de Auxiliar de Enfermagem, representada aqui no discurso da professora Aliete, direcionaram a minha formação e atuação enquanto profissional de saúde, uma área extremamente meticulosa, na qual o profissional tem de acreditar nele mesmo e naquilo que faz, além de dispor de clareza quanto às incumbências do seu ofício (o que significa assistir um paciente? Como fazê-lo?).

Dessa forma, este texto é fruto do que eu aprendi naquela escola, das leituras acadêmicas desenvolvidas durante a graduação, da vivência como profissional de saúde e das

⁶ Muitos alunos, mesmo morando fora da cidade, e ainda mantém contato com a professora por meio de telefonemas e cartas.

⁷ Nessa passagem da entrevista a professora falava sobre a formação profissional, esse termo “bem direcionados”, na nossa interpretação se refere ao encaminhamento dado a cada profissional. Pois, logo após ela opina sobre os que decidiram não seguir a profissão de técnico de Enfermagem.

⁸ A partir de nossas leituras e compreensão da fala da professora, ela institui para si, e para Escola de Auxiliar de Enfermagem, um poder e um saber sobre os corpos. Disciplinando até mesmo sujeitos históricos, que não participam mais do grupo de saúde. Mais levam a marca da disciplina nas suas trajetórias de vida profissional. Ou seja a escola na visão da professora era um dispositivo normalizador, disciplinante.

leituras em nível de pós-graduação. É fruto, também, das inúmeras vezes que eu escutava: “Se você não se toca, não se sente você, nunca vai estar preparado para lidar com o ser humano, não vai procurar entender que a dor dele é maior do que a sua”; “Você tem que se alimentar bem, dormir cedo”; “Levem a caderneta para os estágios, tem que anotar todos os procedimentos”; “Mantemham as unhas sempre limpas e aparadas, nada de roupa transparente”. Essas orientações permitiam que, aos poucos, fossem se formando modos de ser e estar no mundo. São essas receitas de cuidado consigo mesmo e do cuidado com o outro que me enquadraram em certas normas do campo em que ia atuar.

Enquanto ex-aluna da escola, técnica de enfermagem, historiadora, mulher e negra, eu me vejo imersa em várias relações de poder e saber; em uma teia que permite vários deslocamentos e ressignificações, enquanto sujeito histórico. O próprio cotidiano dentro do hospital no ensina a conviver com esses mecanismos que prezam pela bioética, ética e todo um código de posturas estabelecido pelos órgão de fiscalização profissional COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) e suas autarquias regionais COREN (Conselho Regional de Enfermagem)⁹. Estando, portanto, os profissionais de Enfermagem subordinados a estes órgãos, passíveis de penalização diante dos mesmos por seus erros profissionais, podendo suspender o registro profissional de forma provisória ou definitiva. Bem como na justiça comum, que define e condena os erros profissionais de outras formas.

E esse mesmo texto está disposto a regras e normas estabelecidas por campos do conhecimento distintos, ao mesmo tempo aproximáveis, pela possibilidade de ser historicizado. Há momentos de lutas e enfrentamentos pelos sujeitos que a compõem, nessa disputa no jogo da verdade.

Ver o mundo como jogo é pensa-lo a partir de uma pragmática, é colocar no centro de sua interpretação as praticas humanas, práticas em conflito e que carecem de significação. A história seria fruto das batalhas em torno do poder e da verdade. Em suas ações, os homens entrariam em disputa em torno de domínios, sejam políticos, sejam de conhecimento. Nessas disputas, a linguagem representaria uma das principais armas; é através dela que seriam demarcados espaços de poder, campos de atuação, identidades, lugares de sujeito, domínios de objetos; é através dela que se estabeleceriam as aproximações e os

⁹ Legislação de Enfermagem. Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba. COREN-PB.

distanciamentos, os pactos e as exclusões, os nomes e os silêncios que instituem uma ordem social. (ALBUQUERQUE JR, 2007, p.170).

Dessa forma, sentimos a curiosidade de problematizar a criação da Escola de Enfermagem, porque tudo o que morre deixa rastro, deixa memórias, deixa vazios inexplicados, inexplorados, vazios e dores para quem viu e viveu com aquelas pessoas, naquele lugar.

Esses vazios, essas lutas cotidianas pela autoafirmação de um grupo, de um lugar está presente nesse trabalho através da oralidade. O método qualitativo complementa o trabalho com a fonte oral, que foi realizada com aparelhos digitais de gravação de voz, com entrevistas abertas, semi-estruturadas, realizadas individualmente a professoras e ex-alunas da Escola. Esse recurso foi utilizado a fim de traçar a história da criação da Escola, os discursos, os sentimentos, o não dito que constroem e representam uma identidade para a Escola, através da memória dos profissionais que ocuparam esse espaço.

Cada sujeito histórico produz certa memória sobre o espaço, pois cada memória é apenas um ponto de vista da memória coletiva. São fragmentos de múltiplas vivências, e experiências sofridas pelo individuo. Sendo, assim as memórias são “pontos de intersecção de varias series ou correntes mentais aproximadas pelas relações sociais” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p.200). Ainda sobre memórias é valido que “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”(BOSI, 1994, p.55).

É nessa perspectiva que este trabalho foi construído, ou seja, partimos de diversas fontes para problematizar a Escola de Enfermagem, dentre as quais – fotografias, iconografias diversas, matérias de jornais, informações de blogs, fontes orais e pontos de vista bastante diferentes –, aliando novas temáticas e abordagens de história, a exemplo de sexualidade, morte, saúde e doença, infância, velhice e outros temas que atravessam a nossa vida, em várias épocas.

Sendo assim, esta narração é mais uma construção, representação de um tempo passado feito com recordações e lembranças, textos e jornais, costuras e alinhavos, esquecimentos e vazios, atravessada por estreita rede de poderes e saberes, que dominam

desde o espaço acadêmico até o próprio lugar social dos entrevistados. De acordo com Chartier¹⁰,

as representações não são simples imagens, verdadeiras ou falsas, de uma realidade que lhes seria externa; elas possuem uma energia própria que leva a crer que o mundo ou o passado é, efetivamente, o que dizem que é. Nesse sentido, produzem as brechas que rompem às sociedades e as incorporam nos indivíduos. Conduzir a história da cultura escrita dando-lhe como pedra fundamental a história das representações é, pois, vincular o poder dos escritos ao das imagens que permitem lê-los, escutá-los ou vê-los, com as categorias mentais, socialmente diferenciadas, que são as matrizes das classificações e dos julgamentos.

Cabe considerar que na utilização das representações é preciso dar atenção como ‘simbólicos’ todos os signos, actos ou objetos, todas as figuras intelectuais ou representações coletivas”.¹¹ Esses são entendidos por Chartier como meios para se reconhece a apreensão do real em determinado contexto, atribuindo a eles um significado dependendo dos discursos que os forjam . As representações são [...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1990, p.19). Essas representações são criadas por certos grupos sociais para legitimar ou não seu domínio simbólico, pois as mesmas se dão em territórios de conflitos e concorrências no mundo social.

A partir da concepção sobre as representações temos que considerar a apropriação, que são as formas de compreensão, de uso e interpretações que são dadas as representações, a partir da pratica. Dessa forma Chartier nos permitiu identificar o modo como em diferentes momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler (CHARTIER, 1990, p.17). Do mesmo modo nos permitiu pensar como a fundação da Escola de Enfermagem foi “pensada e dada ler” na década de 60. O modo como ela se articulou aos interesses de determinados grupos na referida temporalidade.

Michel de Certeau afirma que as práticas se articulam com as formas de apropriação, que estão atreladas as noções de uso e consumo. O autor pensa esses conceitos a partir das

¹⁰ CHARTIER, Roger. A história ou a leitura do tempo. Tradução: Cristina Antunes. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. p.51-52

¹¹ CHARTIER, Roger. “A História Cultural: Entre Práticas e Representações”. Lisboa: DIFEL, 1990.p.19

atividades do homem comum ou o homem ordinário, metaforizando sobre o que o mesmo faz com a propaganda de TV e jornais? Ou seja, o que os consumidores fazem com isso? Os consumidores se apropriam de formas singulares, lhe conferem novos usos, estabelecem variadas formas de se relacionar com elas. Dessa forma, o consumo não é algo passivo, é ativo e criador.

Todas essas considerações nos auxiliaram a esmiuçar a criação da Escola de Enfermagem, considerando como um “espaço praticado” e não um lugar estabelecido aleatoriamente pelas normas. Onde se apresentam vários “praticantes do espaço urbano”, cujas práticas constituem-se em operações ou “maneiras de fazer”. Sendo assim, cada fonte elencada é uma representação de uma época que se apropriou de forma singular do espaço a ser analisado.

Em pequena nota publicada em um blog pertencente a um vereador local, uma fala da diretora Iara Lacerda, após audiência pública realizada na Câmara de Vereadores de Campina Grande, no ano de 2010, nos instigou a prosseguir na pesquisa: “Fui diretora de uma escola que existe há 48 anos, ainda no governo de Pedro Gondim¹², um gestor que tinha uma visão de futuro. Ela faz parte das comemorações do centenário de Campina Grande e imprimiu um padrão de qualidade na vida de muitos jovens daquela época.¹³

Considerando tais prerrogativas, começamos a delinear nossos objetivos para a presente dissertação, sendo o principal: problematizar a criação da Escola Regional de

¹² Pedro Moreno Gondim, advogado militante, ingressou na vida pública em 1946, quando fundou, com outros compatriotas, o antigo Partido Social Democrático (PSD). Ele foi eleito Deputado Estadual, reelegendo-se para um segundo mandato, mas não exerceu por ter sido designado pelo governador José Américo de Almeida para ser o Secretário da Agricultura, Viação e Obras Públicas do Estado da Paraíba. Pedro Gondim foi também eleito vice-governador e, durante o período de 1958 a 1960, assumiu o Governo do Estado, pois o governador Flávio Ribeiro Coutinho afastou-se por motivos de saúde. Em 1960, Pedro Gondim afasta-se do governo para candidatar-se ao cargo de governador, sendo eleito, derrotando Janduhy Carneiro. Com o golpe de 1964, Pedro Gondim ainda continua no cargo, até 1966, quando se candidatou a deputado federal pela Arena. Repassou o cargo ao então governador eleito João Agripino e teve seus direitos políticos cassados por dez anos, perdendo seu mandato de deputado. Somente em 1979 é anistiado pelo presidente João Figueiredo. Gondim retomou as atividades políticas filiando-se ao PMDB e candidatou-se ao Senado Federal, atendendo aos apelos de amigos e às conveniências do partido. Não tendo alcançado a vitória, afastou-se da política, continuando, como ele próprio um dia afirmou “colaborador e não postulante”. Em 1985 ele ocupou uma diretoria do Banco do Nordeste, deixando o cargo ao término do mandato, em 1990. Pedro Gondim faleceu em 26 de julho de 2005, na cidade de João Pessoa.

¹³ Disponível em www.antoniopereira15678.com.br/noticias/1279808026.html. Acesso em 18 de setembro de 2012.

Auxiliar de Enfermagem em Campina Grande, no ano de 1964. Para isso, precisamos inicialmente pensar nas normas e condições de saúde dos campinenses daquela época.

Assim, organizamos o trabalho em dois capítulos. Nosso primeiro capítulo versa sobre a modernidade e as condições de higiene de Campina Grande. Nossas fontes de análise são o jornal Diário da Borborema¹⁴ e os semanários municipais daquela época, que nos mostram o cotidiano de uma cidade que se transforma, que ganha novos ares com a criação de novas espacialidades. Desse modo, por meio de representações, de discursos de políticos e intelectuais da época, pretendemos visualizar as condições de saúde da cidade.

Essa colocação de Albuquerque Júnior foi bastante profícua para fomentar o primeiro capítulo da dissertação.

(...)A construção de prédios, a construção de escolas por si só aparece como um tema recorrente nos escritos sobre história da educação. Embora saibamos que a construção de um espaço específico para a prática do ensino é produto de mudanças históricas e culturais relevantes e que a arquitetura escolar, a disposição dos objetos em seu interior dizem muito sobre a concepção de educação, sobre que tipos de sujeito se quer formar, muitas vezes essas narrativas sobre a implantação de unidades escolares não deixam de estar ainda atravessadas pela a mitologia que justificou a própria criação desses espaços, que os apresentavam como eventos que representavam a chegada da civilização, do progresso, da modernidade e das luzes onde se implantavam. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.25).

Essa parece ser uma justificativa contundente para pensarmos a modernidade e a saúde, em consonância com a criação da Escola Regional de Enfermagem.

No segundo capítulo, buscamos trabalhar esses discursos que fundamentaram a criação da Escola Estadual de Enfermagem. Buscamos, também, durante a análise do funcionamento desse espaço escolar, procurar esclarecer. A partir disso, procuramos justificar a fabricação dos profissionais de saúde nessa temporalidade.

Ainda neste capítulo, procuramos explorar a textualidade oral, abrindo espaços para que os profissionais, frutos dessa escola, falem sobre ela. É um momento de ouvir, de sentir,

¹⁴ O Diário da Borborema foi inaugurado em 2 de outubro de 1957, pertencente á cadeia dos Diários Associados. Segundo Fátima Lopes (1985) foi inspirado pelo jornalista Assis Chateaubriand e contou com o apoio de Epitácio Soares, que atuou durante alguns anos como secretário, Stênio Lopes, Gilbran Asfora e Lopes de Andrade, que nos primeiros anos escrevia com o pseudônimo de Marquês de Clouny a coluna social.

de ser sensível à voz de diversos estudantes e ex-professores da Escola de Enfermagem de Campina Grande. É um momento de ouvirmos as vozes esquecidas pela historiografia campinense. Albuquerque Júnior, leitor de Certeau, assim diz sobre a relação relato e espaço: “Como diz Michel Certeau, os espaços são lugares praticados, mas são também fruto dos relatos destas práticas das representações que aí ocorrem.” (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2008, p.81).

Dessa forma, as memórias são vastamente utilizadas, principalmente porque a Escola de Enfermagem fechou as portas no ano de 2011, deixando uma lacuna em termos de documento escrito, visto que até o dado momento não conseguimos identificar o que foi feito dos arquivos da Escola. O prédio da Escola está desativado, mas segundo ex-funcionários oficialmente continua aberta. A Secretaria de Educação tem muito pouco a informar sobre o fechamento da Escola Estadual de Enfermagem, dificultando assim o desenvolvimento desse trabalho acadêmico.

Dessa maneira, nos resta explorar sua atual forma de existência nesses relatos memorialísticos, nas memórias de homens, mulheres, diretores, alunos, professores, funcionários, que construíram cotidianamente os espaços da escola. Mas isso nos possibilitará mostrar as relações de pertença dos sujeitos a esse lugar de produção de saber.

Em relação à abordagem sobre memória, fundamentamos o nosso trabalho nas contribuições dadas por Certeau (2007; 2008), que oferece subsídios para a análise dos relatos orais objeto de investigação deste estudo. Segundo ele, Nossos habitats sucessivos jamais desaparecem totalmente, nós os deixamos sem deixá-los, pois eles habitam, por sua vez, invisíveis e presentes, nas nossas memórias e nos nossos sonhos. Eles viajam conosco. (CERTEAU, 2008, p.207).

A escolha dos nossos entrevistados seguiu, também, as indicações teóricas e metodológicas de Certeau (2008), visto que procuramos personagens anônimos do cotidiano da cidade campinense que levam esse habitat em sua memória. Embora eles estejam espalhados pelas instituições de saúde dessa cidade e até em outros Estados, alguns se dispuseram a contribuir com a nossa pesquisa. Entrevistamos três ex-alunas, duas concluíram o curso entre as décadas de 60 e 70 e a outra no ano de 1986 quando a escola mantinha um convênio com o colégio estadual Dr. Elpídio de Almeida. Duas professoras uma que

participou da fundação da escola e a outra que lecionou por mais de vinte anos na escola. Foi entrevistado um enfermeiro que não estudou na escola, mais que participou indiretamente da sua fundação.

As narrativas sobre o que não mais existe – sejam espaços, sejam pessoas – fazem florescer as melhores lembranças, as mais afetuosas, as mais sensíveis. Nas entrevistas referentes à Escola de Enfermagem, esta assertiva de Michel Certeau foi extremamente contundente com a situação de fala das entrevistadas e entrevistados:

(...)Vozes vivas e diversas que se aprovam, se comovem e se lembram; vozes que se lastimam, respondem e se contradizem. Vozes que revelam, sem pretensão, com palavras do cotidiano, práticas comuns. Vozes de mulheres que revelam a vida das pessoas e das coisas. Vozes, simplesmente vozes. (CERTEAU, 2008, p.224).

Ouvir, transcrever, traduzir essas vozes, captar a sensibilidade dessas histórias certamente serão desafios a serem vencidos no segundo capítulo deste trabalho. Essas levezas da alma são difíceis de traduzir, como bem coloca Pesavento (2007, p. 15):

As sensibilidades são sutis, difíceis de capturar, pois se inscrevem sob o signo da alteridade, traduzindo emoções, sentimentos e valores que não são mais os nossos. Mais do que outras questões a serem buscadas no passado, elas evidenciam que o trabalho da história envolve sempre uma diferença no tempo, uma estrangeiridade com relação ao que se passou por fora da experiência do vivido.

É por meio da sensibilidade que pretendemos esboçar uma alteridade em relação ao passado. Uma diferença entre o tempo do narrador e do fato narrado. Sem esse exercício, não é possível estabelecer uma reconfiguração do passado diante da fonte histórica, seja ela escrita, seja oral.

No texto publicado no jornal *A União*¹⁵ em 26 de maio de 1962, intitulado “Ternura veste Branco”, um convite às “mocinhas” paraibanas a ingressarem no curso de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba. No artigo do jornal *A União*, são explicitadas as delicadezas da alma e as levezas do corpo, que uma boa enfermeira deve ter, assumindo

¹⁵ *A União* “Foi fundado no dia 2 de fevereiro de 1893, uma quinta-feira, pelo presidente da província, Álvaro Machado, o jornal *A União* é o periódico mais antigo dos que hoje circulam no Estado da Paraíba, aparecendo também como um dos mais velhos do Nordeste. (LOPES, Fátima. 1985, p.255).

muitas vezes o papel de anjo junto ao leito do paciente. Visão antes tão disseminada socialmente, mas que vem sofrendo mudanças, dando lugar a figura do profissional de enfermagem. Nos chamou atenção e serviu de inspiração para o título dessa narrativa, por entender que Enfermagem não é apenas disciplina e objetividade, mas também uma questão de sensibilidade.

Segundo Passos(2012), o sentido da palavra enfermagem está agregado ao da mulher á medida que ela surgiu para designar os cuidados maternos com a criança. Esses cuidados se davam geralmente em três direções “no nutrir, no direcionar e no manter”. O nutrir como uma forma de “proteger, fortalecer, manter e aliviar”. Direcionar no sentido de mostrar um caminho, auxiliar o individuo a se integrar socialmente. O manter, no sentido da integração social do individuo. Essas atividades eram atividades entendidas como próprias ao sexo feminino, por sua personalidade afável, delicada e solidaria, bem como por sua constituição física e biológica. Aos poucos essa tendência feminina para o cuidado de crianças se estendeu para o cuidado com enfermos. Essas construções feitas sobre o papel da mulher alcançam também o papel da enfermeira, pois a mulher não nasce mãe, mas um ser humano do sexo feminino.

A Enfermagem é uma das profissões mais antigas que se tem notícia, desde o antigo Egito, na Grécia, ou em Roma existiam mulheres que prestavam cuidados aos enfermos. Paixão(1979) coloca que mesmo nas longínquas eras a mãe foi a primeira enfermeira da família. Ela ainda afirma:

ORIGENS DA ENFERMAGEM: O tratamento do enfermo depende estritamente do conceito de saúde e doença. Depende porém, ainda mais, dos sentimentos de humanidade que nos levam a servir a nosso semelhante, principalmente quando o vemos sofredor e incapaz de prover às próprias necessidades.(PAIXÃO,1979,p.19)

Sendo assim, a prática da Enfermagem está associada à forma como uma sociedade cuida ou assiste seus enfermos. As mudanças na assistência médica em Campina Grande com a abertura de novos hospitais, por exemplo, na década de 60 trouxe a necessidade de mão de obra qualificada. No entanto, a Enfermagem enquanto profissão não está ligada apenas às mudanças no cenário urbano, mas vincula-se ainda a um ideal de ser angelical e benevolente. Essa imagem muitas vezes é alimentada pelas mulheres-enfermeiras que reafirmam esse lugar de anjo.

É preciso estranhar “o passado, os sentidos e as motivações ocultas no tempo”, como bem coloca Pesavento (2007, p.18). É a produção desse estranhamento que buscamos neste trabalho acadêmico, para então percebermos a significação dessa escola para o individual e para o coletivo, dessa cidade.

Nesse sentido, esta narrativa se dedica a construir uma produção histórica sobre a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, considerando os discursos e os sujeitos históricos que possibilitaram sua criação, dando um sentido à sua existência e um lugar na produção historiográfica atual. Adequando-se, portanto, à Linha de pesquisa Cultura, Poder e Identidades do Programa de pós-graduação-UFCG que objetiva o estudo das intervenções médicas no corpo urbano, considerando as relações de poder, os lugares de quem pronuncia discursos e o disciplinamento dos corpos.

Por meio deste trabalho, será possível adentrar em uma época diferente da nossa (embora não muito distante) – com outras concepções de saúde e de doença, de formação profissional e de maneiras distintas de gerir o espaço, de pensar o corpo, de se relacionar consigo e com o outro. Com isso, esperamos que o leitor entenda a função de uma Escola pública de Enfermagem, bem como o papel da Enfermagem enquanto profissão, tanto no espaço hospitalar como no espaço social.

CAPÍTULO 1

CAMPINA GRANDE (1960): MODERNIDADE E HIGIENE

Nos anos 60 do século XX, Campina Grande passava por um processo de transformação urbana intensa. Crescia o número de casas, as ruas passavam a ser mais amplas, saneadas e eletrificadas, embora o serviço de saneamento e de eletrificação não chegasse à casa de todos os campinenses, mesmo após a construção da Adutora de Boqueirão, no final dos anos 50.

A modernidade se configura “como um novo tipo ou uma nova maneira de experiência do tempo e do espaço” (RODRIGUES, FALCON, 2000, p.230). Representadas nos jornais e crônicas da época que versão sobre a cidade e o processo de modernização por que passava. Cercado de rupturas e continuidades com o passado a modernidade se mostra cercada de ambiguidades. Convivendo no mesmo espaço o velho e o novo, numa constante fase de transição de valores e costumes.

A construção da Escola de Enfermagem ocorreu em meio a esse período de transição de valores antigos e modernos, de expansão comercial e econômica, cultural e científica, e de novos lugares para assistência médica. Necessário se fez compreender o contexto histórico-social de Campina Grande, as estratégias utilizadas pela elite campinense para aceitação de novas formas de relacionar-se com o espaço, com a doença, com a saúde.

Para então compreender de que maneira a criação da Escola de Enfermagem articulou-se a essas novas formas de relacionar-se com o espaço, com a saúde e com a doença. E aos poucos foi estabelecendo na cidade uma nova forma de educar os trabalhadores de Enfermagem em nível auxiliar. Não extinguiu os que por acaso exerciam essa profissão sem formação adequada, mas possibilitou a formação profissional gratuita e em seu próprio espaço cidadão.

Conviviam no hospital novos e antigos costumes, assim como no espaço da cidade. Um bom exemplo, de como os espaços da cidade estava sofrendo ressignificações é o Açude Velho. Em épocas anteriores as águas do açude eram utilizadas para banhos, e o local reunia várias pessoas em sua orla. Aos poucos isso foi sofrendo modificações e na década de 60

observa-se outra postura em relação ablução no açude. Nesse fragmento, da crônica de Lopes de Andrade¹⁶, percebe-se a ressignificação que o Açude velho sofre em finais dos anos 50:

Depois da descoberta da virulência da xistossomose nos sujos rios de Pernambuco e das análises reveladoras do Dr. Queiroga, tornou-se um perigo tomar banho de mergulho no Açude Velho. Por outro lado, a edificação urbana, aos poucos, foi tomando conta das margens do reservatório, afastando os banhistas matinais. Diante do hoje palacete funcional da “Sociedade Médica”, ficava nada menos do que “o porto dos homens”, um lugar onde toda Campina masculina costumava tomar banhos domingueiros, completamente em traje de Adão.[...]. O Açude Velho vai agora mudar de fisionomia, como já mudou várias vezes de utilidade, desde que foi construído xistossoma amedrontou os banhistas e as indústrias de beneficiamento do algodão breve lhe farão a desfeita de trocar o uso de suas pobres águas pelas limpas e grã-finas águas do Boqueirão. É a marcha inexorável do tempo, aliada à fatal mudança das coisas (ANDRADE, 1985, p.46).

Os campinenses estavam dando outro significado ao açude, estavam atualizando seu uso. Estabelecendo outras formas de relacionar-se com aquele lugar, que ao ser dinamicamente ocupado passa a ser um lugar praticado. Nas palavras do cronista aparece uma face de Campina Grande influenciada pelo saber médico, enlevada por uma atmosfera de modernidade. Esse trecho da crônica representa bem as mudanças sofridas pela cidade e de como o próprio campinense, no caso cronista e intelectual Lopes de Andrade se apropria do espaço, e o lança nas paginas do jornal.

O que chamou atenção nesta crônica foi justamente o lugar privilegiado que o autor coloca o saber médico. A indicação da localização do “palacete funcional da Sociedade Médica”, e a própria valorização da ciência do Dr. Queiroga como fator decisivo para os campinenses afastarem-se do açude enquanto local para banhos, nos leva a percepção de que o espaço citadino estava passando por um processo de medicalização e modernização.

Na foto abaixo os campinenses utilizavam o Açude Velho como espaço de lazer e práticas desportivas. O açude passa de um espaço representativo de praticas saudáveis para

¹⁶ Muitas crônicas de Lopes de Andrade foram publicadas em livro, Uma Militância na Imprensa: Estudos de urbanização, Política, Economia, Educação e Literatura. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba; GRAFSET, 1984. Essa por exemplo, consta neste livro, mas foi publicada originalmente no Diário da Borborema em 20 de novembro de 1957.

um lugar fonte de sujeira e doença. Essa transformação na representação desse espaço público foi mediada por um médico, e apropriada pelos moradores da cidade.



Figura 1 Açude Velho anos 50. Competição de Natação.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/>¹⁷

Os campinenses acreditavam, certamente, que, ao aderirem a essas novas concepções de vida, estavam progredindo, porque, como bem afirma Nara Brito, “O mito do progresso social é uma crença constitutiva da institucionalização da atividade científica, pois gera valores positivos e justificativas necessárias à sua aceitação e ao apoio que a ciência exige para implantar-se e desenvolver-se” (BRITO, 1995, p.8).

Progredir significava deixar para trás práticas e hábitos ruralistas. Mas na época, a cidade passava por um processo de transição onde coexistiam valores antigos e modernos, rurais e urbanos, conforme analisa a historiadora Silêde Cavalcanti (2000). Sendo assim, o novo significado que o açude velho ganha está, de certa forma, atrelado a uma concepção de vida moderna, de hábitos que emergem a partir das primeiras décadas do século XX.

Avançando mais no tempo, mais precisamente o ano de 1966 o jornal Diário da Borborema publica um apelo à população campinense com o intuito de combater um surto de febre. O então diretor do Centro de Saúde, Dr. João Vasconcelos, procura a redação do

¹⁷ Acesso em 2 de Agosto de 2012. Segundo o blog, a foto foi captada durante a realização de uma competição de natação, parte dos eventos comemorativos em um dos aniversários de Campina Grande na década de 50. A foto é de autoria de José Cacho.

jornal para esclarecer a população sobre as condições de higiene das vias públicas e pedir a cooperação da população.

Em virtude do Centro de Saúde haver concluído que há na cidade de Campina Grande, um número bastante acentuado de verminoses e em face de haver aparecido ultimamente vários casos de febre tifoide, devido à contaminação feita através de moscas, resolveu tomar todas as medidas de apreensão dos animais soltos no centro da cidade e seus bairros, para, com isto, fazer diminuir ou mesmo evitar um grande surto de febre tifoide e de outras doenças contagiosas. Para isto, a direção do Centro solicitou ao prefeito Williams Arruda a colaboração da Prefeitura Municipal, tendo o chefe da Municipalidade se prontificado a fornecer um transporte e todo o pessoal necessário aos trabalhos de correção. Esses funcionários deverão se apresentar, com o referido transporte, as oito horas da próxima terça-feira, dia dezesseis, no Centro de Saúde, à Rua Venâncio Neiva, para início da campanha¹⁸

O médico, segundo o jornal, é aquele indivíduo que planeja limpar a cidade de todas as mazelas e doenças, educar a população que ocupava de forma irregular o espaço. Enfrentando as precárias condições de salubridade que afligiam a cidade “por não haver na cidade serviço de esgoto”, e no mesmo espaço conviver animais e crianças brincando nas calçadas. Entretanto, essa limpeza urbana não dependia só de um médico, mas de todo um conjunto de valores que estava sendo subjetivado pelos campinenses. Talvez o campinense de nossos dias não consiga imaginar uma cena como essa em ruas centrais da cidade, por exemplo, mais na Campina dos anos 60 parece ser cena corriqueira. Também difícil crer que o diretor do Centro de Saúde aceitasse denúncias anônimas de locais considerados insalubres, como bares e hotéis que funcionavam na cidade. Dessa forma, a população funcionaria como sentinela do próprio espaço. Apoiada num movimento/discurso higienista veiculado pelo médico e assim definido por Pykosz (2009).¹⁹

O movimento higienista pode ser caracterizado como um dos mais ambiciosos projetos de intervenção social que conheceu a modernidade ocidental. Pretendendo mais que definir novos padrões de saúde, tinha na educação de novas formas de sensibilidade uma das suas principais motivações. Cobrindo uma gama muito ampla de

¹⁸ Prefeitura e Centro de Saúde vão combater surto de febre. Diário da Borborema. 11 agosto de 1966.

¹⁹ Pykosz. Lausane Corrêa. OLIVEIRA, Marcus Aurelio Taborda de. A HIGIENE COMO TEMPO E LUGAR DA EDUCAÇÃO DO CORPO: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do estado do Paraná. Currículo sem Fronteiras, v.9, n.1, p.135-158, Jan/Jun 2009.

saberes e práticas com claro fito de intervenção sobre a vida pública e privada, como movimento conheceu avanços e retrocessos e comportou uma dispersão discursiva que ganhava matizes diferenciados nos tempos e lugares onde ressoava. As preocupações com a infância – nascimento, lactação, banhos, asseio corporal, vestuário –, com a vida doméstica – saúde e papel social da mulher, limpeza, prevenção de doenças e vícios como o álcool e o jogo – e com o espaço público – urbanização, ordem, combate à propagação de moléstias e epidemias – formam um conjunto nada desprezível sobre o que pode ser caracterizado como moderno e modernizador, ainda que iniciativas voltadas para a saúde individual e social não sejam prerrogativas apenas dos tempos modernos (BOLUFER PERUGA, 2000 apud PYKOSZ; OLIVEIRA, 2009, p.136).

Com vista a propagar esse discurso higienista e livrar a cidade das moléstias, o médico utiliza de vários artifícios para convencer o leitor de seus argumentos. Na sua fala a insalubridade do espaço não parece limitar-se as ruas e avenidas da cidade, mais também a bares, restaurantes, hotéis e indústrias, necessitando, portanto da atuação de guardas sanitários para uma vigilância adequada [...] para fazer funcionar os seus estabelecimentos de maneira condignamente, de maneira que um ser humano sintá-se bem ao utilizar seus utensílios, que não devem conter a mínima contaminação de doenças²⁰

A sujidade das pocilgas e demais antros da cidade, causa desconforto ao olhar do médico, que não se satisfaz em pedir a colaboração da população por meio de entrevista ao jornal. Assim, nomeia um guarda sanitário, por nome Jesiel, para comandar a inspeção na cidade com o pessoal cedido pela prefeitura. Na matéria do jornal não fica claro se as pessoas cedidas pela prefeitura tinham alguma formação específica para recolher os animais soltos pelas ruas e transportá-los para o “Cariri”. Eles teriam a função de fazer valer o que preconizava as ordens médicas no espaço urbano, o que no espaço hospitalar seria função da Enfermagem.

Através do jornal podemos perceber que o médico necessita de indivíduos que apoiem e se aproprie de seu discurso, legitimando assim suas medidas higiênicas sobre o espaço. Essa apropriação não se daria de forma passiva, cada indivíduo deve ter usado esse discurso de forma estratégica para se mover nesse espaço. Burlando as leis e normas que o Dr. João Vasconcelos tentava impor sobre seus corpos, seu local de trabalho ou lugar de morada.

²⁰ Prefeitura e Centro de Saúde vão combater surto de febre. Diário da Borborema. 11 agosto de 1966.

Os discursos relativos à higienização dos espaços públicos adentram o espaço privado, dando novos sentidos à cidade. Segundo Certeau (2007) seria a mobilidade imposta pelos andarilhos desse espaço que o faria funcionar. O caminhante ou andarilho na visão de Michel Certeau seria qualquer homem, um sujeito comum, um anônimo, o sujeito ordinário. Não só a figura do médico estava transformando a cidade, mais um conjunto de pessoas conclamadas a aderir ou não ao discurso higienista.

O médico, João Vasconcelos, no momento de sua fala ao jornal se mostra como um transeunte, o homem comum que na complexidade de sua caminhada pela cidade, interage com o espaço e faz emergir novas singularidades. Campina se mostra nas palavras do médico como um lugar insalubre, que está sofrendo um processo de transformação do meio urbano. Ele utiliza a estratégia que é assim concebida.

Chamo de ‘estratégia’ o calculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU,2007,p.46)

Diante disso, podemos perceber a sutil mudança de sensibilidade dos habitantes da cidade com relação ao próprio espaço urbano. E de como essa vontade médica de mudar a relação e a percepção do espaço é baseada em uma estratégia discursiva. Manipula as palavras, manipula os espaços, e aos poucos vão instituindo lugares para promover a saúde e a educação.

Dessa forma, o discurso higienista está atrelado às novas formas de se relacionar com os lugares e manipula a criação de outros. Estrategicamente posicionado em meio a outras forças sociais ele gera argumentos positivos para a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Mais uma vez o discurso higienista é defendido no jornal.

Dr. Pedro Moreno Gondim, nosso ilustre governador do Estado visão Plástica, homem cujo senso impulsionador, sempre presente nas grandes batalhas. Visando o bem-estar da comunidade campinense criou e está ampliando o distrito Industrial, criou o (CONCENT), Fórum, Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, ambulatórios, quadras de vôlei, basquete, futebol. Ampliou a rede de abastecimento de água até o bairro de Santa Rosa, até o convento Redentorista em Bodocongo. Melhoramentos na sede do GRESSE. Doou um moderno

elevador hospitalar ao Hospital Pedro I, COMCENT fez doação de 50 milhões de cruzeiro á Faculdade de Medicina de Campina Grande²¹

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem é elencada como um espaço destinado “ao bem-estar da comunidade campinense”, certamente foi pensada como um equipamento educacional com vistas a promover uma melhor formação aos profissionais de saúde da época. Figura então, nas palavras do cronista, entre obras que significavam urbanização e modernidade, mas também significavam a elaboração de novos espaços destinados à curar a cidade, à medicalizar o sujeito campinense.

A criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem pode estar relacionada à criação de novos espaços de saúde na cidade e ao discurso sobre a modernidade. Na medida em que o número de hospitais cresce, as lacunas em relação a esses profissionais são mais nítidas. Fazendo com que sua qualificação e prestação de serviços sejam postas em xeque pela população.

Se o médico pretende higienizar o ambiente público, o espaço hospitalar pretende limpar seu ambiente privado de profissionais sem qualificação profissional adequada. Pois, o discurso higienista circula num eterno dialogo entre os espaços públicos e privados, fazendo com que novas práticas adentrem o espaço da cidade.

A modernidade enleva de novos significados vários aspectos sociais, levando os campinenses, via discurso político e médico –higienista dar uma nova cara a Enfermagem campinense por meio da criação de espaços educacionais para a formação de profissionais de saúde.

²¹ Diário da Borborema. 11 out 1964. Caderno Homens e Fatos. Meditação do dia do Centenário. Quem assina o texto é Lopes de Andrade Esse número do jornal circulou no dia Centenário em 11 de outubro de 1964, o trecho aqui reproduzido está no caderno Homens e Fatos Meditação do dia do Centenária, escrito por Lopes de Andrade no tópico dedicado às Personalidades do Centenário.

1.1 A carência de profissionais de saúde.

Antes de analisarmos a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem é preciso pensar sobre as carências que sofria a cidade na década de 60, uma delas é o número de profissionais de saúde, entre eles os profissionais de Enfermagem.

O número de profissionais de enfermagem era pouco e mal qualificado, os poucos com alguma formação escolar vinham de outras cidades. No quadro abaixo, retirado do livro Um estudo da Rede Médico Hospitalar de Campina Grande, datado do ano de 1965,p.40, podemos observar onde atuavam esses profissionais.

HOSPITAIS DE CAMPINA GRANDE							
PESSOAL TÉCNICO E CIENTÍFICO (QUADRO XXIII)							
ENTIDADES	NUMERO DE LEITOS	PESSOAL					
		Médicos	Odontólogos	Farmacéuticos	Ass. Sociais	Nutricionistas	Enfermeiras Diplomadas
Hospital Alcides Carneiro.....	151	51	4	1	1	5	26
Maternidade Elpidio de Almeida.....	117	14	—	—	—	—	1
Hospital Pedro I.....	150	—	—	—	—	—	—
Casa de Saúde Francisco Brasileiro.....	45	1	—	—	—	—	—
Pronto Socorro.....	47	12	—	—	—	—	—
Instituto de Neuropsiquiatria e Reabilitação.....	37	1	—	—	1	—	—

PESSOAL DE ENFERMAGEM (QUADRO XXIV)					
ENTIDADES	NUMERO DE LEITOS	PESSOAL ENFERMAGEM			
		Diplomados	Auxiliar Enfermagem	Atendentes	Enfermeiros Práticos
Hospital Alcides Carneiro.....	151	26	4	42	—
Maternidade Elpidio de Almeida.....	117	1	—	36	—
Hospital Pedro I.....	150	—	17 sem curso	—	—
Casa de Saúde Francisco Brasileiro.....	45	—	—	4	—
Pronto Socorro.....	47	—	29 sem curso	—	5
Instituto de Neuropsiquiatria e Reabilitação.....	37	—	—	3	—

Figura 2. Quadro de Pessoal Técnico e Científico. Reprodução. Fonte: SILVA, Geraldo J. da Rosa; VALENTE, Ârne de Oliveira. Um estudo da Rede Médico Hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional. 1965.

Os médicos, como podemos observar, estão em maior número, o que não significa dizer o suficiente para atender as demandas populacionais. E os profissionais de Enfermagem divididos em vários segmentos profissionais, somados chegam perto do número de profissionais médicos. A medicina em relação à Enfermagem geralmente é hipervalorizada pela sociedade. Isto ocorre, em várias localidades e em temporalidades diferentes.

A Enfermagem acha-se vinculada ao ato de cuidar e servir, e não de curar como geralmente a imagem da medicina é associada. Colocando a Enfermagem como uma atividade secundária em relação à medicina, mesmo que até certo ponto caminhem juntos, partilhem conhecimentos e experiências no ambiente hospitalar e acadêmicos, seu saber e função são diferentes.

Talvez, está seja a primeira relação hierárquica e desvalorizadora da profissão de Enfermagem, a subordinação de seu saber a outro em várias situações no ambiente hospitalar ou em outras instituições de saúde. Enquanto o médico faz diagnóstico, prescreve, estuda a doença e chega à cura. A enfermagem serve ao médico e aos necessitados, observar, administra remédios, cuida e, às vezes, ouve o paciente.

É esta posição de apenas cuidadora que segundo Passos (2012) vai gerar uma concepção de enfermagem “como ocupação de anjos e não como uma atividade científica, exercida por pessoas com conhecimentos e com poder de decisão”(PASSOS, 2012, p.50). Uma concepção de que as mulheres encarnariam melhor a figura do anjo, da intermediadora entre o homem e Deus, da que vela, toma conta de, aquela que procura manter a vida do indivíduo ou do grupo por meio da satisfação de suas necessidades vitais. Atividades que ao ver de muitos não implicaria preparação adequada ou demonstração de conhecimentos específicos.

Havia em Campina Grande na referida temporalidade uma carência, o que não significa dizer inexistência, de profissionais de saúde. Principalmente de profissionais de enfermagem, que vinham da capital ou simplesmente aprendiam a profissão de forma empírica, mas não profissional. Mesmo contabilizados os profissionais de enfermagem com diploma com os sem formação regular, não supriam as necessidades assistenciais dos estabelecimentos de saúde da cidade.

Segundo Manoel Joaquim Barbosa, enfermeiro prático, como se dizia nos anos 60, conhecido na cidade por sua longa atuação em hospitais e no seu próprio posto de enfermagem, sua carreira política como vereador e ocupante de outros cargos de confiança em órgãos públicos. Testemunha viva do processo de urbanização e modernização de Campina Grande. Ele assim explica como se dava a digamos “formação” de auxiliares de enfermagem.

Tinha um doente, uma moça doente, por exemplo, ia para o hospital X. E a doença era custosa, ficava lá internada. Pois lá[no hospital]aprendia alguma coisa. E o próprio doente ficava lá pra ser enfermeira. Geralmente, quase era isso. Não havia escolas especializadas. Depois foi melhorando e hoje não existe mais isso. Só seleciona quem é habilitado na profissão. [...] Naquele tempo tinha tipo uns cursinhos. Por que a escola oficial só veio em 64 com a escola de auxiliar de enfermagem.²²

A formação era inadequada para os nossos dias, mais estava em sintonia com o contexto histórico-social da época. Onde o que prevalecia era o caráter emergencial, onde o individuo aprendia os procedimentos de enfermagem de apenas de ver fazer. Saber fazer, aprender a fazer, dizer como fazer [...]. (CERTEAU, 1998, p.287) eram as operações realizadas por indivíduos ao transmitir, apropriar-se e resignificar seus conhecimentos no ambiente hospitalar. Burlando as normas aceitas para legitimar o conhecimento por meio de escolas de enfermagem, que na época já existiam em número considerável por todo país.

Mesmo a formação dentro do ensino oficial como é o caso dos estudantes da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, obedeceu de certa forma, o caráter emergencial segundo Maria do Carmo:

Auxiliar de Enfermagem era o que estava precisando e o que podíamos formar. [...] Formação para atender melhor o paciente, trabalhar em conjunto com a Enfermeira, pessoal do laboratório e raio X, integrar a equipe²³. As lacunas de pessoal serviram de argumento para se planejar o oficialização e normatização desse ensino.

Algumas pessoas que vivenciaram esses tempos compreendem que essa formação das atendentes de enfermagem era inadequada. Até mesmo em épocas mais contemporâneas, depoentes afirmam que seus parentes ou amigos, atualmente auxiliares ou técnicos de enfermagem, aprenderam de “ver fazer”. Muitos técnicos e auxiliares iniciaram suas trajetórias profissionais assim: “José trabalhava no hospital como servente, olhava as enfermeiras trabalhando, aprendeu e foi contratado”. A frágil formação profissional de auxiliares e Enfermeiras(os) não é algo recente ou típico de cidades interioranas como se pode pensar mais algo construído e estigmatizado na profissão. Levando a uma desvalorização dos serviços desses profissionais de saúde.

²² Entrevista concedida por Manoel Joaquim Barbosa em 2012.

²³ Entrevista concedida por Maria do Carmo em 2008.

Na imagem abaixo podemos observar a escolaridade de quem exercia a enfermagem no hospital Pedro I, bem como o funcionamento dos turnos de trabalho das auxiliares de enfermagem em um período de escassez dos mesmos. Boa parte dessas fichas mostra a baixa escolaridade dos profissionais de Enfermagem, muitos moravam no próprio hospital.

REGISTROS DE EMPREGADOS N. 46

HOSPITAL PEDRO I - Rua Pedro I, 605

Nome Alaide Araújo

Filiação (Pai Manoel Francisco de Araújo
Mãe Maria Madalena da Conceição)

Profissional N. 2.533 Série 200

Instituto N.

Carteiras Reservista
Estrangeira

Sindicato a que pertence _____ Matrícula _____

Estado Civil Solteira Instrução Primária Idade 27 anos

Data do nascimento: 24 de Dezembro de 1936 Nacionalidade Brasileira

Lugar do Nascimento Puxinanã

Residência Avenida Liberdade, 23 Data da admissão 01/01/1962

Quando Estrangeiro: Data que chegou _____ / _____ / _____ É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Auxiliar de Enfermagem Salários? R\$ 70,00

Para trabalhar das 14 às 22 horas com intervalos de 2 horas para descanso
nos sábados das 14 às 18 horas num total de 48 horas semanais.

Forma de pagamento Mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado _____ Data _____

LIBRARIA PEDROSA

Figura 3.Registro de empregados . Fonte:Arquivo do Hospital Pedro I.

Tempo de trabalho mal administrado na visão dos consultores hospitalares, e mal remunerado na visão de Manoel Barbosa, que tentou lutar por melhores condições salariais e de trabalho na década de 1960. Em outras fichas encontramos no local destinado ao preenchimento do endereço do trabalhador, o endereço do próprio hospital. Apontando-nos outras possibilidades de utilização do espaço hospitalar por quem trabalhava nele. Mais do que um trabalho, um local de cura dos doentes, o hospital passar a ser morada. Fato que não se restringe ao hospital Pedro I, pois alguns funcionários antigos do hospital da FAP relatam que as enfermeiras holandesas moravam no próprio hospital.

Collière(1999) afirma que até a segunda guerra mundial a enfermagem prestava serviços em troca de roupas, comida ou alojamento nos hospitais. Não sendo reconhecida como um trabalho passível de se remunerado, mais como uma caridade para com os pobres. Isto também seria justificável pela formação das alunas de enfermagem que era baseada numa concepção religiosa sobre a profissão, vivendo a margem de outros grupos sociais. A autora

também faz uma colocação bastante pertinente para compreendermos a enfermagem em Campina Grande.

Durante muito tempo as enfermeiras hospitalares alojavam-se nos sótãos dos hospitais ou em quartos de trabalho por vezes situados nos serviços. Salvo exceção, foi só após os anos cinquenta que se começaram a construir lares de enfermeiras, dos quais alguns seriam gratuitos no início, em troca de limitações, de permanências ou de velas. O custo econômico da prática de enfermagem vai começar a ser estimado em custo monetário a partir de dois factores:

- _ o exercício liberal da prática profissional
- _ o início do salariado, como os encargos sociais aferentes.(COLLIÈRE,1999,p.96)

Em Campina Grande os primeiros lares de enfermeiras que tivemos notícias foi no hospital da FAP, em fins dos anos 60, onde as enfermeiras holandesas e algumas alunas de cidades vizinhas, moravam num lugar chamado Chamuá. As enfermeiras holandesas que trabalhavam no hospital chegaram a Campina Grande por meio de um convênio entre Brasil e Holanda, com vistas a prestar auxílio onde mais carecia de assistência médica e social.

Durante a pesquisa para essa dissertação, encontramos funcionários antigos de hospitais que nos relataram outros casos, como por exemplo, o de pessoas do interior que adoeciam e vinham para Campina se tratar, aprendiam uma função e ficavam trabalhando no hospital, chegando a fixar morada no mesmo.

Essa situação deveria ser agradável para os contratantes dessas pessoas, pois disfrutavam de mão de obra barata, e a disposição em tempo integral. Pois, um significativo número de pessoas morava nos hospitais campinenses. Esses indivíduos não tinham consciência do alcance de sua função. Se abstendo mesmo de mobilizar-se por melhores condições de trabalho, ou qualificação profissional oficial. Em meados da década de 1960 começaram a chegar a Campina Grande órgãos fiscalizadores dessa profissão e a implantação e funcionamento da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.

Certamente, essas novas instituições na cidade foram aos poucos moldando uma nova imagem para Enfermagem em Campina Grande. Afinal, a cidade vivenciava um

momento de mudanças na sua estética e nos seus valores, e a Enfermagem não pode ser compreendida fora do seu contexto histórico e social, como diria Waleska Paixão. Bem como, se faz necessário uma reflexão sobre o passado para maiores questionamentos sobre a Enfermagem em nossos dias. Por isso as colocações feitas por Collière(1999) são bastante pertinentes, a autora afirma que durante milhares de anos os cuidados com o corpo não pertenciam a um ofício ou profissão determinadas. Diziam respeito a qualquer pessoa que ajudava qualquer outra a garantir a vida e o que lhe era necessário para continuar a sua vida, em relação com a vida do grupo. (COLLIÈRE, 1999, p.27). Aos poucos está pratica foi sendo modificada, até chegar ao que hoje conhecemos como um cuidado mais cientificado, aprendido em escolas e universidades, e preferencialmente exercido em instituições de saúde.

O transcorrer do tempo levou a outras mudanças na formação e exercício da Enfermagem, como afirma Passos (2012) sobre as transformações ocorridas na enfermagem enquanto profissão.

Na trajetória histórica da enfermagem, o seu objeto não só se dividiu como também se multiplicou. Do simples **cuidado direto** com o ser humano, ele tornou-se **planejamento, produção e propagação do saber, administração e fiscalização** da assistência. Por outro lado, a enfermagem deixou de ser apenas **curativa** e ganhou dimensões **preventivas** e de reabilitação(PASSOS, 2012, p.31).

Essas mudanças por que passa a enfermagem ocorreu de modo lento e gradativo, apoiando-se na sistematização de conhecimentos sobre os cuidados com o corpo. Levando a certa burocratização dos cuidados, abrangendo tanto o corpo doente quanto o saudável.

Alguns autores afirmam que está sistematização de conhecimentos, não levou a um distanciamento do corpo. Porém, Kruse(2003) afirma Como enfermeira acostumei-me com a ‘naturalidade’ do manuseio com o corpo do indivíduo hospitalizado, bem como os discursos que o objetivam como corpo escolar, isto é, aquele corpo que é objeto de [...](KRUSE, 2003.p16). Essa percepção sobre o corpo a leva a construir sua tese em cima da desnaturalização dessa frieza com que as enfermeiras atuam sobre os corpos hospitalizados. Distanciamento pautado nas relações de poder que as enfermeiras exercem sobre o corpo.

Concordamos com Kruse(2003) ao afirmar que o saber cuida do corpo e o poder cuidar detém relação direta. E se mostra fundamental para o desenvolvimento do conhecimento científico das enfermeiras. Dessa forma, a instituição escolar modifica a percepção e os cuidados com o corpo hospitalizado.

A criação de uma Escola de Enfermagem na fala de Manoel Barbosa representou uma mudança nas condições de ensino/aprendizagem da enfermagem na cidade. Ao mesmo tempo em que reproduziu os cuidados com o corpo doente de modo sistemático e oficializado. Causou fissuras no tipo de profissionalização que se tinha até então na cidade, abrindo outras possibilidades para quem almejasse torna-se atendente ou auxiliar de Enfermagem.

Como podemos perceber no quadro reproduzido anteriormente observamos que certo número de profissionais que atuavam sem diploma. Na Inglaterra do século XIX Florence Nithingale, precursora da Enfermagem moderna, mostrou a fragilidade da prática profissional da enfermagem baseados na “intuição e no empirismo”, numa condição de apenas executora de tarefas e não de um saber qualificado cientificamente. [...] pouco mais que a ministração de medicamentos e aplicação de cataplasmas[...].(NITHINGALE, 1984, p.84 APUD PASSOS, 2012, p.21).

Florence tentou modificar esse quadro elevando o patamar moral e técnico da profissão dando preferencia em educar *ladies* bem nascidas e bem criadas para exercer o cuidado aos doentes, na sua escola. Estabelecendo uma divisão entre as lady-nurses e as nurses, as primeiras mulheres de classe social privilegiada, preparadas para o ensino, para a supervisão e outras tarefas de mando. As segundas, as nurses eram mulheres da classe trabalhadora, sem recursos para custear seus estudos, preparadas para um cuidado direto com os pacientes segundo Passos (2012). Estabelecendo uma divisão entre trabalho manual (menos reconhecido) e trabalho (intelectual mais valorizado).

Geovanini et al(2002) ao analisar a criação do curso de auxiliar de Enfermagem em 1941, na Escola Anna Nery, aponta para as divisões existentes dentro da profissão de enfermagem, pelos menos seis categorias diferentes: o prático de enfermagem, o enfermeiro prático, a visitadora sanitária, a parteira, a parteira prática, as irmãs enfermeiras. Divisão baseada na Enfermagem nightingaleana dos Estados Unidos, que previa a divisão da

enfermagem em níveis profissionais. Formando assim um sistema de hierarquia e subordinação dentro da própria profissão levando-os a lutarem entre si.

Nesse sentido, vale salientar a luta travada pela ABEN, nas décadas de 1940 e de 1960, como os profissionais da enfermagem de nível de escolarização inferior, como os auxiliares de enfermagem, no sentido de não permitir que os mesmos utilizassem o nome de enfermeiros, entendendo que esse era motivo da desqualificação dos enfermeiros diplomados e dos seus baixos salários. (PASSOS, 2012, p.58).

Essas lutas só mostram a face das discórdias entre enfermeiros e auxiliares, e outras tentativas de separação das duas carreiras retomaram entre 1963 a 1965. As atitudes das enfermeiras(os) em relação a sua titulação não mudaram muito nos últimos 48 anos, ainda hoje elas/eles acreditam que uma titulação influencia no seu reconhecimento enquanto profissional de Enfermagem.²⁴A utilização indevida de um título de doutor, pois entendemos que esse título cabe a quem cursou uma pós-graduação, e não a qualquer sujeito que cursou uma graduação, não necessariamente garante respeito e autoridade científica aos bacharéis de enfermagem. Cabe a esses profissionais uma reflexão apurada de como sua imagem é difundida na sociedade, para agir criticamente e alcançar o reconhecimento de seu saber.

No Brasil, atualmente a enfermagem está dividida em quatro categorias as enfermeiras, os técnicos, os auxiliares, e os atendentes. A primeira, cabe o trabalho intelectual, visto como privilegiado, o ensino, a pesquisa, o planejamento, a supervisão. Aos demais se dividem atividades manuais, de maior proximidade com o paciente, a higiene, a alimentação, administração de medicamentos.

Michelle Perrot (2008) afirma que Florence Nightingale preconizava os cuidados com o corpo como um ofício qualificado, paramédico, com salários decentes, para moças oriundas das classes medianas, que ela formara por ocasião da Guerra da Criméia. Justamente pelas condições e a própria qualidade da assistência prestada, a “Dama da Lâmpada” articulou mudanças significativas em relação à Enfermagem e ao próprio ambiente hospitalar. Mais isto nunca foi o suficiente para enfermagem ser reconhecida socialmente como profissão ou bem remunerada.

²⁴ Apenas para conhecimento e reflexão sobre a utilização do título de doutor pelos enfermeiros/enfermeiras, e demais profissionais no nosso país, a resolução RESOLUÇÃO COFEN-256/2001.

A escassez desses profissionais ou sua inabilidade técnica parece ser notada apenas, quando se necessita de um maior e melhor controle do espaço social e hospitalar. Por isso, a carência desses profissionais passa a ser sentida mais fortemente em Campina Grande com o aumento do número de hospitais. Cabe ainda lembrar, que na década de 60 inexistiam órgãos fiscalizadores em Campina para uma fiscalização e um maior controle acerca de quem exercia a Enfermagem.

As lacunas na formação dos profissionais foram colocadas de forma mais clara quando o próprio espaço hospitalar começou a ficar mais complexo, no sentido de expansão da assistência a população com o aumento do número de hospitais em Campina Grande. Por que o hospital e a cidade estava assim, numa expansão, criação de novas clínicas e hospitais. E precisava de pessoal habilitado né. Nisso a escola ajudou muito.(Entrevista concedida por Manoel Barbosa em dez;2012)

Na fala de Manuel, a enfermagem cresce e se estabelece de acordo com o mercado de trabalho, que exigia mão de obra com formação regular, e não mais o do aprender na empiria. Sendo assim, a criação e funcionamentos de escolas de enfermagem passam a ocupar lugar privilegiado na formação de mão de obra. No caso de Campina Grande vários relatos orais afirmam ser a Escola Auxiliar de Enfermagem foi a pioneira no ensino de auxiliares de enfermagem. E que o curso acadêmico só veio a ser criado na cidade na década seguinte. O que não significa dizer modificações em seu estatuto de reconhecimento social, como profissão.

Esta fala também coloca outra questão interessante para a enfermagem, à invisibilidade que esse grupo profissional é relegado na nossa sociedade. Ele apenas ganha espaço nos jornais ou em conversas cotidianas quando seus erros levam a proporções indesejadas ou sua ausência em unidades de saúde. Raras vezes, a mídia dar espaço para as ações de enfermagem. Basta uma incursão sobre as várias representações gestadas sobre a enfermagem atualmente, que vamos perceber como a profissão é vista de forma preconceituosa, secundária e recebendo baixos salários, apesar dos níveis de escolarização dos profissionais de enfermagem. Na década de 1960 a escassez dos profissionais de enfermagem é observada.

Em monografia encomendada pela Sociedade Médica, à escassez de profissionais e sua inapropriada formação e desempenho, aparecem como um dos aspectos negativos encontrados na cidade, pois dificultava assistência prestada aos pacientes e a população como um todo. No tópico intitulado “Enfermeiras diplomadas, auxiliares de enfermagem e atendentes” os consultores hospitalares contratados para analisar os hospitais, assim se pronunciam diante destes profissionais.

Embora o município de Campina Grande esteja próximo à capital do Estado e na vizinhança de Estados que possuem Escolas de Enfermagem, oficiais ou oficializadas, a carência de profissionais dessa categoria é desoladora para execução de um plano assistencial, de vez que apenas o Hospital Alcides Carneiro militam 8(oito) enfermeiras diplomadas. Êsse número será aumentado para 26, com a contratação, já assegurada, de mais 18(dezoito) profissionais formadas pela Escola de Enfermagem de João Pessoa. Por seu turno a Maternidade Elpídio de Almeida conta apenas com uma enfermeira diplomada que, na ocasião do inquérito procedido, não se encontrava ainda no exercício de suas funções. As demais instituições hospitalares não possuem enfermeiras diplomadas. Ainda, de referencia à prestação de cuidados de enfermagem, cabe salientar que o Hospital Alcides Carneiro dispõe de quatro(4) auxiliares de enfermagem e de quarenta e duas(42) atendentes, o que lhe permite oferecer assistência à sua clientela. Enquanto isso, o Hospital Pedro I, tem 17 auxiliares de enfermagem e o Pronto Socorro, tem 29. Esse esclarecimento toda via, que as auxiliares de enfermagem do Pronto Socorro e Pedro I, não tem o curso próprio. Nas demais unidades hospitalares esses cuidados são prestados unicamente por pessoal elevado a categoria de atendentes, ou até mesmo por serventes, decorrendo daí, o deficiente atendimentos proporcionado. Cabe salientar que, como solução de emergência deveria ter sido tentado o aproveitamento daqueles profissionais habilitados para a prestação de serviços nas unidades desprovidas dos mesmos, mediante utilização adequada dos seus horários de trabalho, através de contratação respectiva. (SILVA; VALENTE, 1965.p47-48)

Diante desse relato podemos perceber como Campina Grande carecia desses de profissionais de Enfermagem. Bem como, os que exerciam a profissão não tinham carga horaria adequada, quiçá remuneração digna. As lacunas quanto à formação e organização dos serviços de Enfermagem são nítidas. Não podemos esquecer que estas eram palavras de

forasteiros²⁵ que foram contratados pela Sociedade Médica para investigar as condições dos hospitais campinenses.²⁶ Elas certamente já teriam uma visão pré-concebida sobre a cidade, desconsiderando que o hospital era algo novo para os campinenses e ainda estava em vias de se estabelecer na cidade como espaço de tratamento e cura.

Os consultores hospitalares apontam a questão relacionada com o aspecto do Pessoal nessas Instituições é, como não poderia deixar de ser, um espelho do que se observa em todo país. (SILVA; VALENTE, 1965, p.43). Ou seja, as dificuldades em relação à mão de obra qualificada não se restringiriam a cidades do interior como Campina Grande, mais representaria uma fase de crise dos profissionais de saúde, como a enfermagem, por exemplo, que nos anos 50 e 60 tende a se afirmar em todo país como profissão.

Essa precarização do pessoal que trabalhava nos hospitais afetava até mesmo os gestores dos hospitais que não detinham o conhecimento de “noções rudimentares de organização e administração hospitalares”. O que provavelmente levava a permitir a contratação de pessoal não qualificado para determinadas funções, ignorando a formação escolar de outros e os recompensando com baixos salários. Entrando em desacordo com os ideais de racionalidade e eficiência esperados pelos consultores. Eu vim de São José de Piranhas lá perto de cajazeiras, eu vim trabalhar no IPASE, já vim nomeado, eu me apresentei no setor pessoal e nunca sai, sai aposentado. Fui assistente administrativo e depois fui chefe do setor de cadastro e lotação. [...].²⁷

Provavelmente esses não foram casos isolados, pois nesse contexto prevalecia o “sistema de pistolão ou filhotismo”. Ou seja, certas pessoas detinham uma aproximação com certa pessoa pública, geralmente baseada em trocas de favores políticos, e como recompensa ganhava um emprego no serviço público. Essas indicações a cargos públicos partiam de políticos locais ou dos arredores da cidade. Os sujeitos na cidade disfrutavam de uma sociabilidade baseadas em laços de amizade e compadrio.

²⁵ Segundo a monografia e reportagens da época a cidade não disponibilizava de consultores hospitalares, estes foram oriundos da região sudeste para escrever este trabalho.

²⁶ SILVA, Geraldo J. da Rosa; VALENTE, Ârne de Oliveira. Um estudo da Rêde Médico Hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional. 1965. Demais informações foram retiradas do Diário da Borborema. Lançamento de monografia da Sociedade Médica Campinense. 1 de set 1965.

²⁷ Entrevista concedida por Walter Vasconcelos em 2012.

Vigorava na cidade um sistema mais de indicação de um amigo ou conhecido para cargos públicos em Campina Grande. Relações que se davam em uma cidade de pequeno porte, mas que coexistiam valores novos e antigos. Afinal, Campina Grande nem era tão grande como queriam os discursos políticos e a elite local. Sofria com a precarização das condições de salubridade do seu corpo urbano e da qualificação dos profissionais que circulava na cidade.

Se a qualificação profissional estava sendo posta em questão na cidade, existiam sujeitos atuantes, que sabem manipular as forças sociais a seu favor e do grupo a que pertence. Manoel na temporalidade lembrada era um jovem idealista que já havia participado de movimentos de classe em Maceió, Alagoas. Segundo o mesmo, ele fundou a Associação de Enfermeiros práticos de Alagoas. Manoel Barbosa chegou à Campina Grande em fins dos anos 40 para trabalhar na Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, por intermédio de um cunhado do médico, que residia na sua cidade natal. Sensibilizado com as condições trabalhistas da enfermagem e com uma vocação política latente, Manoel resolveu fundar Associação de Enfermeiros Práticos de Campina Grande no início dos anos 50.

Fundi primeiro a associação com diretoria registrada, essa coisa toda, com vários profissionais. Por que eu via o estado da classe. Ganhava muito pouco, trabalhava por um salário mínimo.[...] A enfermagem é uma profissão técnica e científica, vamos dizer, e o salário era muito pouco. E com a associação ia melhora, aprimora. Depois dela veio à Escola de Enfermagem, e depois veio à escola superior de enfermagem.²⁸

Essa associação funcionou no bairro do José Pinheiro, juntamente com sindicato fundado por Manoel para os práticos de enfermagem. Participavam do sindicato funcionários da Maternidade, Pronto Socorro, do hospital Pedro I e da Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro.

E nesse tempo Severino Cabral era prefeito e nós conseguimos um terreno lá perto do Plínio Lemos, ali em Zé Pinheiro. O terreno foi doado, nós colocamos a pedra fundamental nessa entidade que era a Associação dos Enfermeiros. Mais tinha um prazo na lei que se dentro de dois anos não construísse, o terreno era e remetido novamente ao município, e assim aconteceu.

²⁸ Entrevista concedida por Joaquim Manoel Barbosa em dezembro de 2012.

O bairro do José Pinheiro abrigou outras associações e sindicatos. O sindicato criado por Manoel Barbosa e o das Enfermeiras da Cruz-Branca e Amarela, por exemplo, tiveram seus terrenos doados pelo o então prefeito Severino Cabral, Ribeiro (2000). A fala de Manoel Barbosa deixa claro a sua aproximação política, que muitas vezes no decorrer de sua entrevista fica claro influenciou suas decisões. No entanto, nem a associação, nem o sindicato lograram êxito. O Sindicato funcionou apenas dois anos, a associação até início dos anos 90. Manoel explica que suas tentativas de unir os profissionais de enfermagem em torno de um objetivo comum não foram adiante pelo desânimo dos colegas de profissão.

A Enfermagem campinense na década de 60 estava passando por transformações na própria formação escolar e com novas de associar-se em busca de objetivos comuns, ao mesmo tempo em que buscava adequar-se aos tempos modernos. Sendo assim, a escassez de profissionais de enfermagem na década de 60 levou a uma nova movimentação dos sujeitos dentro da cidade, embalados pela concepção moderna de cientificar as práticas de várias profissões com a criação de associações e até um sindicato no início da década. Ligada às novas representações de urbanização e saúde que começava a circular na cidade, os próprios praticantes começam a perceber de forma diferente sua arte.

1.1.2 O crescimento populacional e a criação de novos espaços de cura.

Campina Grande, nesse período, passava por um crescimento demográfico significativo. Muitos historiadores como Souza (2002), Agra do Ò (2006) e Cavalcanti (2002), que analisam a cidade nesse período, mostram esse crescimento populacional desordenado e as situações de desconforto que vivenciavam os campinenses nas décadas de 50 e 60. Os investimentos econômicos no campo decresciam, e a cidade se mostrava como possibilidade de sobrevivência para os forasteiros. O espaço urbano foi ocupado de forma irregular, morando em cortiços, construindo casas de pau-a-pique e habitando novas áreas da cidade antes despovoadas.

O crescimento populacional, certamente serviu como argumento para a criação de novos espaços de assistência para a saúde. Estratégia utilizada para lançar modificações no sistema de controle da população. O que envolveu a participação dos profissionais de saúde existentes na cidade, se mostrando numericamente insuficientes e formação deficitária, abriu a possibilidade para a formação oficial na cidade.

Neste sentido a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem poder ser compreendida como lócus privilegiado para a formação de mão de obra rápida e barata. A duração do curso de auxiliar durava em média dois anos, necessitando de menores investimentos do que um curso acadêmico e uma economia de tempo. A mão de obra formada atuavam em hospitais e demais unidades de saúde. Locais onde os cuidados com o corpo de forma mais intensa e direta.

A maioria desses locais estava no perímetro urbano da cidade, formando uma “Ilha de saúde” na cidade. A localização da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem no meio urbano assinala sua proximidade com os espaços hospitalares e com toda a dinâmica que a cidade vivenciava. Localizada na Rua Carlos Chagas, 21, a escola ficava à direita do hospital Alcides Carneiro e sua faixa em direção ao Hospital Pedro I e SAMDU.

Segundo os consultores hospitalares, contratados pela Sociedade Médica campinense para fazer uma monografia intitulada Estudo da Rêde Médico-Hospitalar de Campina Grande, lançada em 1965, os espaços de assistência hospitalar da Rainha da Borborema estavam organizados no perímetro urbano.

Ao examinarmos o problema da localização das unidades assistenciais, verificamos que, apesar de Campina Grande possuir (6) vilas além da própria cidade, sede do município, todas as suas unidades assistenciais estão situadas no perímetro urbano da cidade. Aliás, acreditamos mesmo ser possível identificar um núcleo hospitalar, situado no bairro de São José, próximo ao centro da cidade, pois nele estão concentrados o Hospital Alcides Carneiro, o Hospital Pedro I, o SAMDU e o Hospital de Pronto Socorro. Esta zona é considerada como de pessoas de classe média. Ainda próximo ao Centro da cidade, em zona conhecida como de pessoas abastadas, estão localizadas a Maternidade Elpídio de Almeida e a Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro. A única unidade assistencial afastada do centro é o Instituto de Neuropsiquiatria e Reabilitação, o qual se acha sediado no bairro da Liberdade, zona pobre da cidade. (SILVA; VALENTE, 1965, p.21).

No texto dos médicos inspetores da Sociedade Médica Campinense podemos ver a própria construção de um espaço imagético-discursivo para a cidade, por meio de divisões e qualificações dos bairros. Os bairros que abrigam as unidades hospitalares são vistos como de “gente abastada”, dando a entender que os demais seriam de pessoas menos abastadas. Dessa forma, mesmo a escola oferecendo ensino gratuito não poderia estar ligada a locais de baixa moral social. A própria clientela da escola não combinaria com esses lugares, visto que a Enfermagem tem como público alvo mulheres, e mulheres nos anos 60 ainda estavam lutando pela ocupação de lugares na sociedade não sendo a ela permitida a frequência em certos espaços, principalmente mal afamados.

Os problemas de acomodação dos forasteiros virou até certo ponto um problema para os poderes públicos pois como bem afirma o historiador Agra do Ó:

Acomodar a todos não era tarefa fácil. Com o tempo, um cinturão de moradias insalubres foi se montando, e a cidade foi se espraiando para além de suas fronteiras como uma mancha que cobria cada vez mais terra e céu – neste compasso áreas da cidade (ruas menos movimentadas das áreas centrais) começando a conhecer cortiço, habitações precárias que acolhiam mal os restos das vidas que pela cidade se mostravam. Tanto nestes pombais urbanos humanos que se mostravam aqui e ali como nas habitações unifamiliares mais frequentes na periferia, as condições de vida eram precárias, as pessoas vivendo o que os observadores da assistência social considerariam *promiscuidade indefensável*. Tais fatos levavam à identificação dos moradores destas áreas com a sujeira, a doença, a morte, o atraso, e isto legitimava de certa forma um conjunto de discursos e práticas que se faziam no sentido de fazer do Estado um tutor dos pobres, um médico das enfermidades sociais que teria o direito de intervir em suas vidas e discipliná-las. De qualquer forma, o Estado não desejava nem ver todos mortos por alguma doença que por acaso se alastrasse, nem tampouco permitir que as sociabilidades se construíssem sem a sua mediação. (DO Ó, 2006, p.50-51).

Nesses redutos insalubres cultivavam seus valores rurais, praticavam sua medicina (de forma alternativa, muitas vezes) e criavam seus animais. Representavam assim um perigo no espaço urbano de Campina Grande, exigindo dos poderes públicos medidas de controle da população.

Se ligarmos essas condições de vida com a atuação da Enfermagem de forma preventiva ou curativa. Estas condições serviriam como justificativas para sua implantação de forma institucionalizada na cidade. Se o Estado não se incomodava com a vida e a saúde

desses indivíduos, também não poderia deixa-los a mercê de todas as pestes e doenças a que poderiam estar expostos.

Em décadas anteriores segundo Agra (2006)²⁹, a Fundação Rockefeller visitou Campina Grande em 1926, atuando junto aos postos de Profilaxia Rural, no combate à malária e à febre amarela. No entanto sua forma de abordagem causou alguns atritos com a população, pois para combater a febre amarela tinham que petrolizar a água, o que gerava desconforto nos moradores; líquido caro na referida temporalidade. As formas de abordagem das visitadoras incomodavam a população, mais agradava os políticos da época. Essa antipatia com as visitadoras fazia com que suas recomendações não fossem seguidas. Chegando a embates mais ferrenhos como demonstra o historiador.

As ações dos funcionários da Missão Rockefeller no combate á febre amarela gerariam também outros conflitos e outros embates diretos com a população, chegando até mesmo a agressões físicas de ambas as partes, além de diversas críticas vindas da própria elite letrada dirigida ás elites médicas e suas formas de atuação para com o povo, desrespeitando-o em suas crenças e seus valores e sua própria intimidade (AGRA, 2006, p.104).

A presença da Rockefeller na cidade foi uma tentativa de limpar o espaço de forma preventiva nos moldes de uma policia médica. Diferente das formas de prevenção na década de 60 que se fundamentava numa forma mais subjetiva de aplicar as formas de prevenção de algumas doenças.

Se em tempos anteriores os mata mosquitos, como eram chamadas as visitadoras, não foram bem aceitas, na década de 60 são os próprios moradores que se rebelam contra os mosquitos. Os corpos dos campinenses não admitiam mais conviver com a lama, com charcos e muriçocas. A maioria almejava a limpeza do espaço urbano, tanto quanto a dos seus corpos. Instalava-se uma biopolítica, um cuidado de si, uma nova forma de enxergar tanto a si quanto ao outro. Em “Requerimento N°584/61, o vereador Fernando Silveira pede que seja

²⁹ AGRA, Giscard F. **A urbs doente medicada**: a higiene na construção de Campina G(g)rande, 1877 a 1935. Versão revista e corrigida e ampliada da Monografia apresentada à unidade acadêmica de história e geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande , 2006

enviado um apelo ao senhor diretor de Saúde Pública do Município, no sentido de desencadear naquele departamento medidas para combater as muriçocas que atormentam os habitantes da Rua da Conceição e adjacências, provenientes de charcos ali existentes. Em votação, aprovado por unanimidade.” (Semanário Oficial, 1961, p.4).

As necessidades de higienização do espaço urbano passavam pelo crivo do poder, todavia o saneamento básico não chegava a todos os moradores de Campina Grande. A higiene e a modernidade muitas vezes andam juntas, mas necessitam de poderes, saberes e pessoas para modificarem o ambiente. Se antes necessitavam de pessoas para lhes admoestar sobre sua saúde agora é o indivíduo que reclama a limpeza e a salubridade dos espaços.

No jogo social ninguém detém de forma unívoca o poder de modificar o espaço, de fazê-lo funcionar. Os lugares privilegiados para montar uma pequena guerra cotidiana a outros que aproveitam as ocasiões para entrarem no jogo e fazer valer sua vontade. Essas são as lutas, o dribble que a população utiliza na cena pública nunca saberá se na intimidade de seu lar ocorreriam medidas higienistas.

As condições de saúde da população, em especial a periférica, não eram das melhores, pois, vivendo num ambiente de água parada, quiçá fétida, rodeada por muriçocas e outros insetos, estava exposta a muitos miasmas e micróbios, além de ter que recorrer ao poder público para livrar-se dessas mazelas. Imagem que certamente não condizia com a imagem de cidade moderna, limpa e urbanizada que tanto era proclamada pelas elites.

O maior receio que as elites tinham era a propagação das doenças, pois ao que podemos perceber a cidade não tinha meios de assistir a todos. A rede hospitalar estava se desenvolvendo e mesmo se esta estivesse consolidada a deficiência em relação a profissionais habilitados se mostrava de forma relevante no âmbito social. Era preciso utilizar outros meios de prevenção que tivesse um largo alcance o meio escolhido foi o jornal.

O Diário da Borborema mostrava apelos para a prevenção sobre as doenças, o movimento do Pronto Socorro enumerando quem e por que foi atendido naquela unidade hospitalar, condições de áreas menos urbanizadas da cidade. E cruzando com outros aspectos da cidade fazia ver e crer numa imagem de cidade.

As condições de assistência médica e hospitalar na cidade não eram assim tão boas, tanto que, no mesmo número do semanário, estão presentes os discursos do então prefeito Elpídio de Almeida, relatando a importância do Dispensário de Tuberculose localizado no bairro de José Pinheiro. A localização da Liga também foi discutida – inicialmente funcionaria na Avenida Canal, em um prédio recém-construído, pois era do interesse dos poderes executivos que a Liga Campinense fosse localizada no bairro mais populoso e mais necessitado da época, como afirma o Semanário Oficial do Município. Talvez os termos populoso e necessitado, seja por que em edições do Diário da Borborema este bairro apareça como espaço de pessoas com péssimas condições de saneamento básico e de moral duvidosa.

No mais, o que as autoridades municipais fizeram foi retirar do espaço urbano uma mazela social conhecida como a peste branca. Encaminharam desse modo, os tuberculosos para uma área periférica e desassistida pelas autoridades sanitárias de Campina Grande. Juntamente com o interesse político de representar um benfeitor social, a fomentação de espaços para o tratamento e cura das doenças é um trunfo valioso nas mãos dos políticos. Uma forma sutil de controle social, sob o véu de caridade.

As obras do Dispensário, segundo discursos de Elpídio de Almeida, não custariam nada aos cofres públicos, mas percebemos que a “importante obra médico-social” certamente daria status ao prefeito e médico. As obras dirigidas a uma civilização e o disciplinamento dos cidadãos campinenses, como hospitais e escolas, estavam no auge na referida época. Eram símbolos de modernidade e progresso, higiene e civilização. O Estado não planejava realmente uma assistência de qualidade, apenas fornecer um paliativo para os menos desfavorecidos.

Encontravam-se, também, no município entidades para-hospitalares, ambulatórios e asilos, além de alguns institutos de Previdência que as mantinham, como IAPI (Instituto de Aposentados e Pensionista da Indústria), IAPETC (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas), IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários), IAPFESP (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Ferroviários e Empregados em Serviços Públicos) e o SESI (Serviço Social da Indústria) , a única entidade particular, sendo que as demais eram autarquias federais, porém não atendiam de forma satisfatória seus beneficiários. Mas, eram lócus de disciplina, de controle e de assistência social que se espalhavam pelo espaço urbano. Como aponta Silvio Gallo (2008, p. 258):

Na sociedade sob a égide da biopolítica, trata-se de controlar a população, de modo que se estabelecem mecanismos de se acompanhar e controlar a proporção de nascimentos e óbitos, a taxa de reprodução, de se efetuar o controle das endemias e epidemias que se abatem sobre uma dada população etc. Como se trata de ‘fazer viver’ e, em determinados casos, ‘deixar morrer’, a biopolítica faz nascer sistemas de seguridade social, de previdências públicas e privadas, de poupanças. Em suma, podemos dizer que a própria noção de Estado de bem-estar social só foi possível sob a égide do biopoder.

As formas de controle social aos poucos ganham uma nova força no espaço da cidade, o aumento no número de hospitais. O que também não significa dizer que estes espaços estavam em plena consonância com as normas de higiene do país. Existia no bairro do Monte Santo o posto de Puericultura Epitácio Pessoa, que abrigava em suas dependências nove postos de distribuição de leite, o que na visão dos consultores hospitalares não dispunham de condições sanitárias satisfatórias, embora se espalhassem pelos bairros do Quarenta, Prado, Santa Rosa, Bela Vista, Alto Branco, Cruzeiro, José Pinheiro, Jeremias, São José da Mata.

Talvez o espaço hospitalar estivesse sofrendo dos mesmos problemas, necessitando de novas práticas, novos conhecimentos e pessoas diferentes. Pois na cidade moderna tudo está em constante movimento e renovação, fazendo com que novas formas de ver e sentir apareça. E o olhar chegue a novas visões do mundo e do tempo.

Essas fontes escritas segundo PESAVENTO (2007), são consideradas marcas de historicidade, pois são imagens, palavras, textos, práticas, objetos de outra temporalidade que nos levam a refletir sobre sua engrenagem interna e externa, fazendo-nos perceber as formas de controle da população e do progresso social, bases onde se apoiam os gestores da ciência e da civilização

Percebemos, então, que os políticos e intelectuais “empenharam-se” para atender aos pedidos do povo, desenvolvendo projetos e proferindo discursos que enalteciam o progresso de Campina, encobrindo o insuficiente serviço de saneamento básico, eletrificação, escolas e instituições hospitalares. Em outras palavras, eles buscavam incorporar uma nova sensibilidade à cidade.

No Diário da Borborema do ano de 1961 observamos uma notícia com a seguinte manchete: “Morte ronda pobreza: 50 por cento de tuberculosos na cidade. Assustadora revelação do Diretor do C. De Saúde. Apêlo à população-carteira de saúde”. O jornal anuncia uma necessidade urgente de higienizar e curar os corpos de suas mazelas, faz apelo as autoridades médicas, responsáveis pelo controle das doenças para se posicionarem quanto ao problema da tuberculose.

Em ligeiro contacto que mantivemos, ontem, com o Dr. João Vasconcelos, diretor do Centro de Saúde desta cidade, tomamos conhecimento que, infelizmente, quase cinqüenta por cento das pessoas atendidas naquele posto de saúde com tiragem de abreugrafias estão contaminadas pelo Bacilo de Koch.[...] Diante da assustadora revelação, outra não poderá ser a atitude dos sanitaristas conterrâneos senão intensificar a assistência médica aos habitantes mais humildes da cidade, acometidos pela peste branca, em decorrência do estado de subnutrição.(Diário da Borborema, Campina Grande. 2 out.1961).

Na primeira leitura do trecho acima, podemos perceber o caráter alarmante e amedrontador da manchete. Essa reportagem nos fez pensar como os pobres, os anti-higiênicos, os relegados da sorte, incomodavam as elites³⁰ campinenses. A elite campinense propiciava a fabricação de tais representações acerca da doença e da pobreza em Campina Grande.

Diante disso, percebemos o caráter discriminatório e excludente da notícia. Sabemos que a doença não escolhe classe social, e sim, organismos mais suscetíveis a contraí-la, sejam eles pobres, sejam ricos. No entanto, percebemos a estratégia sensacionalista do jornal, em associar a pobreza à tuberculose, porque os indivíduos menos favorecidos socialmente eram os mais acometidos pela peste branca.

³⁰ O termo elite é aqui empregado como um lugar ocupado pelos sujeitos, construído e perpassado por relações de poder e saber, instituídos por discursos normalizadores. Um lugar onde se exerce e se emana poder. No entanto, isso não implica uma fixidez, mas um lugar estrategicamente ocupado por sujeitos em determinada época, em determinada sociedade, nas lutas cotidianas da história. Sendo assim, baseadas em relações de poder, não existe passividade, nem relações de dominantes e dominados na cena social. Todos são ativos, agindo nas lutas cotidianas tática e astutamente, reivindicando para si ou para seu grupo lugar privilegiado, nas tramas discursivas. Esse conceito foi pensado a partir da leitura de Certeau (2008; 2007) e de Foucault (1979; 1987).

As pessoas mais pobres, certamente, sofriam restrições alimentares, viviam em lugares menos ventilados e mais aglomerados, facilitando a contaminação pelo bacilo de Koch³¹. Não dispunham de informação e formação intelectual para compreender os regimes de saúde a que um corpo saudável deveria submeter-se. Esses mesmos corpos flagelados pela fome e pela doença eram os alvos dos discursos higienistas da época.

Assim sendo, consideramos necessário analisar algumas partes da reportagem focalizada, para entendermos os controle e regimes de saúde que se exerciam sobre a população campinense, notadamente a menos favorecida, a mais exposta a riscos e a classe que contém a maioria populacional. Vejamos, então, de que forma se exercia o controle dos viventes.

Após chocar os leitores com essa manchete, o jornal, inicialmente, tenta amenizar o estado de calamidade, apontando as preocupações dos sanitaristas, a exemplo do Dr. João Vasconcelos³², sobre os corpos desnutridos que ocupavam a cidade. Em seguida, aconselha as pessoas a imunizar-se no centro de saúde da cidade de Campina Grande, ressaltando o arsenal de vacinas lá existentes:

[...]Por nosso intermédio, o Dr. João Vasconcelos apela à população no sentido de que procure o Centro de Saúde, preferencialmente no expediente da manhã, a fim de imunizar-se contra a proporção do mal. Ademais, o Centro de Saúde conta também com grande quantidade de vacinas contra outros males contagiosos, devendo o povo, antes que seja tarde de mais, procurar receber os benefícios gratuitos que lhes são oferecidos por aquela unidade sanitária do Estado. (Diário da Borborema, Campina Grande, 02 out. 1961).

Esse apelo não é senão uma estratégia de controle da população. Uma gestão de suas vidas e de seus hábitos. Uma estratégia de biopoder, conforme Sandra Caponi (2000, p. 12):

³¹“A tuberculose é uma doença infecciosa e contagiosa, causada por uma bactéria chamada *Mycobacterium Tuberculosis*, também conhecida como bacilo de Koch. Estima-se que cada doente com tuberculose seja capaz de contaminar dez outros indivíduos.” (BRASIL, 2003, p.66).

³² A título de conhecimento, o Dr. João Vasconcelos alguns anos depois veio a assumir a direção do Centro de Saúde desta cidade. Também manteve um hospital para crianças, chamado SAMIC (Serviço Assistencial Médico Infantil Campinense)

Essas estratégias de ‘biopoder’ interferem em nossa existência, na medida em que cuidam de nossa saúde, vigiam nossos movimentos, discutem nossa sexualidade, administram nossa força de trabalho e assistem a nossas necessidades mais elementares, olhando para os aspectos mais ínfimos e as tramas mais íntimas de nossa vida. Se isto é possível, é porque em cada um destes espaços as tecnologias médicas apontam para a dimensão do humano que mais nos aproxima de uma coisa manipulável: nosso corpo.

Utilizando-se dessa definição de biopoder, podemos afirmar que essa notícia traz a estratégia desse poder sobre a vida. Exercer sobre os cidadãos um controle sobre seus corpos, sobre suas vidas, um “governo” da multidão, dos filhos de Campina Grande, dos forasteiros que aqui chegam. Um governo dos outros, entendido no sentido mais amplo de técnicas e procedimentos destinados a dirigir a conduta dos homens (FOUCAULT, 1997). Dessa forma, essas orientações do jornal pretendiam dirigir a conduta da população, utilizando procedimentos e conhecimentos médicos para tal fim. Complementando o argumento para vacinar-se, utilizando a carteira de saúde.

A carteira de saúde era normalmente fornecida às pessoas assistidas por essa unidade de saúde citada ou por outras. A carteira funcionava como um dispositivo pedagógico que mapeava o corpo do sujeito, informando quais doenças portavam, que vacinas havia tomado. Diagnosticava-se e rotulava-se o sujeito por meio desse documento. Após o advento da tuberculose, os empregadores da cidade, donos de bares e restaurantes, indústrias alimentícias, lojas e outros, poderiam exigir a carteira no momento da contratação de novos funcionários, bem como a dos já existentes. Conforme Tamara Vieira (2009, p.301), “a iniciativa do Departamento de Saúde em submeter todos os trabalhadores que chegavam a exame médico e condicionar o emprego à aquisição da carteira de saúde demonstra preocupação com a possibilidade de esses homens trazerem consigo doenças para uma região considerada livre de qualquer enfermidade.” A imagem abaixo apresenta uma leitura sobre a carteira de saúde utilizada pelo trabalhador na década de 60, certificando o portador de aptidão para o trabalho.

Figura 4 – Carteira de Saúde

Fonte :blcamargo.blogspot.com³³

Nesse sentido, o indivíduo que não obtivesse seu registro de saúde não poderia ser empregado. Nenhum atestado médico seria expedido por aquela unidade de saúde sem antes o indivíduo fazer um exame de abreugrafia³⁴. Essas medidas visavam controlar o avanço da doença na cidade por meio do controle dos seus corpos, dificultando a entrada de pessoas infectadas com o bacilo de Koch em aglomerações urbanas, por exemplo. Apenas os saudáveis conseguiriam sobreviver por meio de sua força de trabalho. Segundo Foucault, citado por Maia (2003, p.80),

[...] o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Por conseguinte, devemos ter em mente que a genealogia do poder focaliza o corpo como um objeto privilegiado de análise e preocupação.

Inicia-se, assim, um combate incisivo sobre a tuberculose, em que os corpos são marcados pelo poder sanitário, impondo uma nova dinâmica e disciplina para o trabalhador

³³ Acesso em: 22 de Agosto de 2012.

³⁴ Med.] – Registro radiográfico dos pulmões, em filme de 35mm.; importante elemento para o diagnóstico precoce da tuberculose e do câncer pulmonar. Esse processo foi inventado pelo médico brasileiro Manuel Dias de Abreu. Compacto dicionário ilustrado de saúde 3 ed. São Caetano do Sul, SP Yendis Editora, 2008.

em Campina Grande. Nesse sentido, as autoridades sanitárias do Estado se empenhavam em campanhas contra a tuberculose entre o povo afligido e ameaçado pelo Bacilo de Koch:

Diante de entendimentos que se sucederão, espera o Dr. João Vasconcelos obter o franco apoio dos ‘Diários e Rádios Associados’ para maior divulgação dessa campanha contra a tuberculose, devendo as mesas redondas serem levadas a efeito no auditório da Rádio Borborema, para que seus resultados possam chegar a todos os lares campinenses. (Diário da Borborema, Campina Grande 02 out.1961)

Alargando nossa compreensão sobre essa estratégia de biopoder exercida em Campina Grande, Maia (2003, p.80) assim explica:

A atuação do poder sobre os corpos denominada de biopoder deve ser percebida nas suas especificidades; vale dizer, sob essa denominação, designam-se principalmente dois níveis de exercício do poder: de um lado, as técnicas que têm como objetivo um treinamento ‘ortopédico dos corpos’, as disciplinas e o poder disciplinar; de outro lado, o corpo entendido como pertencente a uma espécie (a população), com suas leis e regularidades.

Vejamos, rapidamente, quem o jornal Diário da Borborema considera autoridades com poder suficiente para agir sobre os corpos saudáveis e doentes: o Bispo Diocesano, Dom Otávio Aguiar; o próprio diretor Vasconcelos; o diretor de Saúde e Assistência Social do Município; o chefe do serviço de Limpeza Pública da Prefeitura Municipal; o diretor da SANESA (Saneamento de Campina Grande S/A)³⁵; o diretor do SAMDU (Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência), do Hospital do Pronto Socorro, da Maternidade Elpídio de Almeida; do Hospital Regional Alcides Carneiro do IPASE (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado); o presidente da Liga Campinense Contra a Tuberculose; o presidente do Rotary e do Lions clube e outras autoridades.

Todos esses indivíduos citados exerciam um poder sobre os corpos na cidade, pois gozavam de um lugar social privilegiado. Eram sujeitos ligados à administração pública, em setores que visavam manter ordem e higiene nas ruas. Sujeitos preocupados com a saúde da alma, com a assistência social e a caridade. Enfim, sujeitos preocupados com a saúde da

³⁵ (SOUZA DO Ó, 1982,p.127). A SANESA (Saneamento de Campina Grande) foi criada em 4 de novembro de 1955. Ver o livro *Sanesa: História de um bem comum*, organizado por Edvaldo de Souza. O mesmo foi diretor de educação e cultura na segunda gestão de Elpídio de Almeida, idealizou a Bolsa de Valores de Campina e participou de movimentos para implantação da Universidade Regional em Campina Grande.

população, que almejavam controlar a Tuberculose por meio da disciplina exercida no espaço, principalmente, no corpo.

Tais indivíduos foram convocados pelas autoridades de saúde para exercer um poder sobre as subjetividades. Através de uma Mesa Redonda, realizada no auditório da Rádio Borborema, as medidas preventivas contra a tuberculose iriam ser proclamadas com o objetivo de esclarecer e sensibilizar a população em relação ao risco de contágio da tuberculose. Os “Diários e Rádios Associados”, certamente, alcançaram um número significativo de campinenses, visto que exerceram, naquele momento, o que Foucault (1997) chama de uma prática do cuidado de si, que é a absorção, por parte da população, de um ensinamento, uma leitura, ou um conselho. Essa prática é assimilada até que se torne uma parte de si mesmo, um princípio interior e permanente e sempre ativo de ação:

Numa prática como essa, não se encontra uma verdade escondida no fundo de si mesma, pelo movimento à reminiscência; as verdades recebidas são interiorizadas por uma apropriação cada vez mais acentuada (FOUCAULT, 1997, p.129).

Nesse movimento de apropriação referido por Foucault, deve-se considerar a importância da escuta – a forma de reter o que acaba de ser dito – e da escrita – provavelmente nas campanhas contra a tuberculose deveria haver cartazes, lembrando que cuidados tomar para não contrair a doença, o que também nos leva a perceber que as artes da memória influem nesse cuidado, pois reatualizam o aprendido.

Esses discursos e momentos de subjetivação objetivavam que o indivíduo percebesse a si mesmo como sujo ou infecto, vincular verdade e sujeito. Nesse sentido, afirma Foucault (1997, p. 130) que Trata-se, ao contrário, de armar o sujeito de uma verdade que não conhecia e que não residia nele; trata-se de fazer dessa verdade apreendida, memorizada, progressivamente aplicada, um quase-sujeito que reina soberano em nós mesmos.

É assim que procuramos perceber os diversos alertas dos jornais sobre doenças, sobre alimentações saudáveis, sobre práticas esportivas, “verdades aprendidas” e prescritas pelos meios de comunicação ou outros. Ou seja, temos a intenção de interiorizarmos o cuidado com nós mesmos, sobretudo porque, quando vivemos em sociedade, é difícil cuidar de si, sem cuidar do outro.

Em todas essas admoestações feitas para combater a tuberculose não aparece em nenhum momento da matéria algum tipo de visitadora ou enfermeira que praticasse visitas domiciliares. A enfermagem no espaço cedido pelo jornal não ocupa nenhum espaço, é invisível para quem ler. Quem ocupa lugar privilegiado é a figura do médico ou mesmo de um jornalista. A Enfermagem não é percebida como conhecimento pelos jornais.

Após a notificação do Sanitarista Dr. João Tavares, sobre os casos da peste branca e a situação de risco da população campinense, o cronista Epitácio Soares, em sua coluna Instantâneos da Cidade, explicita sua posição a favor da população sofrida. Sob o título de Clamorosa Revelação, Soares inicia seu texto comentando os dados das abreugrafias:

[...] Eis a triste realidade a que estamos chegando, não apenas aqui em Campina Grande, mas em todo o Brasil, onde toda uma população faminta e indefesa contra os germens de todas as doenças não tem outra coisa a fazer senão esperar a morte, como última etapa do abandono a que vive submetida. (SOARES, Epitácio Clamorosas Revelações, Diário da Borborema, Campina Grande 4 out.1961).

Diante desse abandono e da debilidade física em que se encontravam os campinenses, Epitácio Soares chama a atenção dos poderes públicos à sua responsabilidade:

Com os dinheiros desviados pela política do afilhadismo e do contrabando oficial, poder-se-ia construir centenas de hospitais para a pobreza; o trabalhador que é a pedra angular do nosso sistema econômico poderia ter melhores condições de vida para si e para sua família, ao invés de morrer de fome, contaminadas pela tuberculose antes de atingir os cinquenta anos. (SOARES, Epitácio, Clamorosas Revelações, Diário da Borborema, Campina Grande, 4 out.1961).

Epitácio Soares almeja melhores condições de saúde e, conseqüentemente, de vida para os campinenses. Isso viria através de investimentos em “hospitais para a pobreza”, não para as elites campinenses, mas especificamente para isolar os doentes e desnutridos em lugar específico.

O hospital aparece como uma alternativa de isolamento e assistência social. Nos espaços hospitalares, os corpos são submetidos a exames, a vigilância médica com pretensões de curar e cuidar os males dos enfermos, por meio de dietas e modos de vida salutar, administração de medicamentos e vigilância de seus movimentos. Observa-se, desse modo, de um lado, o cuidado com o outro a partir do controle dos indivíduos, de outro, o afastamento dos enfermos do meio social.

[...] Quer seja nas grandes enfermarias dos hospitais europeus do século XIX ou nos modernos centros de tratamento intensivo de hoje, os corpos quando hospitalizados são objeto do olhar, um olhar que tem um trajeto, um olhar que vai de corpo em corpo. Um olhar que esquadrinha e quadricula.(KRUSE,2003,p.15)

Quem exercia esse olhar sobre os corpos de forma mais regular é a enfermagem. Sob o véu de um anjo a essas mulheres cuidadoras ficou incumbida a tarefa de lidar mais diretamente com o corpo e o meio ao qual ele está inserido. Exercendo relações de poder sob o corpo, observando, analisando e isolando o mesmo de varias formas.

Na referida temporalidade uma profissão eminentemente feminina não era reconhecida como fazendo parte da assistência à saúde. Atualmente também podemos observar que ainda são poucos as notícias dos jornais que trazem a visão de uma enfermeira sobre prevenção, quando muito elas estão acompanhadas de outros profissionais de saúde.

Na década de 60 a Enfermagem ainda estava se estabelecendo enquanto profissão, fundamentada em princípios racionais e oficiais. Essa mudança ocorre gradativamente, o primeiro passo para sua afirmação social a nosso ver foram às tentativas de estabelecer o Sindicato e Associação criados por Manoel Barbosa e a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Mesmo por que os alunos formados pela escola só chegariam ao mercado de trabalho em fins dos anos 60.

A aceitação dessa profissão tão cercada por preconceitos necessita de uma mudança na percepção dos indivíduos acerca da sua atuação. Enquanto a Enfermagem não ganhou “status” de conhecimento na cidade ela não conseguiu ser reconhecida como profissão para isso contou com o apoio de homens públicos que detinham certa posição na cidade.

Em décadas anteriores a enfermeira Clara Curte(1949)³⁶ no seu artigo “A Enfermagem e o progresso social do Brasil”, aponta a participação de enfermeiras diplomadas em congressos no exterior e o aumento no número de profissionais na primeira década do

³⁶Artigo disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452008000100002&script=sci_arttext. Acesso em 20 de jan. de 2013.

século XX. Sugerindo que a capacitação de forma profissional da enfermagem no país deve ter ocasionado mudanças no reconhecimento social da profissão.

Um progresso tão significativo não se teria operado se, simultaneamente, não se verificasse também um grande desenvolvimento social em muitos outros campos de atividade no Brasil. As modificações profundas na vida brasileira tornaram possíveis a enfermagem moderna, como serviço profissional médico-preventivo, como instituição social e como nova carreira que se oferece à mulher brasileira(CURTIS,1949,p.5)

As palavras da enfermeira reproduz a profissão como natural para as mulheres, não cabendo à presença de homens. Ficando a imagem de anjo terno e protetor para a profissão. Mesmo que a autora aponte os movimentos em prol do desenvolvimento da profissão fica claro que ele não rompe com a imagem de candura com a profissão.

As enfermeiras reproduzem os preconceitos sexistas que cercam a profissão conforme coloca Passos (2012). Tais mudanças certamente seriam em relação ao papel social da mulher e o novo olhar para enfermagem enquanto profissão.

Muitas vezes a Enfermagem entra em consonância com movimentos que visam certa modernização ou progresso. No caso da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, as enfermeiras que participaram de sua fundação se apoiaram em ideais modernos divulgadas pela COMCENT(Comissão do Centenário). Participando também na transição da assistência preventiva para uma de caráter curativo. Inserindo a escola nas festividades do dia do centenário e em movimentos que visavam criar uma imagem de cidade moderna para a cidade, pois como afirma Rezende (2003, p. 47),

As cidades modernas têm o poder indefinível de condensar experiências e memórias. Suas identidades são múltiplas e surpreendentes. Resultam da relação dinâmica, ora complementar, ora contraditória, entre o antigo e o moderno. As suas construções e monumentos, seus espaços e seus objetos têm a marca da cultura, portanto são construídos no território dos significados. É um equívoco pensar a existência de uma interpretação que esgote os seus percursos históricos, com uma leitura definitiva dos seus registros no tempo.

A COMCENT tenta marcar o corpo da cidade com seus monumentos que visavam melhorar e embelezar a cidade. Sob a máscara do progresso novas sensibilidades são instituídas na cidade fazendo crer numa cidade totalmente nova no dia das comemorações do seu primeiro centenário de emancipação política. Para a comemoração do centenário da cidade várias forças sociais foram mobilizadas para transparecer para a grande a população a imagem de uma cidade moderna, que investe em vários setores e progredir sem cessar.

1.3 AS COMEMORAÇÕES DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DE CAMPINA GRANDE

1.3.1 Os corpos se preparam para o festejo

O ano de 1964 foi bastante emblemático para a cidade de Campina Grande, pois foi o ano de seu primeiro Centenário. Ocorreram vários eventos para festejar esse momento, bem como várias instituições e monumentos foram entregues pelos governantes à cidade. Um deles a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem que contou com o apoio da Comissão do Centenário e de outros homens públicos para sua fundação.

Esses feitos foram possíveis graças à atuação da comissão do Centenário, que “escutou” o apelo da população e executou várias obras no cenário urbano. Envolvidas em discursos políticos e das elites intelectuais da década de 60, as obras da COMCENT (Comissão do Centenário) representavam os ideais de modernidade que circulavam na época. Para comemorar o primeiro centenário, grande teatro foi preparado, apresentando as prioridades elencadas pela sociedade campinense. Por meio de desfiles e inaugurações de obras na cidade.

A comissão do Centenário patrocinou vários eventos e instituições que tinham o intuito de fazer Campina progredir. Patrocinou a fundação de várias escolas, que ficaram conhecidas como escolas centenárias.³⁷ Observamos, nos jornais, que o trabalho da comissão

³⁷ Mais adiante vamos analisar algumas obras da COMCENT.

era educar e embelezar a cidade até o momento do aniversário do primeiro centenário da cidade.

Provavelmente, a escolha pelas fundações de escolas deveu-se por estas exercerem um trabalho ostensivo sobre o corpo, uma disciplina e um mérito para quem inaugura. É relativamente difícil achar oposição a criação de escolas, sejam elas primárias, secundárias ou de ensino superior. A escola gera valores positivos para a sociedade a qual se insere, representa um momento de ruptura e progresso para cidade.

O intuito da Comissão do Campinense provocar um impacto na cena social, trazendo a novidade, possibilidades de vivenciar e de sonhar com outra cidade, moderna e bem qualificada profissionalmente. A criação da escola pode ter trazido justificativas necessárias para se pensar a COMCENT como uma comissão integralizadora dos anseios dos campinenses. Quando na verdade estava se utilizando de símbolo de aperfeiçoamento profissional para convencer seus espectadores de suas propostas modernizadoras, que não passava da vontade de um grupo de auto afirmar socialmente.

Durante curtos momentos, como afirma Balandier (1982), a cidade pode ver e viver numa cidade imaginada pelo imaginário oficial, promovendo uma metamorfose sobre os corpos e, ainda, vivificando aos olhos dos espectadores, a modernidade, a ordem e a higiene por meio dos corpos. E nesses momentos são lançadas as modificações do espaço urbano, se aproveitando do momento de em que todos acreditam viver outro tempo.

No momento que se comemorou o primeiro centenário de Campina, a impressão que fica é que a cidade viveria o novo tempo, inaugurado no momento do aniversário de cem anos da cidade. Quando na verdade após essa comemoração pouco se falou do centenário da cidade e do investimento simbólico e financeiro que se fez para as festividades. Ocorreram desfiles nos anos de 1962, 1963 e 1964, que ganharam destaque na mídia local, disputas de futebol e voleibol, inaugurações de reformas e espaços novos por toda cidade entre outros.

Dessa forma, no ato de enunciação, ocorre a construção de um modelo de cidade homogeneizante, pois o jornal prontamente relata a adesão dos alunos ao convite para participação do desfile. A propósito do ato de enunciação, Pierre Bourdieu (1989, p. 116-117) afirma que

A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobrevir o que ele anuncia no próprio acto de enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia: A fórmula “eu autorizo-vos a partir” só é o ipso uma autorização se aquele que pronuncia está autorizado a autorizar, tem autoridade para autorizar. Mas o efeito de conhecimento que o facto da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido daquele que o detém; ele depende do grau em que o discurso, que enuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. O poder sobre o grupo que se trata de trazer o grupo impondo-lhe princípios de visão idêntica da sua unidade.

Esses atos de enunciação está presente em vários momentos das comemorações do centenário da cidade, principalmente pelas autoridades políticas e membros da elite. Fazendo crer numa nova cidade que só existe na medida em que individuo partilha das ideias propagadas pela comissão do centenário. Mais como afirma Souza (2002) algumas crianças não tinham uma noção exata do que significariam esses desfiles, vendo-os apenas como um momento de diversão. Já o cronista Eptácio Soares institui outra significação para o evento, utilizando o jornal para disseminar sua opinião sobre o dia da cidade:

Trata-se de um acontecimento de grande significação na vida de uma comunidade. No âmbito municipal essa data tem o mesmo sentido do sete de setembro, na história de nossa Pátria. Por que, então, não darmos a juventude esse exemplo de amor à terra comum, ensinado que o amor primeiro deve ser ao chão doméstico que nos viu nascer. (Soares, Eptácio. O “Dia da Cidade, Diário da Borborema, Campina Grande, 7 out. 1961)

Desse modo, percebemos como Soares tenta convencer os jovens a aderir ao seu projeto de cidade, fazendo-os crer numa região discursivamente construída cheias de problemas e limitações. Mais Eptácio não desiste e lança outro recado ao povo para aderir a festa da elite.

Na mesma crônica, Soares apoia as atividades da Comissão do Centenário, que, na visão do cronista, merece vários aplausos, pelo esforço para realização da festa em

homenagem à cidade: [...] A nós campinenses natos ou naturalizados, cabe neste momento prestigiar de todas as maneiras a ação da COMCENT. Vamos às ruas campinenses, vamos festejar com as galas do nosso entusiasmo a data magna da cidade.(SOARES, Epitácio. O “Dia da Cidade”, Diário da Borborema, Campina Grande, 7 out. 1961).

O apoio às festividades não se restringiu ao cronista. Os comerciantes da cidade também se envolveram nas festividades do Centenário, patrocinando um torneio de voleibol, no ano de 1961. Na quadra do Campinense Club, localizada no bairro da Prata, entre os dias 14 e 15 de outubro, participaram do torneio os clubes Cabo Branco e Cabana de João Pessoa, além de treze estudantes de Campina Grande.

Na ocasião, foram disputadas as seguintes taças: 97 anos, oferta da indústria de móveis N.S. de Fátima, de Rafael Santos; Taça Alcides Queiroz, oferta Droganova; Taça “Livraria Nova”, oferta de João Pedrosa; Taça “faça do livro seu melhor amigo”, oferta de José Pedrosa & irmão; Medalhas “oferta da casa de esportes”, de José Mamede de Sousa³⁸.

Observamos que os prêmios para os vencedores têm o nome dos seus patrocinadores. A taça cedida pelo senhor José Pedrosa, por exemplo, apresenta o slogan da famosa livraria que funcionou em Campina Grande por muitos anos – “faça do livro seu melhor amigo” (certamente alguns campinenses têm guardado um livro marcado com esse slogan). Provavelmente, uma tentativa do patrocinador de exaltar o nome de seu estabelecimento e cristalizar uma memória.

Essas atividades esportivas atraíram vários campinenses, a beleza dos corpos devidamente treinados, uniformizados em seus movimentos certamente encantou o olhar de vários habitantes de Campina. Os festejos do Centenário necessitava ser prestigiado por seus habitantes.

[...] Nessa festa tipicamente campinense, não deve faltar, a presença do povo, que deve correr às ruas e praças, por onde desfilará o cortejo cívico. Estaremos naquela oportunidade fazendo o “avant-première” das comemorações do Centenário. (SOARES, Epitácio. Campina Grande:97 anos de idade, Diário da Borborema, Campina Grande,13 out.1961)

Essas festas cívicas serviam para fomentar uma identidade para Campina Grande, enquanto cidade moderna e saudável. O mais interessante do discurso de Epitácio Soares é a referência à “festa tipicamente campinense”, pois, no ano de 1961, foi instituído o dia da cidade. Ou seja, foi a primeira comemoração ao dia de emancipação política de Campina Grande.

Outro cronista, Lopes de Andrade, na sua coluna Homens e Fatos, abre espaço para comentar o dia da cidade. Com o título de “Cidade quase-centenária”, ele procura situar os leitores do jornal sobre um pouco da história de Campina Grande, iniciando pelo dia da cidade:

Os campinenses comemoraram”, a 11 de outubro, o 97º aniversário da cidade serrana como primeiro ensaio para as comemorações gerais que assinalarão, em 1964, o Centenário da elevação da antiga aldeia de índios de Teodosio Lêdo à categoria de sede municipal (ANDRADE, José Lopes de . Cidade quase- Centenária. Diário da Borborema, Campina Grande,13 out.1961)

Em um dos momentos do seu texto, Lopes de Andrade afirma que, antes de ser elevada à categoria de cidade, é necessário ser uma metrópole. Campina Grande, certamente, já havia dominado outros pequenos centros urbanos e estava preparada para receber tal título, visto que as suas lutas pela classificação enquanto metrópole fazem parte de um processo de construção identitária da cidade. Assim,

A *regio* e as suas fronteiras(*finis*) não passavam do vestígio apagado do acto de autoridade que consiste em circunscrever a região, o território (que também se diz *finis*) legítima, conhecida e reconhecida, das fronteiras e do território, em suma, o principio de di-visão legítima do mundo social”. [...] A fronteira, esse produto de um acto jurídico de delimitação, produz a diferença cultural do mesmo modo que é produto desta [...] (BOURDIEU, 1989, p.114-115).

Bourdieu (1989), ao discorrer sobre o poder simbólico, analisa como se constrói a ideia de região, perpassando discussões acerca da identidade regional. Desta feita, podemos perceber que os aspectos de distinção da cidade passam pelo reconhecimento de sua alteridade em relação às vilas, e pela luta pelo reconhecimento de seu território:

Para que uma cidade chegue ao “status” de Metrópole, considera-se indispensável que adquira funções supra-urbanas nítidas, entre as quais se sobressai a de “dominância econômica” de outras cidades localizadas em sua periferia. Analisando certa vez as funções

desempenhadas por Campina Grande, na área em que está situada, desta três entre as mais importantes: 1. Administrativamente; 2 Religiosas; 3 Econômicas. (ANDRADE, José Lopes de . Cidade quase- Centenária. Diário da Borborema, Campina Grande,13 out.1961).

Na década de 60, Campina Grande “dominava” administrativamente Lagoa Seca, Vila de Queimadas, Massaranduba, Galante, Fagundes, Boa Vista e outras. Religiosamente, dominava Alagoa Nova, Esperança, Monteiro, Pocinhos, pois era sede do Bispado. Para determinar as influências econômicas de Campina Grande sobre seus “dominados”, Lopes de Andrade propõe uma pesquisa de fatos aparentes que caracterizariam a dependência dos pequenos ajuntamentos humanos à “Cidade Serrana”.

Dessa forma, Lopes de Andrade, aos poucos, vai instituindo uma identidade para Campina Grande, enquanto polo comercial, religioso e administrativo, garantindo o título de Metrópole para essa cidade, pelos critérios criados por ele mesmo, baseados em geógrafos e economistas da época:

O acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer a sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão a uma nova divisão do mundo social: regere fines, regere sacra, consagra um novo limite. (BOURDIEU,1989, p.116).

O corpo urbano e humano da cidade foi marcado pela presença da Comissão do Centenário, dos desfiles, da programação radiofônica e do próprio LP, onde músicas enaltecem as qualidades da urbe, em comemoração ao dia da cidade. Como outra iniciativa para promover o Centenário, havia, desde 1961, um programa na Rádio Borborema, intitulado "Cidade Centenária", coordenado pelo sr. Noaldo Dantas.

O programa era levado ao ar sempre aos domingos, das 21h30min às 22 horas, e recebia vários políticos e empresários para darem suas opiniões sobre a cidade e sobre como deveria ser a Festa. Inúmeras sugestões foram levantadas nesse programa e outras foram recolhidas diretamente pelos integrantes da comissão do centenário.

Muitas propostas foram lançadas nesse programa, todavia, nem todas foram realizadas. Algumas, como a campanha de alfabetização, foram levadas adiante pela COMCENT, com o intuito de diminuir o número de analfabetos até o tão esperado dia do centenário.

A construção de escolas certamente é uma marca subjetiva da COMCENT. As Escolas Centenárias funcionavam à noite, a fim de que operários e pessoas mais humildes pudessem frequentá-la. Mais uma construção simbólica por meio da qual os poderes mostram uma face solidária com a população.

As Escolas Centenárias marcavam as subjetividades dos campinenses, porém não era algo que marcasse de forma definitiva o nome da Comissão do Centenário na cidade. O Diário da Borborema aclama os projetos da comissão e abre espaço para explicar esse passo para civilização dos habitantes de Campina Grande. Dessa forma, um dos monumentos mais apreciados pelos campinenses é fruto da ação da COMCENT, no ano de 1964, qual seja, o Monumento em homenagem aos Tropeiros da Borborema, localizado as margens do Açude Velho.

Os monumentos inaugurados pela Comissão do Centenário são aclamados pelo homem público, principalmente em lugares de grande visibilidade pelos campinenses. Evaldo Cruz assim apresenta a atividade da Comissão do Centenário:

É algo de monumental o Parque do Centenário projetado para as comemorações de 1964. Abrange uma faixa da cidade, que vai do Açude Velho ao Açude Novo, ao longo da qual serão edificadas belas construções, inclusive um revolucionário anfiteatro³⁹ na hoje 'Lagoa Zé Rodrigues'. Vale a pena conhecer os detalhes do magnífico projeto (CRUZ, Evaldo. Diário da Borborema, Campina Grande, 29 out. 1961).

As modificações planejadas pela comissão incluíam também reformas no Fórum de Justiça, Criação de um parque de Exposição de Animais, bem como reformas na calçada do Açude Velho. Tudo parece impecável sem oposições aos feitos ou algum tipo de resistência pelos moradores.

³⁹ Teatro Severino Cabral. Ver Diário da Borborema, Campina Grande 14 nov. de 1961.

Se tudo o que a COMCENT fazia parecia perfeito no jornal, certos indícios de desentendimentos de seus membros aos poucos iam corroendo a imagem coesa da comissão juntamente com a lentidão com que as obras se desenvolviam. Desavenças políticas entre o senhor Noaldo Dantas e o seu adversário, o governador. No entanto, Noaldo, continuou no cargo de secretário geral da comissão, o prefeito da cidade Severino Cabral Filho (Até fins de 1963). Na edição do jornal a União, um episódio que envolvia, o genro do governador Vital do Rêgo, em um caso de corrupção, sendo afastado temporariamente da Comissão.

Alguns dias após essa publicação, o senhor Pedro Gondim vem a público, por meio do Jornal a União, expor seus gastos e defender-se das acusações de corrupção. Entretanto, mesmo assim, a Comissão do Centenário não parou de organizar e ordenar o espaço urbano para o dia 11 de outubro de 1964.

Assim sendo, várias acusações de opositores do governo levaram ao afastamento do senhor Vital do Rêgo de seu cargo, na comissão, algum tempo depois. O genro do governador recorre a várias estratégias midiáticas para defender-se e leva adiante os seus projetos para Campina Grande. Um desses projetos é a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, que foi gestada e inaugurada por meio da COMCENT.

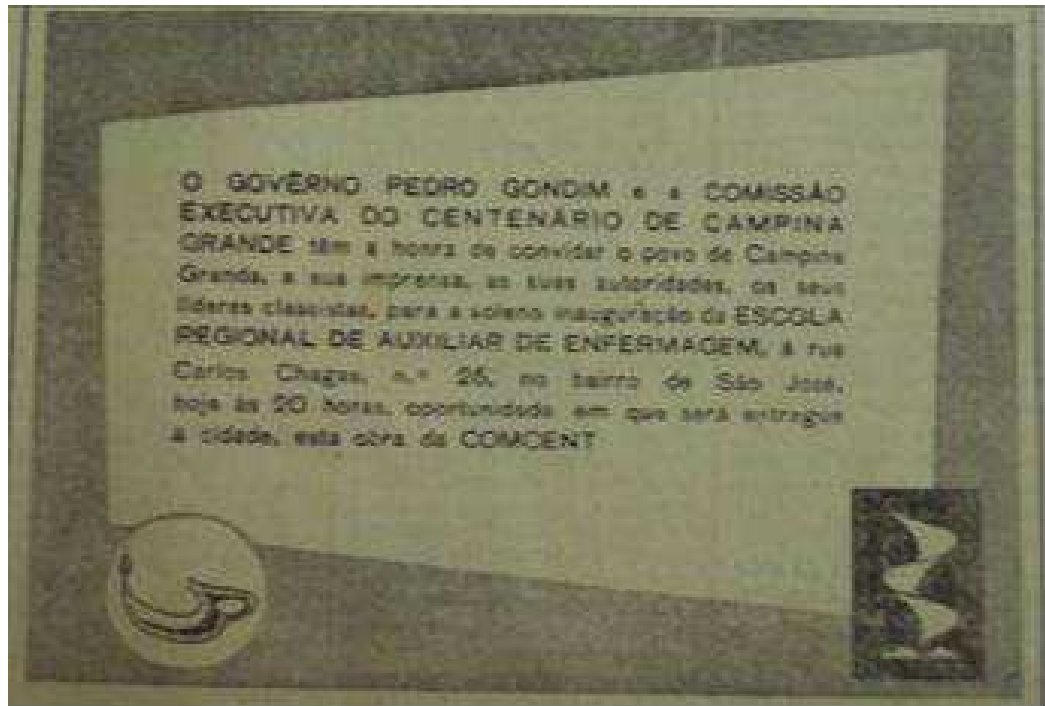
A criação da Escola de Enfermagem não estava, portanto desligada das tramas sociais dos anos 60, ela nasceu e funcionou ligada a esses discursos políticos e higienistas que circulavam pela cidade. Numa temporalidade em que Campina Grande sofria uma crise de seus valores e ideais modernos, fazendo surgir novos espaços para educação de seus habitantes.

Uma Escola de Enfermagem surge em função da criação de hospitais, ao contrario de outras da região sudeste, a campinense surge para atender a demanda de uma rede hospitalar. Surge num momento estratégico em que sua criação é utilizada para glorificar um grupo específico, ligando sua inauguração a um momento de fomentação de uma identidade de cidade moderna para Campina.

A Escola de Auxiliar de Enfermagem é um símbolo do dos discursos higienistas na cidade, na forma que seu funcionamento traria profissionais qualificados formados na própria cidade. Entendemos que ela foi utilizada como forma de autoafirmação da imagem da cidade enquanto metrópole desenvolvida e bem educada.

CAPÍTULO 2

A ESCOLA DE ENFERMAGEM: ESMIUÇANDO FIOS DA FUNDAÇÃO



O objetivo do capítulo é analisar alguns aspectos da criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem, inaugurada no ano de 1964 em Campina Grande. Como já foi relatado anteriormente, esse é o ano do primeiro centenário da cidade na qual ela se localiza, e justamente nesse momento de construção de uma imagem de cidade moderna que a escola é fundada. Ela se liga a este ato comemorativo e à dinâmica de uma época. É necessário mencionar que a construção da imagem de uma cidade moderna não é da década de 60, pois desde o início do século que políticos, intelectuais e a elite campinense já procuravam elaborar e divulgar esse ideal urbano.

⁴⁰ Figura4. Convite para inauguração. Fonte: A União 10 Agost.1964

Mudanças ocorridas em relação à saúde e as formas de assistência à população justificariam a criação de uma escola de Enfermagem. Em conjunto a essas questões, estava às estratégias políticas que utilizavam a criação da escola para notabilizar sua presença no cenário social.

A Enfermagem é uma profissão historicamente discriminada, pois em seus primórdios a profissão foi exercida por prostitutas, bêbados e demais pessoas consideradas de baixo calão pela sociedade. Esse estereótipo social foi associado às mulheres e homens que exerciam e exercem a profissão de enfermeiras, (os) técnicos(as) e auxiliares de enfermagem até os nossos dias. Atrelado a isso estava à formação precária desse profissional no século XIX que aprendiam a cuidar dos doentes de forma empírica no dia a dia dos hospitais.

Florence Nightingale, após a Guerra da Criméia(1854-1856), lança novas condições para o ensino e a prática da Enfermagem através da fundação de escolas e da escolha de mulheres moralmente habilitadas para exercer os cuidados aos doentes dentro dos hospitais. Através de sua experiência adquirida na guerra lança novas formas de organização e higienização do espaço hospitalar. Sendo assim, o que ela estabeleceu foi um discurso higienizador sobre o que era considerado na época como enfermagem, afastando os moralmente inferiores e aproximando o saber de bases racionais.

Esse é considerado pela literatura sobre história da Enfermagem como um marco para o entendimento da Enfermagem dita moderna. Esses foram os primeiros passos para a formação de mão de obra qualificada em um ambiente propício para tal, movimento que aos poucos foi espalhando-se para o mundo. Chegando ao Brasil em fins do século XIX e a Campina Grande no meio do século XX. A criação da Escola Regional de Auxiliar Enfermagem pode ser pensada dentro desse contexto de profissionalização que a Enfermagem sofria durante as décadas de 50 e 60.

Isto dito, podemos perceber que a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi uma tentativa de higienizar os espaços dos hospitais campinenses de pessoas sem preparo oficial. Sua criação foi estrategicamente pensada, pois estava em consonância com os discursos médicos higienistas e as representações de cidade moderna criadas por políticos locais.

Por meio da criação e funcionamento da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, as mulheres-enfermeiras jogam com os discursos moralizadores e excludentes da época, que deixavam as mulheres à margem da vida pública. Segundo Padilha (2006) o movimento feminista brasileiro conseguiu o reconhecimento da mulher como ser capaz do ponto de vista civil. Conquista significativa para seres que viveram durante séculos sem dispor de liberdade de ir e vir, sobre seu corpo e até igualdade perante a lei. A criação de uma escola de enfermagem possibilitou que mulheres participassem em maior número da vida pública e se tornassem independentes financeiramente. Mas, a escola não só serviu para mulheres adquirirem uma profissão, homens também lá estudaram, mesmo que em menor número.

As relações de gênero condicionam as escolhas profissionais. À mulher caberia profissões femininas como professoras, enfermeiras e secretárias. Aos homens, profissões que exigissem força física ou racionalidade, assumindo cargos de liderança. Quando um ou outro desvia dessa divisão sexual das tarefas a sociedade condena, exclui e rechaça. Um bom exemplo de como o papel de gênero influi nos cuidados está no depoimento de Manoel Barbosa. O preconceito havia muito. Uma injeção mesmo eu não fazia em todo mundo não. Nas nádegas etc. e tal, tinha que ser uma enfermeira.⁴¹

Manoel Barbosa relata os limites impostos pela sua identidade de gênero no exercício de sua profissão. As pessoas sentiam-se mais a vontade na presença de uma mulher pela construção e idealização de ser a enfermeira um ser terno e meigo, e o homem aquele grosseiro e viril. São momentos do cotidiano em que se explicita como a sociedade da época e quiçá nos nossos dias encara o homem- enfermeiro, associado a imagem da candura e amabilidade da profissão ao sexo masculino e taxando os homens que exercem a enfermagem de efeminado.

O próprio conceito de gênero passa pela cultura de determinada sociedade e firma como deve ocorrer à interação entre homem-mulher, mulher-mulher, homem-homem. As relações de gênero são construções sóciohistóricas que podem mudar de acordo com as relações sociais. Não estando condicionadas pela identidade sexual-biológica de cada um, mas a construção do feminino e do masculino de determinada sociedade.

⁴¹ Manoel Joaquim Barbosa entrevista concedida em dezembro de 2012.

Essa relação está explicitada na fala de Manoel de acordo com o papel que cada um tomava para si nas relações de gênero, o sujeito permitia ou não a administração em determinado local da medicação por ele. Provavelmente as mulheres que tinham acesso a determinadas áreas do corpo, como as nádegas, não eram percebidas pelo o mundo social com bons olhos. Num momento em que ainda havia vários tabus em relação ao corpo e a sexualidade ser enfermeira não era algo fácil.

Ainda sobre o preconceito uma ex-aluna da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, que estudou nos anos 80 quando a escola de enfermagem tinha um convenio com a Escola Dr. Elpídio de Almeida, conhecida como estadual da Prata. Ela assim relata a forma como o preconceito em relação à profissão interferiu na sua vida profissional.

Eu sempre tive vontade de ser enfermeira, tinha um certo receio de fazer por causa do meu marido, ele não gostava, mais eu optei por fazer .Ele dizia ‘Você vai fazer o curso mais fica perdido por que você não vai trabalhar . Eu dizia[a mim mesma] tem nada não mais eu tenho o curso. Mais eu tinha vontade de trabalhar. É tanto que eu fiz o técnico de enfermagem e fiquei três anos sem trabalhar. [...]Por que ele não queria que eu fosse trabalhar na área, o sonho dele é que eu fosse ser professora, pra ensinar. [...]É tanto que quando eu terminei o curso em 86 eu terminei o curso e fui direto para escola normal. [...] As pessoas tinham muito preconceito. Hoje ainda tem, antigamente as pessoas faziam um bicho. Uma mulher casada não podia ser enfermeira, porque o povo dizia logo que ia colocar chifre no marido com os médicos. Esse daí [aponta para o marido]no pensamento dele eu ia dar banho nos homens e ver os homens nus. O negocio dele, de eu não ir trabalhar era não ver os homens nus(risos).O preconceito era mais forte.⁴²

Mesmo com o passar do tempo às visões preconceituosas em relação à mulher-enfermeira permanecem. Nesse depoimento estão presentes os maiores tabus em relação a profissão de enfermeira, pela proximidade dos saberes médicos e enfermeiras convivem no mesmo espaço, a mulher auxiliar do médico é vista socialmente como sua amante, ou amante dos doentes. Se as mulheres casadas sofriam preconceito, as solteiras não ficavam para trás diante dos comentários em relação à profissão de enfermeira.

A própria mulher Valdira Gomes é tutelada pelo marido nas suas escolhas profissionais, e por que não dizer até no momento da entrevista quando o marido está

⁴² Entrevista concedida por Valdira Gomes da Silva em 20 de janeiro de 2013

presente. A sua função no hospital provavelmente mancharia a honra de homem do seu marido, macho e provedor. Em muitos momentos são as vontades dele que ela faz, ‘ele não queria’, o que ela desejava parece não importar. Ela é um objeto apenas para satisfazer os sonhos dele, não os dela enquanto indivíduo. Essa relação de subserviência em que a mulher se encontra em relação ao homem nos anos 80 pode ser aumentada se voltarmos um pouco no tempo e chegarmos aos anos 60, onde as mulheres eram mais dependentes das vontades do marido, do pai e da própria sociedade.

Mesmo em terrenos com que a mulher chega com mais facilidade como a educação e a saúde por ser percebida como profissões femininas, isto não significa dizer que exercer uma profissão fora do lar seja fácil, as resistências sociais são muitas. O preconceito em relação à mulher e a profissão, vistas como secundárias e de pouco valor social.

As pessoas alimentam estes preconceitos pelo desconhecimento da função da enfermeira, desconhecimento em relação ao seu próprio corpo e a sexualidade que isto inclui. Sendo assim, a enfermagem por ser uma profissão que manipula o corpo, com antecedentes históricos que remetem a pessoas de baixo calão, por ser exercida geralmente por mulheres sofre preconceitos e estigmas sociais que a fazem não ser reconhecida e valorizada como saber. Mas como pratica de mulheres de vida fácil ou homens efeminados.

A criação da escola passa também pelo papel social da mulher e da profissionalização das mesmas, e pela luta de reconhecimento da enfermagem enquanto profissão na década de 60 em Campina Grande. A escola foi aos poucos mudando o perfil do profissional de saúde da cidade através da oferta de cursos de caráter profissionalizante e gratuito. Uma escola criada pela elite, mais não foi um espelho da mesma, antes uma escola para servi-la. Por meio de sua criação discurso sobre modernidade foram gestados e figuras políticas ganharam destaque, seus formandos serviram de mão de obra em seus hospitais, clínicas e consultórios.

Mesmo com a criação e funcionamento da escola de enfermagem em Campina Grande os antigos funcionários dos hospitais com formação não oficial não foram extintos, mais gradativamente foram sendo profissionalizados.

As mudanças nunca se dão de forma abrupta como bem coloca Stutz(2009)

No mundo contemporâneo, o profissional de enfermagem carrega consigo a herança histórica que tem na origem de sua formação a influência de princípios norte-americanos, deixadas por enfermeiras americanas, trazidas ao Brasil no começo do século XX pela fundação Rockfeller. Em sua historia há também a forte influencia de princípios religiosos já no século XVII, quando os cuidados prestados aos doentes no interior de instituições de saúde era coordenados por Irmãs de caridade”[...] (STUTZ,2009,p.31).

A Enfermagem paraibana não fugiu, de maneira geral, a essa colocação de Stutz(2009). A mesma iniciou seu percurso no século XX com Irmãs de caridade, até se consolidar por meio de escolas oficiais ou mesmo até onde se deu a influência da Fundação Rockfeller em Campina na década de 20 . Por isso, não podemos afirmar com veemência maiores detalhes da Enfermagem em Campina Grande, visto serem as fontes escassas e arquivos hospitalares de difícil acesso. O que podemos afirmar é que as escolas da capital paraibana serviram de modelo para escola campinense, que aos poucos foi profissionalizando as pessoas interessadas em exercerem a função de auxiliar de Enfermagem. Também devemos concordar que os ideais de Florence parecem ganhar força na criação e funcionamento da escola campinense no seu modelo de organização e formas de hierarquização.

No Brasil as primeiras escolas de enfermagem foram criadas no período republicano no Rio de Janeiro e São Paulo. Na Paraíba, esse movimento teve início no começo do século XX. O ensino de Enfermagem no Brasil foi regularizado nos tempos da República (1890) pelo Chefe do Governo Provisório Marechal Deodoro da Fonseca, que criou, pelo decreto 791, a Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras, ficando instituído oficialmente o Ensino de Enfermagem no país. A escola foi criada para resolver problemas referentes à mão de obra e a profissionalização do trabalho feminino, pois religiosas que trabalhavam no hospital dos Alienados no Rio de Janeiro, deixaram seus cargos. A escola foi reorganizada em 1939 por Maria Pânjelo, transformando-se na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

As primeiras escolas de enfermagem na Paraíba foram inauguradas na capital, João Pessoa, no começo do século XX. Segundo Nóbrega (1979), as primeiras pessoas a exercerem a profissão na capital foram as Irmãs da Sagrada Família Ângela Merici e Maria Benigna, diplomadas pela Escola da Cruz Vermelha francesa foram contratadas para trabalhar no hospital Santa Isabel. Depois disso houve vários cursos para o adestramento teórico-prático de

enfermeiras, financiados pela Assistência Pública ou pelo departamento Estadual de Saúde. Também houve cursos dentro dos hospitais e outro financiado pela Cruz Vermelha brasileira. Durante a primeira metade do século XX outras escolas surgiram como a escola de Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba e a *Santa Emilia de Rodat*.

Se as primeiras escolas foram fundadas para atender as necessidades de um hospital, pois muitas eram construídas bem próximas a eles, a campinense foi criada para atender as necessidades de uma cidade que mesmo pequena já demandava um contingente hospitalar significativo. Na fundação da escola campinense, ao contrário de outras não encontramos nenhum indício que nos remeta a participação religiosa em sua fundação ou mesmo da existência de cursos de curta duração com o intuito de formar profissionais de enfermagem na década de 60 em Campina Grande.

Em 1963, em João Pessoa foi criado na capital um curso de auxiliar de Enfermagem “Destinado especialmente à formação e a promoção de jovens que dispunham de poucos recursos, que, sem ajuda não podem estudar” (NÓBREGA, 1979, p.372). Essa parece ser mais um dos aspectos discriminatórios da Enfermagem como se todos os auxiliares fossem pobres ou todos os indivíduos pobres seriam naturalmente auxiliares de enfermagem. As moças ou moços de condição social mais elevada seriam “naturalmente” os que mandam nessa concepção. A escola de enfermagem campinense sempre ofereceu cursos profissionalizantes de forma gratuita, certamente pessoas de várias classes sociais frequentaram aquele espaço educacional. Provavelmente era uma oportunidade de profissionalização para pessoas sem condições de deslocar-se para João Pessoa na década de 60 e em décadas posteriores transformou-se em uma oportunidade para pessoas sem condições financeiras de pagar um curso de enfermagem.

O número de profissionais formados e o número de espaços educacionais tornava a capital paraibana na década de 60 como bem servida dessas profissionais em relação a cidades do interior como Campina Grande por exemplo. Alguns entrevistados apontaram a capital como fornecedora dessa mão de obra qualificada, com o crescimento da procura por tais profissionais em Campina, essa profissionalização passou a ser gerida na própria cidade. Uma das professoras da Escola de Auxiliar de Enfermagem Irismar Lôbo formou-se na Santa Emília de Rodat, e veio atuar em Campina Grande. Outras foram lembradas por Euba Dias Santiago:

Dona Maria do Carmo Navarro, Lalie Navarro⁴³, Leonete, Luzia Almeida, Zélia Uchôa. Vinham de João Pessoa. Dona Glória que vinha de João Pessoa e fazia parte da Escola. Todas eram ótimas. Até Irismar que era mais a avexadinha⁴⁴, tenho saudade [...] Cada uma tinha sua maneira de ser. Uma era exigente, outra era abusada, outra era perfeccionista, a outra tinha cuidado até pra gente não levar namorado na frente da Escola (risos). Cada uma tinha seu jeito de ser, mais foram os azes de minha vida. (DIAS SANTIAGO, Euba. Entrevista concedida em 10 nov. 2010).

Esses primeiros movimentos de profissionalização na capital chegaria a Campina Grande por meio da criação da Escola de Auxiliar de Enfermagem. Jovens enfermeiras recém-concursadas do Hospital Alcides Carneiro Carneiro – “Lalie Navarro de Lima, Lenira Pacheco Moreira, Leonete dos Santos Bezerra e Luzia Almeida, procedentes do Macéio –Al.”⁴⁵. Forasteiras como muitas outras que exerciam profissões diferentes no comércio, na indústria, nas feiras e no próprio lar. Passando por cima de vários preconceitos da própria época em relação a mulheres que trabalhavam fora.

Sobre isso, afirma Perrot (1998): [...] o homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria (Perrot, 1998, p. 7). A mulher pública é desautorizada a habitar o espaço público, nos discursos jurídicos, ela não pode responder por seus atos, é dita como a desavergonhada que não sabe guardar sua honra. Dificilmente é apresentada como um sujeito ativo, participante da sociedade e senhora de seu destino. Desta forma as mulheres nos anos 60 em Campina já estavam se libertando dos trabalhos essencialmente domésticos e partindo para a vida pública, deslocando fronteiras através de pressões e ações.

Em 1962, essas jovens saíram pelo Brasil procurando modelos educacionais para a formação de Auxiliares de Enfermagem, observando o que havia dado certo nas Escolas de

⁴³ Segundo Maria do Carmo, era enfermeira do Pedro I, um hospital que, na sua opinião, era de boa qualidade. Lalie era cunhada de Maria.

⁴⁴ Ela afirma que as outras professoras citadas “eram mais calminhas”, Maria do Carmo Navarro, Lenira Pacheco, Irismar era a nervosa.

⁴⁵ Maria do Carmo Navarro também acrescenta o nome de Irismar Lobo. Entrevista concedida em novembro de 2008.

Santa Catarina, Curitiba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba.⁴⁶ A preocupação inicial das Enfermeiras foi colocar a escola em nível de igualdade com as já existentes no Brasil. Sem dúvida uma tentativa de se autoafirma perante as outras escolas e incrementar a imagem de cidade desenvolvida para Campina no momento do seu Centenário.

Ao mesmo tempo em que as pessoas anualmente comemoravam o dia da cidade, preparavam a cidade e se preparavam para o primeiro centenário de Campina. As enfermeiras planejavam nesses dois anos a inauguração da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem que ocorreu em 1964. Projetos aparentemente diferentes, mais que giravam em torno do discurso higienista e modernizador, justificando a criação de muitos espaços em Campina Grande.

Amparadas pelas condições de formação dos profissionais existentes na cidade, o aumento da população, o crescimento dos locais de tratamento e cura, e o apoio de políticos da época. Essas jovens enfermeiras encontraram argumentos mais do que consistentes para se afirmarem como grupo profissional e por que não dizer como mulher no espaço público. Fazem uma bricolagem com e na economia cultural dominante, usando várias metamorfoses da lei, segundo seus interesses e regras. Utilizando das astúcias dos homens e mulheres ordinárias que habitam o espaço da cidade.

Talvez, isto justifique a produção de discursos como o de Siqueira (1983).

Em 1964, sentiu-se a necessidade de criar uma Escola Auxiliar de Enfermagem, dando a Campina Grande indivíduos capacitados a proporcionar uma assistência preventiva e curativa, através de uma formação profissional específica; fornecendo mão-de-obra especializada para os diversos hospitais da cidade (SIQUEIRA, 1983, p.9).

A Enfermeira Luzia Almeida havia recebido e aceitado o convite de representar a classe de enfermeiros do Hospital Alcides Carneiro, junto à comissão executiva do Centenário. Segundo Cerqueira (1983), em uma visita da COMCENT ao Alcides Carneiro, os

⁴⁶ Vale salientar que as despesas foram custadas pela COMCENT.

membros da referida comissão apoiaram o projeto da Enfermeira. Todavia, já nos anos 90, o jornalista William Tejo contesta essa versão:

Foi uma solicitação do ex-vereador Manoel Barbosa que, à época, era o presidente da Associação de Enfermeiros de Hospitais e Casas de Saúde de Campina Grande. Tal solicitação foi feita ao deputado Vital do Rego, que muito trabalhou pela fundação da Escola. Era presidente da Sociedade Médica de Campina Grande o Dr. Humberto de Almeida, que, em companhia do Dr Raul Dantas, vice-presidente da Associação de Pediatras, foi a João Pessoa, sendo recebidos em audiência pelo governador Pedro Gondim. Na ocasião, comunicaram ao governador que a Sociedade Médica e demais entidades do gênero apoiavam a iniciativa, a futura Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, de nível médio e profissionalizante na cidade de Campina Grande, solicitando todo empenho do governo para que a ideia fosse concretizada.”(TEJO, William⁴⁷. Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.. Jornal da Paraíba, Campina Grande,p.6, 25 mar. 1990).

Importa-nos perceber as lutas e embates da memória sobre a fundação da Escola, e os movimentos que os sujeitos promovem na cena social. Desse modo, aparecem outros sujeitos afirmando sua participação na fundação da Escola de Enfermagem. O senhor Manoel Barbosa, pelo que sabemos, era um enfermeiro prático, ou seja, o que equivale ao nível de auxiliar de Enfermagem, mantinha um posto de atendimento na década de 70, onde realizava pequenos procedimentos como curativos, preparos para exame e outros. Estava localizado na Rua Peregrino de Carvalho, no centro de Campina Grande. E que na referida época era representante de uma classe profissional e vereador. Não estamos aqui questionando a participação de Manoel Barbosa, apenas esclarecendo que o estatuto do documento muda de acordo com o contexto no qual está inserido.

A enfermeira Roseli Siqueira(1983) ou desconhecia a participação de Manoel Barbosa ou não valorizou seu apoio enquanto vereador e enfermeiro prático. Por isso optamos por utilizar a fonte dos anos 90 por que ela nos trouxe dados novos, visões diferentes acerca

⁴⁷ Professor, Jornalista e Historiador, contribuiu para vários projetos educacionais em Campina Grande. Na década de 90 publicou no Jornal da Paraíba um suplemento dominical “Painel”, onde trazia pedaços da história de Campina Grande. Essa versão anos 90 dos anos 60 nos mostra como alguns fatos ganham destaque ou não na memória coletiva. É outro olhar mais que devemos considerar sua temporalidade e os jogos envolvidos em sua produção.

da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Então o próprio Manoel Barbosa se posiciona:

Mais a essa altura em 64, me lembro bem, o presidente da Sociedade Médica era Humberto Almeida e ele deu entrevista reclamando a situação de Campina Grande, que devia ter uma escola de Enfermagem. Veja bem, então eu, isso já em 64, eu era vereador e consegui com Vital do Rêgo na época falar com Pedro Gondim que era governador na época. [...] Para instalar a Escola de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande. Inclusive nessa comissão foram umas enfermeiras lá do IPASE. Foram comigo e o jornalista Epiácio Pessoa, Epiácio Soares digo, nós enfim.⁴⁸

Essa é a versão de Manoel Barbosa sobre por que meios as enfermeiras chegaram aos políticos, com vários aspectos de verossimilhança com fontes escritas. No entanto em relatos orais seu nome ainda não havia aparecido. Não queremos a verdade dos fatos mais aspectos de verossimilhança que nos possibilite construir uma história “imperfeita” da criação da escola. Importa perceber os jogos discursivos que aos poucos nos mostram uma época da qual não vivemos, apenas temos peças de um enorme quebra-cabeça histórico.

Na época da fundação da Escola de Enfermagem, Manoel Barbosa mantinha um sindicato dos Enfermeiros práticos no bairro do José Pinheiro, segundo a Araújo (1999) o terreno foi doado por Severino Cabral, no período em que era prefeito de 30/11/1959 a 30/11/1963. Pelo que podemos perceber das lutas cotidianas, ele aderiu ao projeto proposto pela COMCENT, na pessoa de Vital do Rêgo e Severino Cabral, que também participava da Comissão, e certamente mantinha aproximações políticas.

O importante é perceber a movimentação que a criação de uma escola pode provocar numa população, que almejava atingir formas de engrandecimento de seu espaço, e de pessoas que partem em busca de melhores oportunidades de qualificação profissional e de lutas políticas. Elas lutam no seu cotidiano para se afirmarem enquanto sujeitos, se apropriam de discursos e aproveitam as oportunidades de acordo com a ocasião. O próprio jornalista referido ressalta a participação de Manoel Barbosa:

[...] A história da fundação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem ficaria incompleta sem o registro da colaboração da Associação de Enfermeiros Práticos de Hospitais e Casas de Saúde de

⁴⁸ Entrevista concedida por Manoel Joaquim Barbosa 15 de dez. em 2012.

Campina Grande. À época, era presidente da entidade Manoel Barbosa, alagoano de Nascimento e campinense de coração, que muito tem feito por esta cidade. Foi Barbosa que, à frente de enfermeiros e pessoas da comunidade, devendo-se destacar o jornalista Epitácio Soares, já falecido, e contando com o apoio da Sociedade Médica, reuniu uma comissão que foi falar como o governador Pedro Gondim para que apoiasse o projeto do deputado Vital do Rêgo para a criação da Escola de Enfermagem de Campina Grande. (TEJO, William. Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.. Jornal da Paraíba, Campina Grande,p.6, 25 mar. 1990)

Há todo um esforço de Tejo em convencer o leitor da participação de Manoel, lhe dando um lugar na historiografia campinense. Pela proximidade com que Tejo fala de Manoel deixa clara sua amizade com Manoel Barbosa. Tentando convencer o leitor a crer que o mesmo foi excluído da história da criação da escola juntamente com sua Associação de Enfermeiros Práticos. Mais isto nos faz refletir qual discurso deve ser mantido em referencia a fundação da escola, quais personagens devem aparecer e quais devem ser esquecidos. Talvez no momento da criação da escola não fosse interessante publicar o nome de Manoel, enquanto na década de 90 houvesse outras forças sociais em jogo que fez seu nome vir átona.

No domingo subsequente à veiculação da noticia supracitada, o jornalista publica nos seus “Fragmentos Históricos”, em tom de resposta a alguma dúvida sobre a fundação da Escola, com o subtítulo “Ainda a Escola de Enfermagem”, uma nota esclarecedora em tom de veracidade. Tejo (1990) tenta convencer o leitor com documentos escritos e depoimento oral da sua versão da história da fundação da escola:

Com a finalidade de registrar com fidelidade acontecimentos do passado de Campina Grande, colhendo documentos e pronunciamentos ali, em torno da fundação da Escola de Enfermagem vamos transcrever o depoimento do advogado Vital do Rêgo⁴⁹, na época deputado estadual, sobre esse evento: A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, originária do projeto de nossa autoria, foi criada, construída, instalada e modernamente equipada em tempo recorde, sob as inspirações, estímulos e apoios por você bem registrados e mercê da costumeira sensibilidade do governador Pedro Gondim, ainda ao tempo em que as lideranças políticas campinenses não permitiam que se multiplicassem os projetos de discriminação sobre nossa cidade, disseminados desregradamente, a partir de 1965. Tempo aquele de gravíssimas e temerárias dificuldades de

⁴⁹ Nesse momento, são evocados os vários papéis de destaque de Vital, principalmente seu tão comentado talento como orador e jurista.

Enfermagem habilitada, a comprometer a assistência hospitalar no seu setor mais íntimo, complexo e permanente. Superando-se a si mesmos, as figuras singulares de Biu, no Hospital Pedro I, e de Manoel Barbosa, na Casa de Saúde Dr. Francisco Brasileiro, e no desempenho de sua liderança juntos aos enfermeiros práticos, enquanto, de casa-em-casa, os mestres da agulha, “CATABI” e Zacarias, iam atendendo aos não hospitalizados. (TEJO, William. Mais uma vez a Escola de Enfermagem. Jornal da Paraíba, Campina Grande p.7, 1990).

Dessa forma, William Tejo prepara estrategicamente seu discurso proferido no jornal, usando elementos de grande peso persuasivo, como documentos e depoimentos, bem como faz referência à fala do ex-deputado Vital do Rêgo. O jornalista procura dar visibilidade ao seu discurso, no qual persisti toda uma vontade de verdade e fomenta uma representação de elemento moderno para a Escola. Com base no depoimento do advogado, podemos perceber como era o atendimento feito pelos enfermeiros-práticos em Campina, na década de 60.⁵⁰ Notamos, assim, a necessidade de uma mudança de padrão de conhecimento dos mesmos, prestando assistência em ambiente adequado e criado para este fim, sendo antes preparados em uma escola moderna e bem equipada. Perpassa, no depoimento transcrito a seguir, toda uma mudança de sensibilidade por parte da população campinense, no que se refere à enfermagem:

Vital do Rêgo, líder do governo na Assembleia Legislativa do Estado, foi o grande articulador da criação da Escola de Auxiliares de Enfermagem. Incansável e dinâmico, logo após a apresentação do pedido do presidente da Sociedade Médica desta cidade, que interpretou fielmente um desejo da classe e do povo, desdobrou-se junto aos seus pares visando a aprovação rápida do projeto de lei.⁵¹

No jornal Diário da Borborema, de novembro de 1961, coloca-se a manchete “Criada a Escola de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande. Funcionará sob auspício da ‘Sociedade Médica Apoio integral do governo do Estado-Vital do Rêgo autor do projeto-Primeira reivindicação vitoriosa dos novos dirigentes da entidade Médica desta cidade”.

⁵⁰ Muitos cidadãos campinenses lembram-se de um posto de atendimento, mantido pelo senhor Manoel Barbosa, na rua peregrino de Carvalho, no centro de Campina Grande, que funcionou até a fins da década de 70 e início da década de 80.

⁵¹ Diário da Borborema do dia 23 de Novembro de 1961, em matéria de folha inteira anuncia a criação da Escola de Enfermagem.

Atendendo a uma reivindicação da classe médica campinense, através do presidente da Sociedade Médica, Dr Humberto Almeida, a Assembleia Legislativa do Estado acaba de aprovar um projeto de lei do deputado Vital do Rêgo, criando, nesta cidade, a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem[...] Reivindicação sempre sonhada e nunca concretizada, os médicos campinenses vêm agora, com a aprovação do projeto de lei criando a 'EEF', atendido um justo pedido, uma vez que sempre desejaram um centro de formação de auxiliares técnicos, cujos serviços em futuro é, sobretudo, de grande valia para o próprio povo, serão inestimáveis. Começou bem, muito bem mesmo, o Dr.Humberto Almeida, a frente da Sociedade Médica, para cujo cargo foi eleito sob as esperanças de tantos, esperanças que já começaram a se concretizar.

O peso desse apoio médico parece ser de grande valia na referida temporalidade, afinal eles são precursores do discurso higienista e modernizador. Figuras que ocupavam lugar de destaque social cultural e economicamente falando. O interessante desses recortes de jornais é a ausência das mulheres-enfermeiras que participaram da organização pedagógica da escola de enfermagem campinense. A associação com os poderes constituídos representados pelos políticos e pela elite médica prevalece nos documentos oficiais. Muitas vezes o relato oral nos permite o conhecimento de minúcias e detalhes do cotidiano que o documento escrito não mostra. Sem esses relatos não podíamos ao menos pensar na participação das enfermeiras nos primeiros anos de funcionamento da escola.

O documento escrito enaltece a participação de personagens de políticos e médicos, numa tentativa de cristalizar esses nomes na história daquela instituição. A participação da Comissão do Centenário é sempre relatada como algo que foi benéfico para fundação da Escola de Enfermagem, na pessoa do senhor Vital do Rêgo:

É bom lembrar que o deputado Vital do Rêgo, então presidente da comissão 1º do centenário de Campina Grande, teve a feliz iniciativa de listar a Escola dentre as obras que foram construídas no Ano do Centenário, e instalação própria e adequada ao funcionamento da nova unidade de Enfermagem de ensino. (Diário da Borborema, Campina Grande, 23 nov.1961).

Realmente a escola está ligada ao primeiro centenário da cidade e a movimentos de urbanização que ocorriam na cidade, mais é sempre válido considerar a participação de

homens e mulheres de menor renome social que participaram dos movimentos para a criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.

Se a Comissão do Centenário investiu capital financeiro e simbólico para a inauguração, outros deram a sua arte e seu saber para tornar a Escola Regional de Enfermagem uma realidade. O COMCENT construiu e equipou a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, dentro do plano de realização em honra do I Centenário de Campina Grande, conforme consta na inscrição na placa inaugural na entrada da Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem. O projeto arquitetônico da Escola coube ao arquiteto Tertuliano Dionísio e a construção foi de responsabilidade de Edson de Sousa do O e dos engenheiros do COMCENT, Alberto Dahia e Adauto Medeiros.

A Comissão do Centenário gastou Cr\$ 2,205,000,000 com adaptação do prédio, instalação e aparelhagem da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Desse valor, foi pago a Severino Guedes de Andrade pela compra de um terreno com 942m² para a construção da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.⁵² Pago a Cecílio Goes da Silva, referentes ao levantamento planimétrico, altimétrico e desenho do terreno para a Escola, Cr\$ 5.000.00.

As cifras parecem indicar o grau de dedicação que a Comissão teve com a escola de enfermagem campinense, preferimos crer que foi um investimento simbólico com o intuito de consolidar os feitos de um grupo político. Marcando sobre o corpo da cidade um símbolo de uma época e do processo de modernização que sofria seus prédios e ruas.

Outro responsável pela construção e edificação do prédio da escola foi o arquiteto Tertuliano Dionísio, que projetou a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, e outras obras financiadas pela a COMCENT, como o Parque do Centenário.⁵³ A COMCENT promoveu uma reforma no auditório, mobiliário e instalação de equipamentos para realização de congressos e outros, da Escola Estadual Elpídio de Almeida, na época Estadual de Campina. Segundo seu Walter Vasconcelos, ex-chefe dos Recursos Humanos do Hospital Alcides Carneiro,

⁵² Infelizmente não consta o valor pago pelo terreno da escola no jornal a União ou no Diário Oficial.

⁵³ A União, João Pessoa, 3 out.1963. Comissão do Centenário Balancete da receita e despesas do mês de setembro de 1963.

Era Vital do Rêgo quem mandava nessa comissão do centenário, não só foi feito isso não, foi feito uma arquibancada lá no Plínio Lemos, no estádio Plínio Lemos, do lado esquerdo [...] por essa Comissão do Centenário, exatamente no mesmo dia que inauguraram essa escola. Inauguraram essa arquibancada lá no Zé Pinheiro e outras coisinhas lá... E quem mandava na comissão era ele, que era casado com a filha de Pedro Gondim D. Nildinha que é mãe de Veneziano, o atual prefeito da cidade⁵⁴

A COMCENT organizou varias obras antes do dia de comemoração do centenário de Campina para inaugura-las no ano 64 com o intuito de espalhar a urbanização e a modernidade pela cidade. Fazendo com que o campinense observa-se nas ruas da cidade o espirito festivo do aniversario da cidade.

A coordenação dos preparativos para fundação e funcionamento da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem coube à enfermeira Luzia Almeida, que exerceu o cargo de diretora dessa Escola de 1964/1965⁵⁵, sendo logo depois substituída por Maria do Carmo Navarro. Sobre a participação de Luzia Almeida nesse trabalho, assim relata Walter Vasconcelos (2012).

Tudo o que os médicos queriam era com ela, Luzia. Era por todo canto, precisou só procurar por ela! Pra fundar aquela escola, pra movimentar aquela escola! Até pra construir fisicamente, até a engenharia, mas administração foi ela. Ela traçou tudo! Sala pra isso, sala pra aquilo[...] Nesse tempo quem mandava nessa coisa de saúde era Luzia Almeida. Luzia mandava mais do que muitos médicos, Luzia era sabida, nesse negócio de enfermagem, Luzia era cobra nisso, enfermagem ela sabia demais.

Na fala de Walter Vasconcelos Luzia conseguia impor sua vontade bem mais do que muitos médicos, rompendo com a imagem de passividade e servidão que é construída para enfermagem socialmente. Em outros depoimentos Luzia Almeida é sempre percebida como enérgica e perfeccionista em suas ações. A imagem da mulher-enfermeira se equilibra entre dócil e passiva, e disciplina e exigente.

⁵⁴ Entrevista concedida por Walter Vasconcelos Campina Grande, 17 Agosto 2012 .

⁵⁵ Em 1965, houve a tentativa de criação do distrito da ABEN (Associação Brasileira de Enfermagem).

Não só a Comissão do Centenário contribuiu para a construção e consolidação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Em uma matéria da União aparece o apoio do Ministério da Saúde ao projeto da Escola:

Feliz iniciativa do líder Vital do Rêgo apresentando à Assembleia Legislativa um projeto de lei, já aprovado a essa altura e sancionado pelo governador Pedro Gondin, que cria uma Escola Auxiliar de Enfermagem em Campina Grande, vem de encontrar inteira receptividade no Ministério da Saúde, conforme verifica da mensagem abaixo transcrita enviada ao representante paraibano pelo chefe do gabinete daquela pasta: “Deputado Vital do Rego Líder do governo-Assembleia Legislativa João Pessoa-Pb. Agradeço a gentileza comunicação projeto de lei criando Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Felicito tão nobre causa, à qual daremos todo apoio que se fizer necessário. Cordiais saudações Manoel Vilaça, Chefe de Gabinete do Ministro da Saúde . (A União, João Pessoa, 10 jul.1963)

Observamos que o jornal governamental constrói uma relação de dependência com os poderes instituídos, tanto o poder estadual como o de âmbito nacional, para validar o projeto do então deputado Vital do Rêgo. Essa associação produz efeitos sobre o espaço, sobre os moradores de Campina Grande e da capital paraibana. Uma representação como exibição de uma presença, como apresentação pública de algo ou alguém (CHARTIER, 1998, p.20) que se faz presente mesmo na sua ausência.

Essa pequena nota aparece como resposta a prováveis críticas que o senhor Vital do Rêgo deveria estar sofrendo pelos seus pares, visto que, estrategicamente, demonstra o apoio do Ministério da Saúde. Em nota anterior, sob o título “Enfermagem para Campina”, o Jornal a União assim afirma:

Há quem, mais por má fé do que por convicções erradas, esteja criticando o líder do Governo e o próprio chefe do Executivo, pela iniciativa que acaba de ser aprovada pela Assembleia e espera apenas a sanção do Governador, criando a Escola de Enfermagem de Campina Grande. Diz-se que na Paraíba dois estabelecimentos já funcionam, e com larga margem ociosa, com a finalidade de preparar enfermeiras, e que se as matrículas não crescem isto se deve à falta de atrativos que a carreira em si apresenta, pelo menos para a nossa juventude, onde escasseiam as vocações para Enfermagem. (A União, João Pessoa, 26 mai.1962.)

Os referidos estabelecimentos funcionavam em João Pessoa, na Escola Santa Emília de Rodat (que serviu de modelo para Escola de Auxiliar de Enfermagem), e o Curso de Enfermagem, na Universidade Estadual da Paraíba. Realmente a profissão nunca ofereceu vantagens para quem a exerce baixos salários, discriminação e pouco reconhecimento social.

A partir desse discurso, do jornal A União, onde são enumerados os estabelecimentos de ensino de Enfermagem na Paraíba, podemos ver como naquela época a Enfermagem era pouco valorizada e carecia de um maior apoio dos poderes governamentais para ascender socialmente, despontar como uma profissão baseada em um bom preparo pedagógico.

No texto publicado no jornal A União em 26 de maio de 1962, intitulado “Ternura veste Branco”, são explicitadas as delicadezas da alma e as levezas do corpo, que as jovens enfermeiras devem incorporar, levando esses atributos até o cotidiano hospitalar. Ao invés de investir ou mesmo destacar as qualidades profissionais e habilidades técnicas das moças, apela para as virtudes. Após passar por uma boa formação profissional na escola da Universidade da Paraíba. Na imagem abaixo, o texto apela para virtudes atribuídas ao gênero feminino, como a ternura e a solidariedade.

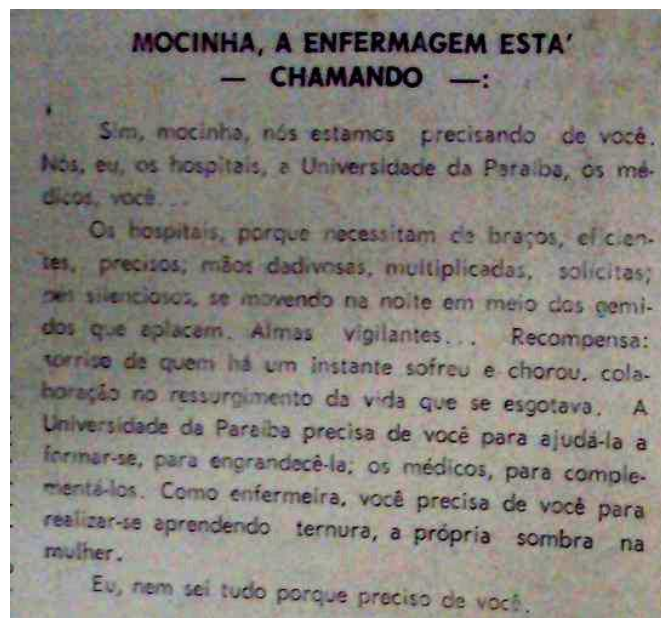


Figura 5 : Fonte: A União, jan. de 1962
Convite para ingressar no curso de Enfermagem.

Através desse convite as “mocinhas” paraibanas, e de um apelo à sensibilidade das mesmas, articula-se toda uma construção de mulher - enfermeira ideal. O próprio título de “mocinha” é um convite ao gênero feminino (excluindo o homem como possível estudante de Enfermagem), ao corpo da mulher que socialmente é visto e dito como materno, sensível à dor do outro, ao cuidado do outro. Assim, o convite acima exclui o gênero masculino da profissão de enfermeiro, reservando, apenas, às mulheres o ofício da enfermagem.

Afinal a organização da profissão no final do século XVIII se deu quando o olhar de uma mulher, Florence Nightingale (também conhecida como Anjo da Criméia), se deteve sobre o sofrimento dos homens. Dando visibilidade ao que as mulheres durante séculos fizeram: cuidar. A mãe foi a primeira enfermeira da família, alicerçada numa ideia de que a mulher tem uma inclinação natural para ser solidária e afetuosa. Florence em muito contribuiu para a afirmação da enfermagem enquanto uma profissão destinada para mulheres, colocando-as num lugar de mãe e educadora.

A Enfermagem é uma atividade que sempre foi vista como afeita ao ser feminino na medida em que ela tem sido identificada como um ‘ato de cuidar’, que exige de quem a executa características que são vistas como fazendo parte da ‘natureza’ feminina. Por conta disso, acaba sendo difícil definir seu estatuto, ou seja, se ela é uma ciência, se é uma prática social (PASSOS, 2012, p.17)

Essa naturalização da mulher enquanto afeita a cuidar provavelmente está ligada a sua constituição física e biológica, fazendo-a parecer mais meiga e dócil, delicada, vocacionada para cuidar dos outros. Esse papel atribuído à mulher é constituído socialmente, através de sistemas de diferenciação entre os gêneros que coloca a enfermagem como dependente e submissa ao médico. O trabalho feminino é sempre visto como secundário e de menor valor em relação ao trabalho do homem.

A enfermeira vigilante e benevolente, de acordo com a imagem veiculada pelo jornal anteriormente citado, se aproxima de estereótipos sociais, como dama de caridade, bem-feitora dos pobres; que se associa aos primórdios da Enfermagem. Aos poucos foi surgindo a mulher profissional de Enfermagem, cercada de preconceitos e muitas relegadas à submissão ao saber médico.

Existia, para a mulher consagrada – a dama de caridade que precede a enfermeira profissional –, um estatuto quase sagrado. Elas eram

reconhecidas como portadoras de dons divinos pelos seus atos, suas esmolas, sua assistência, o que as tornava benfeitoras. [...]. A partir de Florence Nightingale, a mulher consagrada será substituída pela enfermeira profissional. Ela deixará de possuir caráter religioso, porém não deixará de pensar a assistência prestada como vínculo que supõe e reforça a submissão (COLLIÈRE, 1999, p.15).

Sendo assim, podemos compreender o convite para as moças como um artifício utilizado pelos jogos de poder. Um exercício de poder baseado a partir do servir-obedecer, entre quem assiste e é assistido, entre quem visa disciplinar esses corpos, a fim de obter mão-de-obra especializada, docilizada.

Três hipóteses podem ser lançadas em relação à imagem da mulher-enfermeira, transmitida pelo jornal estatal, A União, a própria aceitação da mulher enquanto profissional, atuando em hospitais, e os estigmas seculares que acompanham a Enfermagem, os de que seriam pessoas desqualificadas moralmente, que exerceriam essa profissão. A terceira hipótese é referente à questão do gênero feminino, historicamente associado à maternidade, à submissão ao homem, à caridade e bondade.⁵⁶ Segundo, Perrot(1998), há espaços em que as mulheres se movem com mais facilidade, em territórios pré-determinados para elas, sendo utilizados pelas mulheres para atingirem a cena social.

[...]certos terrenos são de acesso mais fácil do que os outros, como a saúde ou a educação e, de um modo mais geral, o trabalho assalariado [...] as mulheres conquistaram com muito esforço a escritura e as artes plásticas. Mas a arquitetura, essa ordem das cidades, a música, linguagem dos deuses, assim como o campo dos saberes, a filosofia ou as matemáticas, permanecem hostis a elas (PERROT, 1998, p. 91).

A criação da escola por mulheres significou um grande passo para as campinenses conseguirem sua emancipação profissional e financeira, pelo menos na área de enfermagem. Elas assumiram a direção da Escola Regional de Enfermagem, mas, nos primeiros anos, dividiam o espaço da docência com médicos, reservando-se o espaço do hospital para elas,

⁵⁶ Michelle Perrot (2008) afirma que Florence Nightingale preconizava os cuidados com o corpo como um ofício qualificado, paramédico, com salários decentes, para moças oriundas das classes medianas, que ela formara por ocasião da Guerra da Criméia. O *nursing* é diferente do emprego de serventes, ex-domésticas de origem bretã, auxiliares de enfermagem e não enfermeiras autônomas, pela República laica do doutor Boutneville. (PERROT, 2008, p.91-92.)

onde as alunas e alunos⁵⁷ iam colocar em prática as técnicas aprendidas na escola. Fizeram de uma profissão eminentemente feminina um lugar para a socialização de um saber, para o exercício de um poder. Dessa forma, podemos concordar com essa afirmativa:

A modernização impulsionou, entre outras coisas, a melhoria dos padrões educacionais, a difusão da consciência política, a participação ativa da mulher da sociedade, a tendência à especialização, a divisão social do trabalho, dando margem à reestruturação das profissões, sobretudo, aquelas de conotação profissionalização (VITTA; MAGALHÃES, 1995, p.22).

Compreendendo todo um processo pelo qual passava Campina Grande na década de 60, de efervescência cultural, abandono de costumes rurais, e investimentos em espaços educacionais e hospitalares, reflexão do próprio papel da mulher na sociedade. Compreendendo tudo isso, podemos perceber as barreiras sociais que as enfermeiras tiveram que ultrapassar para participarem da fundação da Escola de Enfermagem, atingirem a cena social.

As tramas políticas que rondaram a fundação da escola passam alguns traços das normas e disciplina a que a Enfermagem da época estava disposta. Continuando a nota do Jornal governamental:

O projeto do Deputado Vital do Rêgo, já transformado em lei pela Assembleia, tem, entretanto, a orientação inteligente de corrigir aquilo que as autoridades de ensino não tiveram a advertência de evitar: o excesso, a verdadeira pletora de disciplina, com prejuízo da simplicidade, do básico que a função de Enfermagem exige (A União, João Pessoa, 27 de mai. 1962).

É Foucault (1979) quem distingue os micros-poderes exercidos pelas instituições de controle social – tais como as escolas, os hospitais e os presídios, entre outros – do macropoder, que emana do Estado. Para o autor, “o que parece como evidente é a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas de maneiras variadas e que são indispensáveis inclusive à sua sustentação” (FOUCAULT, 1979, p. xii). O autor procura estabelecer o nexos entre saber e poder, através da genealogia do poder. Procura

⁵⁷ Segundo matéria veiculada pelo Diário da Borborema, consta na lista de formandos da primeira turma da Escola de Enfermagem o nome de alguns alunos.

analisar o poder que emana do saber e o poder que se extrai das práticas sociais, informações e domínio sobre o outro, conforme evidencia o trecho a seguir:

[...] o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona [...]. O poder é luta, afrontamento, relação de força, situação estratégica. Não é um lugar, que se ocupa, nem um objeto, que se possui. Ele se exerce, se disputa. E não é uma relação unívoca, unilateral; nessa disputa ou se ganha ou se perde (FOUCAULT, 1979, p. xiv -xv).

O poder também legitima ações, controle e hierarquizações do espaço. Oferece justificativa para a criação de uma Escola de Enfermagem, em uma cidade que assume lugar de destaque no discurso do jornal governamental:

[...]Campina Grande é uma cidade com população equivalente à nossa [João Pessoa], dotada de 5 estabelecimentos hospitalares que lhe garantem um efetivo de mais de 400 leitos. É sede da terceira região sanitária e capital econômica não só do interior, como de uma área de quase 200 mil quilômetros espalhados por vários Estados do Nordeste. Esta estupenda força de liderança faz com que a cidade responda naturalmente a compromissos com a região inteira. É um dos compromissos mais importantes e esse que diz respeito a melhorias das condições sanitárias do Interior. A terceira região de saúde que tem Campina Grande como sede dispõe apenas de 1,2 médicos para cada 10,000 habitantes. A quarta região, mas para oeste, apenas 0,9 por 10 mil habitantes. E a segunda região sanitária, oriental em relação àquela cidade, dispõe apenas de 0,4 médicos para a mesma quota de população, contrastando com o coeficiente de 3,4 da primeira região sanitária, a que pertence João Pessoa. Por aí se vê como se encontra desassistida, sob o ponto de vista do pessoal habilitado, aquela área do Estado. E seria por demais injusto deixar a Capital com duas escolas de Enfermagem, enquanto o interior, tão carente de profissionais de enfermagem, ficasse mais uma vez excluído dos benefícios da assistência médico-sanitária, aguçando mais um desequilíbrio que já se mostra ostensivo. Ademais, pela simplificação do currículo que se vai fazer para na Escola de Enfermagem de Campina Grande, dentro de mais algum tempo – disso estamos certos – em questão de matrículas e de rendimento de trabalho, aquela cidade estará dando aulas ao Estado inteiro (A União, João Pessoa, 26 de mai. 1962).

Fica evidente a construção de uma espacialização, baseada em pressupostos de controle econômico, médico e hospitalar em relação à Campina Grande, posta em “igualdade” com a capital do Estado:

O sr. Antonio Padilha, secretário de saúde do Estado, esteve em Campina Grande, sábado passado, para inspecionar a terceira zona sanitária da Paraíba, ali sediada. Fez uma revisão nos métodos de trabalho do Centro de Saúde local e reuniu funcionários. O secretário de saúde também foi verificar o local onde deverá ser instalada uma Escola Auxiliar de Enfermagem, que formará equipes de Enfermeiras para suprir deficiências desses profissionais no interior. O sr. Antonio Padilha visitou também o Núcleo Social de Campina Grande que realiza importante trabalho social naquela cidade. (A União, João Pessoa, 26 de mai. 1962)

Dessa forma, podemos perceber a construção da Escola de Enfermagem, atrelada ao projeto de modernização de Campina Grande, promovido pela COMCENT, bem como por outras estâncias sociais. Podemos observar, também, a própria dinâmica espacial da época, que construía e elaborava meios de controlar a população. A propósito disso, em uma pequena nota, A União comenta:

É na sua própria locução que esta região é encenada, produzida e pressuposta. Ela é parte da topografia do discurso, de sua instituição. Todo discurso precisa medir e marcar um espaço de onde se enuncia. [...]. Definir a região é pensá-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem, com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes momentos, com diferentes estilos e não pensá-la como uma homogeneidade, uma identidade definida a priori. (ALBUQUERQUE JR, 2008, p.222).

A visita de um representante do Estado pode ser pensada como parte dos jogos e manipulações do poder, do teatro da vida cotidiana, no qual os protagonistas utilizam estratégias para auto-legitimar-se, fazer crer suas ideias, suas divisões espaciais.

Finalmente, no dia 12 de agosto do mesmo ano (1964), em solenidade que marcou época, foram inauguradas as instalações para o funcionamento da Escola de Enfermagem.⁵⁸ Em pequena nota, com o título “Escola de Enfermagem será inaugurada com a presença do governador Pedro Gondim”, o jornal A União, no ano de 1964, diz quem provavelmente estaria presente na inauguração:

[...]Com a presença de autoridades civis e eclesiásticas e militares, em solenidade que se realizará às 20 horas da próxima quarta-feira será oficialmente inaugurada a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, obra construída pela Comissão Executiva do

⁵⁸ Jornal da Paraíba, Campina Grande, 25 mar. 1990.

Centenário, na gestão do dep. Vital do Rêgo, então presidente daquele colegiado. Dentre as autoridades que prestigiaram o acontecimento, está sendo esperado nesta cidade o Governador Pedro Gondim, que na oportunidade usará da palavra, traduzindo o pensamento do povo paraibano. A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem é, na opinião de catedráticos de medicina que participaram da “Semana Nestlé de atualização em Pediatria”, há poucos dias nessa cidade, “a mais moderna e amplamente instalada do Brasil e não é obra para ser situada no Nordeste”. O deputado Vital do Rêgo, criador da Escola, está convidando o povo e as autoridades para a solenidade da próxima quarta-feira. .(União, João Pessoa, 10 agosto. 1964).

O mais interessante é que o senhor Vital do Rêgo leva todo o mérito pela criação da escola, estando as enfermeiras invisíveis da mídia oficial. Por meio desse conclave à participação da população na inauguração da escola, podemos observar como a sensibilidade moderna aflora no discurso do jornal. A Escola de Enfermagem era tão moderna que a região Nordeste não era capaz de abrigá-la. Certamente, esses catedráticos de medicina não comungavam das ideias de enaltecimento da terra como Lopes de Andrade, tampouco com as premissas desenvolvimentistas de outros personagens políticos da época.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem formou sua primeira turma no ano de 1966, reunindo personagens da elite política e médica, naquele momento festivo. O patrono da primeira turma de Enfermagem foi o senhor Vital do Rêgo. “A atuação de Vital do Rêgo nesse empreendimento foi decisiva. Trabalhou com muito amor para que a Escola fosse criada. E como prêmio foi o paraninfo da primeira turma da Escola, que muito deve a esse campinense” (TEJO, p.7, 1990). Na época, o Diário da Borborema noticiou os preparativos da diplomação da primeira turma.



Figura 7. Diplomação da primeira turma

Fonte: Diário da Borborema, Campina Grande, 4 de dez. 1966.

William Tejo coloca como uma dívida de eterna gratidão à construção daquela Escola de Enfermagem. Ele joga com as palavras até o leitor desatento internalizar essa ideia de gratidão para com o homem público, “cristalizando” uma memória para ele. Não seria obrigação do homem público investir em educação e profissionalização da comunidade ao qual pertence? Necessita sempre reavivar a obrigação como favor de político.

Enquanto Vital do Rêgo é homenageado, Manoel afirma:

[..]Eu fui assim, um ilustre desconhecido .Porque nunca me chamaram nem pra assisti uma formatura.[Na Escola de Auxiliar de Enfermagem].Fiquei feliz por que meu intuito era assim, era comunitário, para o melhoramento das condições da Enfermagem.⁵⁹

Seu Manoel não se sente lembrado como participante da criação da escola e se esquiva no contentamento de ter servido a comunidade. Aproveitando-se desse momento

⁵⁹ Entrevista concedida por Manoel Barbosa em dez. de 2012.

para exercitar seu lado de homem público preocupado com o coletivo, afinal na referida época o mesmo era vereador. Certamente outros olhos poderão enxergar esse fala como abnegação e servidão por parte do entrevistado. Preferimos crer que Manoel Barbosa se ressentir com o esquecimento, principalmente por não ser lembrado no momento tão importante como o ritual de formatura das turmas.

Alguns são lembrados outros são esquecidos, assim é a dinâmica da história. O que sempre nos resta são fragmentos perdidos, retalhos de vida que cabe ao historiador dar-lhe sentido dentro de uma narrativa minimamente coerente, construindo uma representação sobre o passado, escolhendo e excluindo o que se deve lembrar. A própria trajetória da escola certamente guarda outros tipos de exclusão e esquecimento.

2.1 Movimentos para o funcionamento da Escola de Enfermagem

Após a estrutura física da Escola de Enfermagem ser criada, fomentada e manipulada pelos atores políticos, era necessário normatizar os sujeitos que ali passariam no decorrer dos anos. No (DIÁRIO OFICIAL, p.2 1962), foi publicado o primeiro “projeto pedagógico” da Escola de Enfermagem, por assim dizer. Em 1964, voltou a ser publicado, mas com algumas alterações no texto:

A lei nº 2.852, de 6 de junho de 1962, autoriza o Poder Executivo a criar a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande.

O Governador do Estado da Paraíba:

Faço saber que o Poder Legislativo decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art.1º Fica o poder Executivo autorizado a criar diretamente e subordinada à Secretaria de Saúde e Assistência Social, a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande. (E.R.A.C.)

G), tendo por objetivo a formação profissional e adestramento de pessoal capaz de auxiliar os serviços de enfermagem.

Art.2º Além do curso de Auxiliar de Enfermagem poderão ser organizados outros de natureza especializada o de atualização técnica, mediante proposta do Diretor da Escola, aprovada pelo Secretário de Saúde e na forma da Legislação atinente à espécie.

Art.3º No curso de Auxiliares de Enfermagem serão ministradas as seguintes disciplinas:

I-“Introdução e Noções de Ética”

II-“Corpo Humano e seu funcionamento”

III-“Higiene em relação à saúde”

IV-“Economia Hospitalar”

V- “Alimento e seu preparo”

VI- “Enfermagem Elementar”

Art.4º Além do comparecimento regular às aulas teóricas dessas disciplinas, os alunos serão obrigados a estágios em Hospitais, compreendendo rodízio em enfermarias de clínica médica geral, de clínica cirúrgica geral, sala de operações, centro cirúrgico, berçário e cozinha geral.

§ 1º- Durante o curso o estágio noturno é obrigatório, não superior a quinze noites.

§ 2º- Os professores do Curso acompanharão os alunos, obrigatoriamente.

[...]

Art.7º- Para matrícula inicial, o aluno é obrigado a apresentar os seguintes documentos:

I - Certidão de registro civil que prove idade mínima de dezesseis anos e a máxima de trinta e cinco;

II- Atestado de sanidade física e mental;

III- Atestado de vacinas;

IV- Atestado de idoneidade moral;

V- Certificado de conclusão do curso primário em estabelecimento oficial ou de aprovação em exame de admissão à primeira série do curso Ginásial ou Básico.

Sobre as leis que regulamentavam os cursos de enfermagem no país, Moreira et al(2002) assim afirma:

Em 1949, foi promulgada a Lei 775, que dispõe sobre o ensino de Enfermagem no país, a qual foi regulamentada pelo Decreto 27.426 do mesmo ano. Adequava-se assim o ensino de Enfermagem às reais necessidades de qualificação profissional, abrindo-se novos campos de atuação, com perspectiva de nível superior para a profissão[...]. Com a Lei 775, de 6 de agosto de 1949 e do Decreto 27.426, procurou-se regulamentar o ensino de Enfermagem. Esses instrumentos legais oficializaram os cursos de enfermeiras e auxiliares de Enfermagem, estabelecendo, como pré-requisito, a conclusão do curso colegial e o período de 4 anos, para enfermeiros e de 18 meses para auxiliar de Enfermagem. Determinava ainda que, a partir de agosto de 1956, seria exigido o curso secundário para a matrícula em cursos de Enfermagem. Analisando essa lei, constatou-se que seu conteúdo tem caráter essencialmente profissionalizante e é dirigido à assistência curativa. (MOREIRA ET AL, 2002, p. 100).

Na década 1920 o currículo das escolas de enfermagem era privilegiado o aspecto preventivo, embora demonstrasse uma inclinação para o lado hospitalar. Essa concepção perdurou até fins da década de 40, quando a enfermagem voltada para saúde pública foi sendo substituída pela enfermagem hospitalar. A lei 775/49 estabeleceu e determinou a obrigatoriedade das escolas de oferecerem não só o curso de Enfermagem de nível superior, como também o de auxiliar de Enfermagem. Definiu a idade mínima de 16 e a máxima de 38 anos para as candidatas e as escolas autorizadas pelo Ministério da Educação e Saúde passaram a ser fiscalizadas por “inspetores itinerantes”, diplomados em enfermagem Passos(2012).

Sendo assim o currículo demonstra está em consonância com as mudanças sociais que ocorriam naquela época, procurando atender as demandas do mercado de trabalho. No currículo procura-se a formação para atuação na área hospitalar. No caso de Campina Grande era uma abertura para a formação de nível superior chegou na década subsequente, porém algumas alunas relatam terem ingressado nos cursos de enfermagem numa media de 17 anos.

As candidatas teriam que atender a critérios de moralidade e boa saúde, numa tentativa de restringir o publico da escola a “moças de boa família”, provavelmente para

manter certo prestígio social para uma profissão tão marcada por estigmas de má reputação. Considerando também que as atividades desempenhadas por uma auxiliar de Enfermagem não poderia ser realizada por qualquer pessoa, pois requeriam “estabilidade emocional, distinção moral e apresentação respeitosa”.

Dessa forma, a própria gestão e criação da Escola Regional de Enfermagem podem ser atribuídas aos mecanismos de poder que circulavam em Campina Grande. Não só de um poder soberano, público, ostensivo, mas também de um poder discreto, silencioso, investido de uma economia calculada, que gera ações sobre o espaço e sobre os corpos, com vistas a dominá-lo, submetê-los a regimes de vida e de saúde.

Devemos analisar a construção de Campina Grande enquanto um espaço urbano e moderno, como uma tentativa de reconhecimento de uma região, de criação de sua identidade. Arelada a isso, muitos espaços gestados nesse processo, ganhando destaque os que poderiam disciplinar os moradores, melhorar suas condições de vida, educar para os novos tempos. No entanto, não podemos nos esquecer de que Campina Grande não era apenas uma cidade disciplinada, mas também disciplinante. Através da gestão dos corpos e do próprio espaço, a cidade tenta definir novas maneiras de ser e estar no mundo, via discurso modernizante.

Uma disciplina que envolve os indivíduos, ajudando-os a se integrarem em um projeto maior da sociedade, baseado em uma ideia de bem estar para todos. Uma oportunidade de educar-se, tornar-se útil por meio de uma docilização de seus corpos e sentidos apurados.

A enfermeira eficiente deve habituar-se a “ver tudo” com um passar de olhos, no quarto ou na enfermaria. Deve fazer tudo com cuidado para não ter de fazer a mesma coisa duas vezes. Ao entrar no quarto ou na enfermaria, deve observar se há algo diferente do que estava quando ela saiu. Ao aproximar-se de um leito, observará a fisionomia do doente para ver se nota alguma diferença em relação à de antes. Observará a posição do doente na cama, se está confortável ou incomoda (RANGEL, 1963, p.26).

São as enfermeiras as encarregadas de vigiar, de cuidar, de manipular os corpos. Nesta foto apresentada a seguir, publicada no jornal A União, aparece uma relação fria e distante entre paciente e estudantes de enfermagem, enquanto executam a aferição dos sinais vitais onde o outro é simplesmente um objeto de estudo.



Figura 8. Alunas do curso de Enfermagem, da Universidade da Paraíba, em leito de paciente.

Fonte: A União, João Pessoa, 16 jan. 1962.

Um dos pressupostos para a formação de enfermeiras seja em nível médio ou auxiliar pressupõem colocar em prática aquilo que se aprendeu na escola. Também é o momento em que as alunas vão vivenciar outros tipos de hierarquia dentro da profissão, a da enfermeira ao saber médico e as enfermeiras a elas próprias. Neste trecho da entrevista de Maria do Carmo Navarro, ex-diretora da Escola de Auxiliar de Enfermagem, as marcas da hierarquia inicia-se dentro da escola: “Os alunos respeitavam a hierarquia era dona fulana. Respeitar a partir do tratamento do aluno com o professor e do professor com o diretor. Onde não há hierarquia, nada vai pra frente” (MARIA DO CARMO NAVARRO, 2008. Entrevista concedida em 20 Nov.2008, Campina Grande).

Assim sendo, a hierarquia fazia funcionar todo um sistema de poder relacional entre os próprios sujeitos que habitavam a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Nas falas de Maria do Carmo Navarro, ficam claras as relações do cotidiano que sustentavam um sistema de hierarquia, de olhares calculados e “comportamentos bem ajustados” entre professores e alunos.

O respeito à hierarquia seria uma questão de boa convivência com os demais, no espaço hospitalar essas relações se estenderiam aos médicos. Pois os profissionais de

enfermagem deveriam obedecer rigorosamente às ordens médicas. Esse sistema de subordinação não foi contestado por Florence, antes reproduzido. A Dama da Lâmpada comprometeu-se em desvincular o saber da enfermagem ao trabalho doméstico.

Esse aspecto da convivência dentro da escola de enfermagem pode ser considerado como parte do currículo vivido no cotidiano escolar.

[...] considerando que o currículo apresenta tanto a dimensão do vivido como a do concebido (diretrizes, propostas, planos, etc.), no cotidiano escolar e para além dele, constatamos que o concebido e o vivido são diferentes faces do mesmo fenômeno, atravessando uma a outra, contendo uma a outra e envolvendo nesse movimento tanto processos de normalização, de sujeição, como a produção de movimentos de resistência em seus saberes, fazeres e poderes (CARVALHO, 2007 apud CARVALHO, 2011).

Dessa forma consideramos não só a parte do currículo oficial mais os aspectos que só a realidade poderia dar acesso, ao vivido cotidianamente dentro daquelas paredes que contribuíram para a formação daqueles profissionais de enfermagem. Na última parte citada do decreto que cria a Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem estão os requisitos para candidatar-se a uma vaga na Escola de Enfermagem. Os atestados de sanidade física e mental, idoneidade moral, e o grau de escolaridade. Excluía-se o outro que não estivessem dentro dos padrões da normalidade instituída pelo saber médico.

Porém o decreto não incluía o teste de seleção para as candidatas, momento no qual as candidatas e candidatos se submetiam a uma prova de caráter eliminatório sobre disciplinas vistas no ensino médio como biologia, matemática e português. Nos últimos anos a procura pelo curso cresceu devido a uma grande oferta de locais de trabalho na cidade. Nas palavras da professora a seguir, estão explícitos como funcionava a seleção.

A procura pelo curso sempre foi alta. eu não sei por que uma secretária que passou por lá ⁶⁰ da terceira região disse que a Escola de Enfermagem não tinha procura, ⁶¹ eram 30 vagas e depois, pela

⁶⁰ Entenda-se a Escola de Enfermagem.

⁶¹ O episódio ao qual a professora se refere aconteceu nos últimos momentos antes da desativação da escola. Tal acontecimento foi utilizado como argumento para relocar funcionários e fechar as portas da escola. A indignação da professora está relacionada a uma incoerência por parte da referida secretária, pois é de

procura aumentaram as vagas. Eram 60 alunos, eram duas turmas... tinham se escrito mais de 1000 alunos pra fazer um teste de seleção quer dizer até isso a escola fazia . Um teste de seleção. Por quê? Porque não sabia ler nem escrever, não ficava dentro de um curso de Enfermagem. [...] E não tinha apadrinhamento [...] Uma das coisas que eu tirava o chapéu dentro daquela escola, não existia apadrinhamento pra entrar na escola de enfermagem, existia um teste de seleção. Mas existiam pessoas que queriam indicar, que vinham indicadas e eu testemunhei pessoas que vinham indicadas e que não ficaram! Isso me fortalecia dentro da Escola de Enfermagem, na minha profissão, de ser uma professora de curso profissionalizante! Era uma das coisas que a escola primava era que fosse um profissional de verdade não uma fábrica de profissionais nisso a gente falava a mesma língua. Não interessava sair vários, é tanto que quando a educação começou a ser escrachada passa, passa, passa começou a preocupação dentro do corpo docente da escola e era uma preocupação que às vezes a gente discutia sobre isso. ‘Ah! Por que o ministério da educação tá mandando isso. Por que tem que passar!’ Por que tem que passar? Um profissional que vai cuidar de uma vida? Que vai dar os primeiros socorros. O primeiro atendimento tem que ter técnica que é o que o médico não tem. Tem que saber mais sobre os procedimentos, os primeiros socorros, os primeiros cuidados. Como deve pegar um paciente como não deve pegar o paciente. (COLAÇO, Maria Aliete. Campina Grande, Entrevista concedida á autora em 27 Agost. 2012)

Nesse trecho da entrevista, a professora coloca claramente tanto sua concepção de educação, quanto as exigências para entrar na escola. Os testes de seleção eram feitos em outras escolas do Estado, como na Escola da Universidade da Paraíba. As questões referentes ao apadrinhamento, tão condenadas na década de 60, e ainda hoje não totalmente superadas pelo sistema de ensino são vista como algo negativo. O saber e a técnica parecem como algo a ser reconhecido como critério padrão da escola. O que importa é perceber a construção que cada individuo faz sobre o espaço, as maneiras e as formas de se estabelecer as regras para adentrar em seu campo de saber. As exclusões, os valores, os exames, as discordâncias e a ação do poder do Estado na educação dos sujeitos.

conhecimento do senso comum a proliferação de cursos técnicos de enfermagem tanto para atuar na saúde do trabalho ou no ambiente hospitalar. Levando a um desinteresse por parte do Estado em manter a Escola de Enfermagem em pleno funcionamento, restringindo as possibilidades profissionais para quem necessita da educação gratuita.

Também está explícita a concepção da entrevistada sobre o profissional de saúde como aquele que deve saber cuidar. O cuidado é algo que deve ser aprendido na escola, por meios de técnicas. Essa concepção romper com o que antes se preconizava sobre o cuidado enquanto algo que qualquer um podia fazer, na enfermagem moderna apenas pessoal habilitado exerce esses cuidados sobre o corpo.

Enquanto uma escola destinada a formar profissionais de saúde, um erro, um deslize, uma desatenção pode ser sinônimo de morte, nas palavras de Aliete Colaço. Por isso ocorria um grande investimento no desempenho técnico dos alunos, garantido um prestígio social em relação à formação de seus alunos. Nas suas palavras a imagem que um auxiliar deve passar é de profissional que desenvolve procedimentos técnicos baseados em princípios científicos, não mais de anjo benevolente e meigo, que exercer sua função movida por amor e solidariedade, sem ao menos ser alfabetizado.

As palavras da professora podem ser consideradas como uma resposta ao seu próprio contexto social onde se veiculam notícias sobre erros atribuídos a enfermagem que levaram pacientes a morte dentro de unidades hospitalares. A mídia nacional levanta questões sobre a formação dos auxiliares e técnicos de Enfermagem, levando a população a crer que falta treinamento adequado a estes profissionais. Fazendo com que recaia em erros decorrentes de imperícia, negligência ou imprudência na prestação de assistência a população.

O que a mídia não esclarece são as condições de trabalho dentro dos hospitais sejam públicos ou privados que este grupo profissional está submetido. Acumulo de vínculos empregatícios devido a salários baixos e um grande número de pessoas para poucos profissionais prestarem assistência. Dessa forma, as notícias da grande mídia devem ser interpretadas em contexto mais amplo dentro do nosso país. Os problemas relacionados a erros médicos devem ser postos em uma perspectiva mais ampla e crítica indo além da formação profissional da equipe de enfermagem.

Atualmente o número de escolas de enfermagem aumentou tanto no Brasil como em Campina Grande, porém devido a grande oferta de profissionais o mercado não consegue absorver os mesmos, fazendo com que muitos procurem outras áreas de trabalho ou outros Estados para exercer a profissão. Realidade diferente de décadas anteriores onde o mercado de trabalho da cidade carecia desses profissionais.

As minúcias, a vigilância, a disciplina não poderiam ser exercidas em número extenso de alunos, pois a estrutura física e humana da escola não comportava tantos indivíduos. “Como a escola-edifício deve ser um operador de adestramento”, deveria favorecer a formação de um número reduzido de alunos, mais bem treinados para o meio profissional. Se a procura era grande apenas os candidatos com o melhor desempenho conseguiam uma vaga para profissionalizar-se como auxiliar de enfermagem. Provavelmente isso pode ter sido um ponto negativo para a escola num tempo em que a rapidez em algo é hipervalorizado, levando não a uma formação mais uma fabricação de profissionais.

Poucos foram também os que estudaram com os médicos na época em que ministravam disciplinas na escola de enfermagem. Foram nomeados médicos para o corpo docente da Escola, a exemplo de Dr. Milton Figueiredo, Dr. Raul Dantas, Dr. Arruda, Dr. Virgílio Brasileiro, entre outros. Lecionavam disciplinas como Ortopedia, Anatomia e Fisiologia, Pediatria.

O decreto de 11 de agosto de 1964, publicado em diário oficial, acrescenta um maior número de disciplinas para a Escola de Auxiliar de Enfermagem, registrando a passagem dos médicos pelo corpo docente da escola:

Parágrafo único – A disciplina ‘Enfermagem Elementar’, a que alude o item VI, deste artigo, fica desdobrado em oito(8) cátedras, a saber:

Noções de Patologia Médica

- 1) Noções de Patologia Cirúrgica
- 2) Noções de Pediatria e Puericultura
- 3) Noções de Ginecologia e Obstetrícia
- 4) Noções de Microbiologia, Parasitologia e Doenças Transmissíveis
- 5) Noções de Ortopedia e Socorro de Urgência
- 6) Noções de Anatomia, Psicologia e Anestesiologia
- 7) Iniciação à Ciência

Art.4º- Serão ministradas durante o Curso as seguintes matérias: Português, Matemática, História e Geografia.

Art.5º- Os professores titulares em Medicina, que ministravam o ensino das Cadeiras enumeradas em paragrafo único, do art.3º. deste Decreto e os que lecionarem as matérias referidas no seu art.4º., receberão em nível de retribuição nunca inferior ao estabelecido para os titulares das cadeiras estatuídas no art.3º. da Lei nº2,852 de 6 de Junho de 1962.” (Diário Oficial, João Pessoa, 11 agost. 1964.

Essa nova versão do currículo da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem traz uma nova concepção sobre o profissional que se deseja formar, totalmente direcionado para a atuação em hospitais. Rebuscando seus alunos através do conhecimento não só de disciplinas direcionadas para a formação profissional, mas de disciplinas vistas no ensino regular de escolas de nível médio.

Uma nova formar de fazer o saber circular na cidade, indo de médicos para auxiliares de enfermagem. Certamente isso se deu para a sociedade dar credibilidade aos profissionais de enfermagem já que estariam amparados pelo saber dos médicos. Traça-se toda uma dependência simbólica ente a enfermagem e o médicos. Em discurso proferido no dia 25 de Abril de 1975, em homenagem a Cesar Pernetta, pediatra que passou alguns dias em Campina e ministrou algumas aulas no prédio da Sociedade Médica, o Dr. Virgílio Brasileiro assim afirma:

Uma vez em Paris⁶², tivemos uma honra que não compreendemos, nem dela suspeitaríamos, porquanto não a mereceríamos. Abaixo do nome do Brasil no Curso Internacional de Pediatria Social estava a do singular pediatra e o nosso como professor da Escola de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande. (BRASILEIRO, Virgílio Jornal da Paraíba, Campina Grande, 4 mai.1975.1975).

Além da memória coletiva, este é um dos poucos indícios achados no jornal, até o dado momento, no qual um médico afirma ser professor daquela instituição. Os médicos participaram do corpo docente de várias escolas no Sudeste; na campinense, passaram poucos anos, pois, devido ao acúmulo de vínculos empregatícios, deixaram de lecionar, segundo Maria do Carmo Navarro. Entretanto, ainda assim, eventualmente, apareciam na Escola de Enfermagem:

⁶² Segundo dizem alguns profissionais da época, essa viagem para França foi facilitada porque o pediatra Virgílio Brasileiro fazia parte do corpo docente da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem.

A escola quando foi fundada teve um respaldo muito bom do H.U que na época era IPASE. [...] Devido ao bom relacionamento que as enfermeiras tinham com os médicos, eram professoras na escola e enfermeiras do IPASE. Tinham um bom relacionamento com a equipe médica. E traziam um cardiologista pra dar um aula não que eles fossem dá aulas na escola... Então eu acho que isso só acrescentou! Então enquanto mais antigo o aluno daquela escola melhor ele saiu. Um nefrologista vinha falar sobre o aparelho urinário, não que eles fossem dar a aulas, eram convidados e eles aceitavam⁶³. (COLAÇO, Maria Aliete. Campina Grande, Entrevista concedida em 27 Agost. 2012).

Não podemos nos esquecer de que a entrevistada fala de seu tempo, ou seja, quase vinte anos após a inauguração da Escola de Enfermagem, o que nos faz lembrar uma frase de Durval Muniz (p.67,2007) – “na história, só há processos e metamorfoses”. Um das atribuições do historiador deve ser essa, a de observar o próprio movimento da vida, no cotidiano, nas falas, num sentimento de volta ao passado, do quanto mais velho o aluno, melhor preparado ele foi, justamente por essa passagem do saber médico para um saber dito auxiliar. Tal realidade está clara no próprio decreto de 1962 “auxiliares de serviço médico”.

A preocupação de formar profissionais capacitados pode ser percebida na fala da ex-diretora Maria do Carmo, quanto ao ensino da Escola Regional de Enfermagem: “Ensino de alta qualidade. Passávamos quase tudo o que sabíamos e o que estava ao alcance deles, chegavam no hospital com muita bagagem”. (NAVARRO, Maria do Carmo. Entrevista concedida á autora e, 20 nov. 2008). Dessa forma, a entrevistada tende a colocar o fator quanti-qualitativo como um fator representativo de um padrão de qualidade para a escola. Nessa transmissão de saber estão envolvidos vários aspectos das relações de poder entre enfermeiras passe tudo o que sabe para auxiliares de enfermagem, nessa colocação temos que considerar vários aspectos da hierarquia e subordinação dentro do grupo profissional.

Essa vontade de manter um alto padrão de ensino é perceptível não apenas na fala de D. Maria, mas também na das suas sucessoras, como Aliete. Ao descrever como era o trabalho dentro da Escola, e como ela definiria o ensino da Escola de Auxiliar de Enfermagem, ela afirma que:

⁶³ Nas duas últimas linhas desse trecho do depoimento, a professora fala de um período em que os médicos já não ministravam aulas na Escola de Enfermagem.

Um ensino profissionalizante de primeira linha, de primeira categoria [Silêncio]. Todos os professores eram comprometidos, vestiam a camisa da profissão e da escola, era uma coisa muito homogênea, assim a gente falava a mesma língua, todo mundo queria fazer um bom trabalho, um bom profissional. [...] A gente era uma família, manhã e tarde, o ano inteiro num contato dentro daquela escola. E qual era o objetivo? Era formar um bom profissional técnico e um bom profissional no tempo que tinha auxiliar. É tanto que os nossos profissionais saídos dali foram alvos de elogio. Ainda hoje se compara com essas escolas que tem por aí... Não culpo as escolas diretamente mais o sistema. (COLAÇO, Maria Aliete. Campina Grande, Entrevista concedida á autora em 27 Agost. 2012.)⁶⁴

A gente era uma família, manhã e tarde, o ano inteiro num contato dentro daquela escola. A família, como um espaço do sensível, da convivência, é lembrada por Aliete Colaço. Talvez as palavras mais enfáticas de pertencimento a um grupo, de convivência e de referência ao ambiente privado de um lar. Espaço habitado, vivido, praticado. Para Certeau (2008, p. 206),

[...] espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado onde se inventam “modos de fazer” que tomam valor definitivo: “Veja só como é que eu faço isso... Na minha família, temos o hábito de...” [...] território onde se enraíza o microcosmo familiar, o lugar mais privado e mais caro.

Entendemos que a palavra família, citada pela professora, pode ser apropriada como um grupo doméstico, íntimo, conciso, que tinha ideais e objetivos comuns. Essa palavra evoca metas estabelecidas quanto à formação de profissionais em nível técnico e, por que não dizer, quanto à construção de identidade para os mesmos, trazendo um reconhecimento social por sua atuação.

O espaço escolar, por vezes, pode ser lembrado/revivido, por meio de relatos de memórias, como um espaço familiar, a exemplo do aconchego da cozinha⁶⁵:

⁶⁴ Aliete chegou à Escola nos anos 80, mas ainda trabalhou com Maria do Carmo Navarro na direção da Escola de Enfermagem.

⁶⁵ “Depois de meditações e debates diversos, escolhi a cozinha por sua necessidade primordial, sua capacidade de perpassar todas as clivagens e sua relação intrínseca com a ocasião e a circunstância, duas noções que se

Das colegas a que mais se dedicou pra mim foi Josira, casada com Edmundo Dantas, da família que matou João Pessoa [...] Ela fazia lanchinho na Escola pra gente não voltar pra casa. Às vezes eu não tinha dinheiro do ônibus, do transporte né... às vezes não, todas as vezes ... ai ela pegava, ela tinha condição, ainda tem, tinha armazém lá em Serra Redonda. Aí ela vinha trazia coisa, trazia linguiça, trazia sardinha, fazia cuscuz, lá na escola tinha uma cozinhezinha, acho que ainda tem... Tenho muita saudade daquela Escola! Ai ela dizia:- “Já comesse hoje Eubinha?” Eu dizia não! “Chegue! Venha, comer comigo!”⁶⁶.”(DIAS SANTIAGO Euba, Campina Grande,Entrevista concedida á autora em 10 de nov2010).

A Escola pode ser um espaço que abriga várias singularidades, histórias, lembranças de momentos sofridos ou felizes, mas que marcam a vida de uma pessoa. Para Aliete, a Escola era uma família. Para Euba, é amizade, é compartilhar a comida, a refeição: “Venha comer comigo!”. Ao abrir o baú de suas recordações, a narradora deixa escapar um momento difícil de sua vida, mas que foi, de certa forma, abrandado por um gesto fraterno de uma amiga, que a fez sentir saudade da Escola, reviver certos momentos passados. São espaços de sensibilidade e de afetividade que cercam a convivência das alunas e alunos, das professoras e professores, dos funcionários e funcionárias.

Nos pequenos gestos do cotidiano, se cruzam memórias e sensibilidades. Nesse sentido, Certeau (2008, p.296) destaca que

O trabalho cotidiano das cozinhas continua sendo uma maneira de unir matéria e memória, vida e ternura, instante presente e passado que já se foi, invenção e necessidade, imaginação e tradição-gostos, cheiros, cores, sabores, formas, consistências, atos, gestos, movimentos, coisas e pessoas, calores, sabores, especiarias e condimentos.

Cada sujeito estabelece uma relação singular com o espaço, fazendo com que seu olhar do presente o reconstrua por meio da memória de modo afetivo. Essa percepção sobre o espaço “não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas(...)⁶⁷..

havam tornado centrais em nossa compreensão dos praticantes” (CERTEAU, 2007, p. 26). É assim que o teórico considera a cozinha, como lugar privilegiado de uma casa para se estudar o cotidiano.

⁶⁶ Momento em que a narradora tenta reproduzir a voz da amiga de forma direta.

⁶⁷ CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. São Paulo: DIFEL, 1990. p.17

elas tendem a legitimizar o espaço como não só lugar de aprendizado mais de amizade, afeição e aconchego.

Durante as entrevistas, os narradores vão aos poucos construindo uma imagem para si e para o grupo ao qual pertencem, defendendo seus espaços e seu saber. Manipulando palavras e gestos para fazer ver e crer na sua visão sobre a Enfermagem. “Desta forma, falar em memória é falar em identidade de grupo e os lugares de memória seriam os espaços onde se cristaliza e se refugia a memória.”(SANGLARD, 2009, p.2). Essa afirmação de Sanglard sintetiza o percurso das falas das entrevistas no sentido da construção de uma identidade para a Enfermagem campinense nas últimas décadas.

Após esse relato sobre o cotidiano da Escola de Auxiliar de Enfermagem, voltemos aos fios que nos ligam à história de sua fundação. Maria do Carmo veio de Alagoas, onde trabalhava como Enfermeira de saúde pública, tendo sido nomeada para o então IPASE, o qual, até então, tinha permanecido sob a direção de Luzia Almeida por dois anos⁶⁸. Maria do Carmo, que ficou na direção por 28 anos, morou ao lado do prédio da Escola, durante vários anos, mesmo após deixar a direção da Escola de Enfermagem.

O Jornal da Paraíba⁶⁹ coloca em evidência as qualidades de Maria do Carmo, na direção da Escola de Enfermagem. Uma representação tanto da mulher, como da profissional de saúde, a frente de uma escola, onde predominou a presença feminina. Vejamos o trecho:

É a enfermeira Maria do Carmo Navarro a diretora da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, nesta cidade, cargo que ocupa há mais de 20 anos. Dirige com dedicação e eficiência e muita responsabilidade, no sentido de formar estudantes de competentes que irão trabalhar nos hospitais e casas de saúde. (TEJO, William, Mais uma vez a Escola de Enfermagem, Campina Grande Jornal da Paraíba.p.6,1990).

Essas provavelmente eram qualidades valorizadas socialmente para uma mulher a frente de um cargo de chefia e do novo modelo de enfermeira que se desenhava ao longo da década de 90 “dedicada, eficiente, responsável”. As qualidades elencada mostram como não é

⁶⁸ Entrevista concedida por Maria do Carmo Navarro em dezembro de 2008.

⁶⁹ Fonte: Jornal da Paraíba, 25 mar.1990

dada a mulher o direito de errar, pois a falha poderia ser vista como atestado de incompetência, gerando a desqualificação e a desconfiança diante do seu saber.

Outras vozes complementam a representação de Campina Grande, enquanto cidade carente de profissionais de saúde. A ex- aluna, também de uma das turmas pioneiras da Escola de Enfermagem, afirma:

Só tinha médico nessa época duas enfermeiras de curso superior que vieram de João Pessoa. Porque aqui não tinha. Nessa época as diretoras do hospital H.U., como era o nome num era H.U. era I.P.A.S.E as enfermeiras de lá só tinham curso de atendente de enfermagem porque em 63 não tinha curso de técnico de enfermagem, só existia fora... (RODRIGUES Helena, Campina Grande. Entrevista concedida em 20 de jul., 2012)

Dessa forma, a colocação de Helena Rodrigues, corrobora pra o fortalecimento da imagem de Campina Grande, enquanto cidade carente de profissionais de saúde, tão divulgada nos jornais da década de 60. Imagem de cidade que serviu de argumento para a implantação da Escola Regional de Enfermagem.

Outra ex-aluna da escola, integrante das primeiras turmas, também nos apresenta seu ponto de vista, sobre a Escola de Enfermagem. Euba Dias Santiago foi aluna de Maria do Carmo Navarro, formou-se em uma das primeiras turmas da Escola de Regional de Auxiliar de Enfermagem e mais tarde cursou o ensino superior. Sobre o tempo em que estudou lá, ela relata que:

Por isso que eu lhe digo que a melhor a Escola dentro de Campina Grande, pra mim é a escolinha de Auxiliar de Enfermagem, não tem Escola Paulista, Nossa Senhora do Carmo, me desculpa os professores, são bons professores, despertar o interesse dos alunos e ensinar não é fácil! Mas aquela escola, aquela escolinha pequenininha, que tinha só uma salinha que elas [professoras] ensinavam a gente a forrar uma cama, dar banho no bebê, colocar uma sonda vesical, colocar uma sonda nasogástrica, aquela escolinha ali formou bons profissionais, e bons professores. (DIAS SANTIAGO, Euba. Entrevista concedida em 10 nov.2010).

Cada individuo tende a defender seu lugar de formação colocando em comparação com outros, para fundamentar sua preferência por esse lugar. Sem os outros não a como se reconhecer como melhor ou pior é preciso estabelecer referencias externas para se sobrepor. Para ela a simplicidade da estrutura física da escola não foi obstáculo para a sua formação

antes circunstancia que a fazem se orgulhar diante das escolas privadas. A salinha a qual Euba se refere é a sala de técnicas básicas, onde o(a)s alun(a)os aprendiam os procedimentos básicos, aferir sinais vitais, arrumar a unidade do paciente, administrar a medicação e os procedimentos invasivos, como passagem de sonda vesical e nasogástrica.

Na fala de Aliete Colaço, podemos perceber que o caráter técnico foi valorizado na formação dos alunos da Escola de Enfermagem ao longo do tempo, bem como os valores subjetivos que estão incutidos em sua fala e fazem parte das qualidades de um bom profissional. Dentre elas o respeito a vida e compromisso com a profissão. Aliete assim afirma,

Um bom auxiliar, um bom técnico, pra você ser um profissional você tem que vestir a camisa, você tem que ter um compromisso com o que você faz e que seja uma pessoa responsável. Eu não abro mão da responsabilidade de um profissional de saúde. Porque é vida. Eu vou repetir aqui pra você o que eu disse durante mais de 20 anos de sala de aula. É se você não tem compromisso com o que você faz. Com a vida não tem volta. Uma vida não se compara a uma peça em supermercado. É preciso que o profissional de saúde tenha essa consciência de que é uma vida. E um mínimo deslize, um mínimo de desleixo, a pessoa morre. E não se ver assim, é mais um que morre! Não! É um ser humano, gente! Esse pra mim é um bom profissional! Ele não precisa ser um catedrático, se ele tiver responsabilidade, se for uma pessoa comprometida, ele aprende. Ele aprende entendeu? Por que ele tem respeito pelo outro, o ser humano, o paciente, ele é a peça, a peça e a matéria-prima da profissão [...] ou você se doa ou ele se dana. Os cuidados, principalmente os básicos os que não estão nos livros, paciência, educação, tolerância, não estão nos livros apesar de se estudar e ter uma disciplina de ética profissional, mas esses daí são nossos faz parte da formação do caráter ou não [...] (COLAÇO. Maria Aliete, Campina Grande Entrevista concedida em 27 de Agost,2012).

É preciso internalizar os valores da profissão, mais e além do que o domínio da parte teórica do curso. É necessário deixar-se dominar pelo saber, encaixar-se nas relações de poder que movimentam e ordenam a profissão. O saber prático, aquele que o indivíduo deve demonstrar domínio diante dos outros para se afirma no grupo é o mais valorizado na fala da professora. Em um momento no qual a aceitação das diferenças está tão em voga nos meios acadêmicos e na mídia, a entrevistada liga isso na prestação de cuidados. Muitas vezes esses cuidados passam pelo respeito ao outro numa área de conhecimento onde o corpo do outro é simplesmente um objeto de estudo. E muitas as necessidades primordiais para um bom

relacionamento são deixados de lado. A ausência dessa tolerância é muito mais sentida por parte dos pacientes no corpo de enfermagem que é historicamente colocado como aquele que cuida e tolera, e o corpo médico como aquele que age e cura.

Enquanto a escassez de auxiliares de Enfermagem assolava os hospitais, as auxiliares não tinham como dar conta da grande oferta de trabalho:

[..] Fui uma das primeiras auxiliares de enfermagem. Todos os hospitais foram pegando a equipe todinha que ia se formando pra trabalhar[Entenda-se turma de auxiliares]. Por que só tinha atendente e enfermeira era pouquíssimo, num dava pra suprir todo o hospital. O raio x pegava um. E chamava outro [...] Num tô lhe dizendo que a gente era chamada antes de terminar o curso, a gente ia trabalhando já como auxiliar e quando terminava o curso a gente já tinha três, quatro emprego. (RODRIGUES, Helena, Campina Grande. Entrevista concedida em 20 jul. 2012).

Complementando a ideia de escassez de profissionais de enfermagem em Campina Grande, a ex-aluna Euba afirma: Quando eu fui estagiar em Cajazeiras, eu tinha convite pra João Ribeiro, eu tinha convite de ir pra Casa de Saúde, eu tinha convite pra ir para o Pedro I, três empregos, antes de terminar o curso, faltavam quatro meses, três emprego pra mim.” (DIAS SANTIGO, Euba, Entrevista concedida á autora em 10 nov. 2010). A escassez de profissionais levava ao acúmulo de vínculos e propostas de trabalho antes mesmo de terminar o curso, situação totalmente inversa há dos nossos dias onde se termina qualquer curso e não se sabe se conseguirá exercer a profissão. A expansão da indústria hospitalar estava em alta, explorando bem a mão de obra disponível nos anos 60 e 70.

Euba Dias Santiago saiu de Cajazeiras com uma oferta de emprego oferecida pela ex-professora Leonete na FAP. Logo após, aceitar o emprego na FAP, fez um concurso para o DASP⁷⁰, sendo chamada pelo DNOCS⁷¹, onde só depois de estar trabalhando no Alcides Carneiro, por meio de uma empresa terceirizada, foi chamada para o concurso no qual tinha obtido êxito.

⁷⁰ Departamento Administrativo do Serviço Público.

⁷¹ Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

Essa ideia gestada por vários anos, de ensino de alta qualidade, criou um “status” para a escola como formadora dos melhores profissionais em nível médio, mesmo com a concorrência das escolas particulares, na década de 1990. A Escola de Auxiliar de Enfermagem ficou popularmente conhecida como a “escolinha do São José”, e seus alunos ganhavam destaque, após a identificação de seu lugar de formação. Nesse trecho do ofício enviado ao secretário de saúde do Estado no ano de 2010, o vereador Antonio Pereira usa como argumento a qualidade do ensino daquela Escola Técnica, na tentativa de impedir sua desativação.

A nossa cidade possui três escolas particulares de Enfermagem a nível médio, mas o nosso aluno tem perfil profissional conhecido aonde quer que ele se apresente, e tais instituições nunca foram empecilho para o funcionamento. Pelo contrário, a cada dia, o nome daquela escola e a qualidade de ensino imprimida tornam-se valorizados. (ANTONIO PEREIRA, 2010)⁷²

Podemos perceber, nas falas das duas ex-professoras, como as representações e os discursos se repetem e se modificam, no decorrer dos anos, ao mesmo tempo em que gestam uma representação de qualidade profissional, que certamente marcou e modificou várias subjetividades. No entanto não se mostrou suficiente para impedir a desativação da escola.

(Silêncio) Hoje a Enfermagem tem muita oportunidade, tem muito conhecimento técnico. Tem tudo de bom pra aprender! Mas eu não vejo a dedicação das minhas professoras, não todas, mas eu não vejo a dedicação que eu via nas minhas professoras dentro do H.U. Acho que por isso que fiquei assim muito preocupada com os pacientes... fui na Catingueira com aquela história que lhe falei... saber se o paciente tinha tomado a medicação.[...]eu acho assim a Enfermagem daquela época se preocupava mais com o doente. Hoje em dia o que eu vejo é a enfermagem mais no salto, muito atrás de dinheiro, procurando um emprego melhor! Tá certo tem que se valorizar, somente dessa turma nova que entrou, não vejo muito interesse, não de todas, de saber se o paciente tomou aquela medicação, de ter o cuidado de ficar perto do médico pra saber o que ele tá pedindo, de ficar junto do médico na hora da visita... (DIAS SANTIAGO, Euba, Entrevista concedida em 10 nov. 2010, grifos nossos).

⁷² Nota retirada do ofício nº 026/2010, de 24 de agosto de 2010, redigida pelo então vereador Antonio Pereira, dirigida ao secretário de Estado da Educação e Cultura, Francisco de Sales Gaudêncio.

Nessa fala de Euba, podemos certo modo de ser foi subjetivado por ela, na vivência enquanto aluna da Escola de Enfermagem, o qual coloca em prática, no seu cotidiano, como Enfermeira. O papel de anjo sempre intercedendo pelos doentes, ao lado dos médicos nas visitas aos doentes, cuidando e zelando pelos sujeitos hospitalizados. Fica claro em sua as palavras às mudanças ocorridas na enfermagem, agora os profissionais estão a procurar de ser bem remunerado e reconhecido. Tentando esquivar-se da imagem de trabalho secundário e pouco valorizado.

Em comum acordo com a opinião de Euba, a enfermeira Aliete assim se posiciona quanto à enfermagem e aquilo que tentou passar para seus alunos:

Um profissional é pra ir trabalhar, profissionalismo pra mim é sinônimo de trabalho e de doação. [...] “Ai! Eu sou da área de saúde, eu sou enfermeira, eu sou...”⁷³ Eu sou pião gente! Eu tenho que **cuidar** do meu semelhante que foi pra isso que eu me dispus. Eu assumi essa responsabilidade ou não? [... Olha vem no teu salto alto, isso eu sempre briguei, você não vai andar também descabelada [...]. Você vem de roupa branca, como eu sempre dizia dentro da sala de aula, você se fantasia de branco, vem no seu salto, bota um perfume. [...] Quando tu entra naquela ala, tu olha pra cada enfermaria daquela, 30 leito de pessoas gemendo precisando de que? Do teu perfume? Da tua roupa branca? É isso que eu tô dizendo! Ai e que eu chamo de terrorismo, é a pessoa se esconder detrás de uma roupa e não fazer o que se dispôs a fazer, isso é terrorismo. (COLAÇO, Maria Aliete. Entrevista concedida em 27 agost. 2012).

No discurso de Aliete Colaço, fica evidente que as enfermeiras defendem que os sujeitos se posicionem de modo adequado, em consonância com seu lugar de poder e saber, assumidos socialmente. Defendem, também, que no cotidiano, seja mantida atenção e o cuidado com o paciente, atentar para as ordens médicas, que demonstrem conhecimento técnico, como forma de subjetivação constante dos indivíduos. E principalmente entrem em consonância com a representação que elas têm de um bom profissional, um elo entre representante e a profissão representada. A utilização do uniforme da cor branca ganha todo um simbolismo no qual é investido o papel de anjo cuidador para a enfermagem. Vista seu uniforme e se compadeça do sofrimento do outro, cuide do outro, se responsabilize por sua vida. Seja uma boa enfermeira, misto de profissional e anjo. Como afirma Passos (2012)

⁷³ Reproduzindo falas do seu cotidiano, as falas que povoam o censo comum.

Porém, apesar do salto que o entendimento da enfermagem como profissão parece apresentar, exigindo de seus membros seriedade e compromisso profissional, portanto, cumprimento do dever, o mesmo não consegue se firmar-se como situação diferente, pois a ocupação da enfermagem continua sendo, em primeiro lugar, um ato de amor (PASSOS, 2012,p.94)

As questões referentes à hierarquia e à subordinação são mais uma vez um ponto que muito tem para ser discutido dentro da classe profissional, apresenta um distanciamento entre quem exercer o cuidados de forma manual e aqueles que apenas teorizam sobre esse cuidado.

[...] Boa pergunta, por que eu nunca me senti como enfermeira superior (risos) mesmo...(risos) Eu acho que toda Enfermeira deveria ser auxiliar como eu fui, entendeu? Se torna mais humilde pra entender o auxiliar e o paciente, e quando ela vem do topo, lá de cima, não passou por certos sofrimentos. Ela acha que é do jeito que pensa ser. Você veja essas meninas que chegam pra fazer superior, elas chegam no salto, você tem que se vestir bem, tá sempre asseado e coisa e tal, bacaninha. Elas chegam tem até nojo, eu observo, de chegar perto do paciente. (EUBA SANTIAGO. Entrevista concedida à autora em 10 nov 2010).

Essa aproximação entre teoria e prática talvez ajudem a fortalecer a luta por objetivos comuns dentro da classe, mais isso não parece estar próximo de acontecer. São anos de divisão e relações de poder dentro do corpo da enfermagem para serem repensados e colocados de forma diferente para os profissionais. Quem sabe nos próximos anos essas questões sejam temas de discussão ardorosos, pois as percepções sobre os tema pode sofrer mudanças.

Esses novos profissionais, esses novos espaços de cura exigem uma adaptação do sujeito, produzem novas sensibilidade. A proximidade entre os indivíduos mudou as relações entre os mesmos também. A toda uma crença de que no passado as coisas eram melhores, isso provavelmente é a crença da entrevistada. A modernidade leva aos indivíduos a mudarem a forma de se relacionar seja com o outro, seja com objetos e espaços. Quanto aos novos hospitais, às novas tecnologias médicas, a ex-aluna Euba assim fala: “Quando fui chamada para aquele hospital do câncer tive vontade de chorar. Ver aquela tecnologia na minha idade não dá pra acompanhar tanta tecnologia. Já é uma coisa mais moderna... posso até me perder”.

Diante das novas tecnologias médicas, Euba se sente desterritorializada, visto que como uma nova sensibilidade moderna aflora, ela sente medo, estranha o novo. O velho na nossa sociedade é relegado como um ser antigo, atrasado, muitas vezes incapaz de acompanhar a modernidade. Cabendo a ele apenas relembrar o passado e dele lembrar-se com saudade. “O saudosismo parecer nascer da angústia diante da sucessão das novidades, como fruto da insegurança na presença de outras estruturas sociais que vem substituir a antiga ordem, destruindo lugares e hierarquias sociais já estabelecidos”. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2006, p.119).

A própria passagem do tempo leva a mudanças no processo de ensino-aprendizagem, causando estranhamento aos gestores, quando se deparam com outras formas de ensinar, de perceber o outro, pertencentes há décadas passadas:

A preparação não é igual, é muito diferente. O aluno ia pro estágio com professor, com disciplina que recebia. Hoje o aluno vai pra uma UTI sem ter visto aquela disciplina..Vai só pra olhar e não faz nada, não entende nada na UTI[por exemplo] é uma gama de doenças [...].Os alunos eram bem acompanhados pelo professor. Não fazia nenhum procedimento sem o professor. Hoje em dia, fico assim muito preocupada com a formação do profissional de enfermagem. Hoje é quase como comércio, um meio, vamos dizer assim, um comércio onde cobrasse tanto por cada aluno, não digo que são todas as escolas.⁷⁴

A oferta de ensino de enfermagem na cidade está muito maior do que em décadas anteriores. Existem escolas técnicas e de ensino superior, as ultimas na rede publica e privada. A própria velocidade do tempo e a descrença numa educação de qualidade levam a descrença no ensino de qualidade. Essas são as principais questões colocadas pelo o nosso tempo. A comercialização da educação sem fornecer qualidade profissional. O lugar social da entrevistada deve ser levado em consideração, pois ela foi professora e diretora de uma escola que prezava a qualidade e a formação do profissional de maneira mais rígida, e estranha as novas modalidades de ensino. Atualmente existem ofertas de ensino de enfermagem a distancia, diferente das exigências de outros tempos de praticas e estágios supervisionados.

⁷⁴ Entrevista concedida por Maria do Carmo Navarro em 2008.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem nasceu em um contexto social em que vigoravam a escolarização e os interesses de políticos para qualificação profissional. Nasceu laica, diferente de outras mais antigas, que obtiveram a presença de religiosas na direção, como algumas na capital do Estado. A cidade ansiava pelos operadores de seus equipamentos modernos e para ver os novos lugares de suas práticas médicas funcionando. Em 1957, das 34 escolas de enfermagem existentes no Brasil, apenas 13 eram vinculadas ao poder público, enquanto 21 pertenciam ao segmento privado. O mais curioso foi constatar que a Igreja continuava assumindo com ênfase esse espaço, pois, das 34 escolas, 19 eram dirigidas por religiosas e 15 por enfermeiras leigas.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi dessas poucas que partiram do interesse público, criando modelos e parâmetros a serem seguidos pelas escolas que vieram depois, de origem particular. O fato é que esses modelos profissionais importados de vários lugares do país, segundo Maria do Carmo, foram muito bem adaptados para a realidade local, pois as enfermeiras procuravam diretoras com muita experiência, com as quais poderiam aprender a definir as diretrizes que seguiriam. Esse processo durou dois anos, e outro currículo surgiu. Quando começou a funcionar a Escola ofereceu a oportunidade de pessoas como Helena que vinha de fora da cidade obterem uma profissão.

[...] Eu sou de Bezerros, Pernambuco. Eu vim pra aqui por que meu pai era construtor e foi chamado pra reconstruir a catedral, depois foi chamado pra reconstruir a igreja de Queimadas. Lá em Queimadas ele ficou, e trouxe a gente. E continuamos estudando aqui, em Campina, por que lá nessa época não tinha escola, só tinha só o primário e os primeiros anos e foi aqui que a gente veio fazer carreira, estudar no colégio Alfredo Dantas. Foi o meu primeiro colégio aqui. Quando eu vim pra aqui, a cidade era bem pequenininha, muito pequena, a gente via mais mato... e depois ela foi crescendo, crescendo e hoje tá essa cidade bonita. (RODRIGUES, Helena .Entrevista concedida em 20 jul. 2012).

A escola exportava profissionais para a Beneficência Portuguesa, hospital de São Paulo que, segundo a fundadora Maria do Carmo, elogiava a qualidade dos profissionais por ela formados em Campina Grande, e recebia regularmente cartas da instituição solicitando mão-de-obra. Muitos alunos foram embora da cidade por meio da qualificação profissional da Escola. Outros interessados foram atraídos, vindos do interior para a moderna e educada

Campina, chegando de Cajazeiras, Queimadas, Lagoa Seca, Esperança, Boqueirão, entre outros lugares.

No discurso da fundadora, observamos que Campina Grande começa a produzir profissionais, ou seja, a cidade não só recebe profissionais, mas também manda profissionais para atuar de Norte a Sudeste do país. Da mesma maneira que começou a produzir seus médicos, passou a dar acesso aos moradores da urbe esse saber racionalizado, “perdendo”, dessa forma, seu status de vila e ganhando o de cidade moderna, desenvolvida, limpa e educada, equiparada às mais modernas do Brasil.

Apesar de todo apoio recebido, a Escola passou por momentos delicados, no ano de 1967, de que modo que vieram a público as dificuldades de manter a Escola de Enfermagem funcionando:

Despertou a mais triste repercussão na cidade a notícia de que a Escola de Enfermagem está ameaçada de fechamento, por falta de recursos financeiros e por falta de professores. As informações que se tem, são as de que, em cumprimento às normas de desacumulação de cargo públicos, alguns professores terão que afastar-se da Escola de Enfermagem. Provavelmente será o caso dos médicos, que ali ministram aulas das disciplinas técnicas relacionadas com a enfermagem. [...] Ninguém em Campina Grande, ou em João Pessoa, poderia deixar de ficar abalado, se a Escola viesse a fechar suas portas.⁷⁵

Sendo assim, o jornal constrói uma representação sobre a Escola de Enfermagem, dando especial importância aos sentimentos que a cidade compartilharia, caso fechasse. Além disso, relata a perda das aulas ministradas pelos médicos, a própria fluidez das relações políticas e econômicas, bem como os jogos e as burlas envolvidos em tramas e relações de poder.

Essa notícia poderia ser muito bem veiculada em anos mais recentes onde a escola de enfermagem passou por grandes crises antes de ser desativada. Mais ao contrário da década de 60, quando a escola foi desativada poucos foram às pessoas que se comoveram com o seu fechamento, até por que a notícia não repercutiu muito nos meios de comunicação local.

⁷⁵Diário da Borborema, Campina Grande, 2 fev. 1967.

Os poucos profissionais de enfermagem que estudaram ou não na escola pouco ou nada se sensibilizaram com o fechamento da escola. A pouca articulação da classe já se torna algo historicamente construído e passível de ser explicado pelas relações subservientes e falta de reconhecimento profissional dos mesmos.

Estiveram presentes na audiência realizada na câmara municipal da cidade diversas autoridades da área educacional, entre elas a gerente da 3ª Região de Ensino, Socorro Ramalho, a diretora da Escola Técnica Estadual de Campina Grande, Iara Lacerda Pereira, vice-presidente do Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba, Glaucia Maria Gomes, coordenadora do Curso de Educação Profissional do Colégio Estadual Elpídio de Almeida (Prata), Maria do Socorro Cordeiro, representando a diretoria Fátima Lucia Cruz, além de estudantes do ensino médio que torcem pela reabertura da instituição.⁷⁶

Em síntese, este capítulo destinou-se a esmiuçar as formas e as relações de poder que atravessaram aquele espaço pedagógico, a Escola Estadual de Auxiliar de Enfermagem a forma como se tornou habitável, vivido e lembrado. É uma oportunidade de se repensar os discursos que instituíram a Escola de Enfermagem, enquanto um lugar privilegiado para a formação de técnicos e auxiliares de Enfermagem.

Analisar as formas como os indivíduos instituem para si um lugar no mundo, tornam a cidade habitável, contribui para a gestão de uma representação de cidade, visto que estabelece sobre os corpos um saber, um poder, um domínio e uma gestão. A Escola de Enfermagem, certamente, ofereceu a vários jovens, durante seus 46 anos de funcionamento, a oportunidade de profissionalização, embora essa contribuição tenha passado despercebida tendo em vista a desativação dessa escola.

⁷⁶ <http://www.antonipereira15678.com.br/noticias/1279808438.html>

Considerações Finais

De acordo com o que foi apresentado ao longo desta dissertação, podemos considerar que a construção da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem de Campina Grande estava imbuída dos interesses de grupos políticos que desejavam a modernização e urbanização da cidade. A criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem também estava articulada as representações do espaço urbano, no que tange às novas formas de assistência médico-hospitalar, e ao próprio discurso higienista que possibilitou uma nova forma de relacionamento entre os indivíduos e o próprio espaço urbano.

A modernidade tão apresentada em jornais e semanários da época, também contribuiu para rever certos conceitos referentes aos profissionais de enfermagem e instituir a educação e higienização como ordem do dia em Campina Grande. Esta realidade já ocorria desde os primeiros anos do século XX, mas na década de 60, outros discursos foram agregados ao higienista, como mostramos ao longo deste texto, contribuindo para aceitação e proclamação da criação da escola de enfermagem como espaço moderno e de educação para saúde.

No primeiro capítulo buscamos analisar o contexto sócio histórico da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Pois, muitas vezes problemas de assistência médica hospitalar foram utilizados como justificativas para a criação da escola, como número insuficiente de profissionais de saúde, condições inadequadas de atendimento médico pelo aumento da população e mudanças no próprio espaço citadino. Diante disso, concluímos que estas foram argumentos necessários para a criação da Escola de Enfermagem campinense, manipulados pela elite campinense a fim de controlar a formação desses profissionais.

No segundo capítulo procuramos analisar as condições da criação da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem, seu currículo, as tramas políticas por trás da criação da escola, os sujeitos que participaram efetivamente de sua gestão. As ligações com outros modelos de escolas de enfermagem e do perfil profissional dos alunos da escola.

Sendo assim, este estudo foi uma oportunidade de analisar e problematizar alguns estigmas que recaem sobre a enfermagem, bem como a descoberta de varias possibilidades de problematização desse objeto de estudo. Também foi um encontro com a história de homens e mulheres que fizeram parte da história da saúde de Campina Grande, mas que pouco

aparecem em estudos acadêmicos ou outras formas de escrita que visam registrar o cotidiano da cidade na década de 1960.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem modificou o perfil dos profissionais de enfermagem em Campina Grande na década de 60, visto que seu planejamento e implantação foram pensados com o intuito de fornecer o ensino de forma oficial na cidade. Pois até então os indivíduos que exerciam a enfermagem em Campina Grande tinham o ensino primário e não tinham formação qualificada de forma oficial. Os poucos que tinham vinham de cidades vizinhas como João Pessoa.

A Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem foi gestada num momento em que a enfermagem campinense começa a descobrir-se como grupo profissional capaz de articulação em prol de melhorias dentro da própria classe. Visto que a década de 60 apresenta as tentativas por parte de Manoel Barbosa de fundar uma Associação dos Enfermeiros Práticos na cidade e um sindicato, que pouco durou, mais representa uma vontade de mudança nas condições de trabalho por parte da classe.

A Enfermagem como podemos perceber durante a leitura do texto, é uma classe que sofre com estigmas sociais e pouco reconhecimento social. Isto, provavelmente pode estar ligado à origem religiosa da profissão ou então ao trabalho feminino. Mesmo em nossos dias, ainda perdura a visão negativa em relação à mulher-enfermeira. Fruto do próprio desconhecimento da função da Enfermagem no ambiente hospitalar ou em unidades de saúde.

Acrescido a isso, está a imagem de anjo que alguns profissionais tendem a reforçar nos dias atuais. Construindo para a profissão uma representação de ser dócil e meigo, no entanto ninguém recebe reconhecimento por meigo. A maioria das representações da Enfermagem está associada à imagem da mulher simpática e dócil. Pouco se enfatiza os conhecimentos e habilidades técnicas desses profissionais. São imagens que não estão de acordo com a seriedade do trabalho exercido pela Enfermagem.

A Enfermagem deve ressaltar a importância do seu trabalho de forma mais consistente, fazendo com que a sociedade ouça seus apelos por melhores condições de trabalho. É a equipe de Enfermagem o elo entre o médico e o doente, ela quem estabelece a linha de cuidados para com os enfermos. A Enfermagem tem que acreditar que ela faz a diferença entre a vida e a morte de um paciente. Muitos profissionais de Enfermagem se esquivam de

falar sobre sua profissão, as limitações e as alegrias de exercer a Enfermagem. Preferem o silêncio a compartilhar suas experiências de vida. Está foi certamente uma barreira para o desenvolvimento desse estudo.

A Enfermagem parece invisível aos olhos da sociedade, são profissionais que exercem suas atividades no anonimato e em silêncio. Este silêncio da Enfermagem sempre me incomodou, mesmo quando é atacada pela a Enfermagem parece não reagir. Nos últimos anos a Enfermagem aparece na mídia nacional de forma negativa. Sempre apontando seus erros de imperícia, imprudência ou negligência. Levando a população a desconfiar e desacreditar no trabalho da Enfermagem.

Foi nesse contexto que iniciei minhas pesquisas, foi pensando nisso que decidi estudar a Escola de Enfermagem. Justamente para algumas pessoas poderem refletir sobre sua prática profissional, pensar a importância de se preservar seus lugares de memória. Conhecer e analisar um pouco do que nossos entrevistados entendem por Enfermagem e estranharem seu presente.

É necessário problematizar o passado a partir de nossos questionamentos presentes, para compreender como as coisas perdem seu sentido de existir no cenário urbano. No momento em que Campina Grande amplia, reforma e moderniza sua rede hospitalar. Onde várias escolas profissionalizantes na área de saúde atuam na cidade. Bem como, universidades públicas e particulares oferecem o curso de bacharelado em Enfermagem, a Escola de Enfermagem pioneira fecha suas portas.

A Escola de Enfermagem fechou as portas no ano de 2011, sem maiores manifestações dos profissionais de saúde ou órgãos públicos. Sem ter seu patrimônio material armazenado de forma adequada, e o seu prédio foi simplesmente abandonado e saqueado pelos vândalos. Mais uma escola sempre deixa marcas nas subjetividades de seus ex-alunos, nas ex-professoras e todos que presenciaram seu funcionamento.

A Escola de Enfermagem marcou a subjetividade de muitos, marcou uma época na cidade. Ofereceu formação profissional de forma gratuita durante 45 anos, a vários profissionais de saúde, e contribuiu de forma significativa para atendimento a população de Campina Grande. E por falta de interesse dos poderes públicos de mantê-la funcionando e não de demanda de alunos, ela foi desativada.

Foi o silêncio e o abandono em que a Escola de Enfermagem está enredada que me motivou a pesquisar sua história. Pouco se escreve sobre história da Enfermagem em Campina Grande. Essa foi à oportunidade de inserir a historia da Escola de Enfermagem no mundo acadêmico e na própria historiografia de Campina Grande, de abrir a discussão para os vários problemas que afligem a Enfermagem.

A história da medicina, das doenças, das praticas de cura e dos hospitais parece ganhar cada vez mais espaço, enquanto a história da Enfermagem apenas engatinha na nossa cidade. Provavelmente muitos desconheçam que a pratica da Enfermagem está atrelada a todas essas temáticas.

Encerramos assim este trabalho com muitas lacunas, pois há muito para ser explorado sobre a instituição da enfermagem enquanto profissão em Campina Grande. Mais com a certeza de que outros trabalhos virão a partir deste e outras questões serão pensadas sobre a enfermagem campinense.

Fontes:

Jornais:

A União 1961, 1962, 1962, 1963,1964.

Diário da Borborema 1961, 1962.1963,1964,1965,1967.

Jornal da Paraíba 1990

Entrevistas:

Euba Dias Santiago. Entrevista concedida em 10 de Novembro de 2010.

Helena Rodrigues. Entrevista concedida em 20 de julho de 2012.

Maria Aliete Colaço. Entrevista Concedida em 27 de Agosto de 2012.

Maria do Carmo Navarro. Entrevista concedida à autora em 20 de Novembro de 2008.

Manoel Joaquim Barbosa . Entrevista concedida em 15 de dezembro de 2012.

Valdira Gomes da Silva. Entrevista concedida em 20 de Janeiro de 2013.

Blogs:

<http://cgretalhos.blogspot.com.br/>

<http://ramiromanoel.blogspot.com.br>

<http://blcamargo.blogspot.com>

Referências

ARAÚJO, Railane Martins de. *O governo de Pedro Gondim e o Teatro do poder na Paraíba: Imprensa, imaginário e representações (1958-65)*. 2009. 139f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Paraíba, UFPB, João Pessoa, 2009.

AGRA do Ó, Alarcon. *Da cidade de pedra à cidade de papel: projetos de educação, projetos de cidades – Campina Grande (1959)*. Campina Grande: EDUFPG, 2006.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O teatro da História: os espaços entre cenas e cenários. In: *Nos destinos de fronteira História espaços e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008, p.80-96.

_____. As sombras do tempo: A saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. 117-142. In: *História e sensibilidade*, Brasília, Paralelo 15, 2006, 426 p.

ANDRADE, José Lopes de. *Uma Militância na Imprensa: Estudos de urbanização, Política, Economia, Educação e Literatura*. João Pessoa: Bolsa de Mercadorias da Paraíba, Grafset, 1984.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira et al. A tuberculose através do século. Ícones canônicos e signos do combate à enfermidade. In: *Ciências e Saúde Coletiva*, p.67-379.2000.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. Nº 19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002

CAPONI, Sandra. *Da Compaixão à Solidariedade uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2000.

CARVALHO; DELBONI. Janete Magalhaes. Tania Mara Zanotti Guerra Frizzera . ÉTICA E ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA: por um currículo “estranho”. *Currículo sem Fronteiras*, v.11, n.1, pp.170-184, Jan/Jun 2011. ISSN 1645-1384 (online).

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *A Invenção do Cotidiano: Morar, Cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

CAVALCANTI, Silede Leila Oliveira. Campina Grande De(fl)vorada por forasteiros: Passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa. In: GURJÃO, Eliete de Queiróz. (Org.). *Imagens Multifacetadas da História de Campina Grande*. João Pessoa: A União Superintendência de Imprensa e Editora, 2000, v., p. 13-189.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução: Cristina Antunes. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

COLLIÈRE, M. Françoise .Promover a Vida: Da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses. 3º Edição. (1999).

BASSANEZI PINSK; CARDOSO, Carla; e Tânia Regina (orgs). *O historiador e suas Fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

BASSANEZI PINSK, Carla. (org.). *Fontes Históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velho*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994,p.9-69.

FILHO, Lino Gomes da Silva. *Síntese Histórica de Campina Grande: 1670-1963*. João Pessoa: Grafset, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *Resumo dos cursos do College de France(1970-1982)*.Tradução Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1997.

FONSECA, Denise et al. *A feminização do poder considerações iniciais*. Praia Vermelha Estudos de Política e Teoria Social, PPGSS/UFRJ Rio de Janeiro, 18(2), 2008.

GEOVANINI, Telma et al. *História da Enfermagem: versões e Interpretações*. Rio de Janeiro: Reinventer, 2002.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5. Ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 525-539.

KRUSE. Maria Henriqueta Luce. Os poderes dos Corpos Frios – das coisas que se ensinam às enfermeiras. Tese (Doutoramento em Educação).UFRGS. Porto Alegre,2003, 158p..

MAIA. Antônio Cavalcanti. Biopoder, biopolítica e o tempo presente. In: O Homem - Máquina A ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.77-108.

MANZANO. Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*. 2009, p.110-117.

ORTEGA, Francisco. *O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*/Rio de Janeiro: Garamond, 2008. 256p.

PASSOS. Elizete Silva. De anjos a mulheres-Ideologias e valores na formação de enfermeiras. 2ed.Salvador:EDUFBA,2012.

RANGEL, Mario. *Arte e técnica da Enfermagem*. 4. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Giorgio & Cia Ltda editores, 1963.

REZENDE, Antonio Paulo. Educação Escolar Vivendo e Convivendo na escola. In: CAVALCANTI, José Paulo et al. *Tempos de aprendizagem identidade cidadã e organização da educação escolar em ciclos*. Prefeitura do Recife Secretaria da educação. Recife: Editora universitária UFPE, 2003.

RODRIGUES, Antonio E.M. e FALCON, Francisco J. Calazans. Tempos Modernos: ensaios de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SANGLARD, G.; COSTA, R.G; Patrimônio Cultural da Saúde: Uma história possível? Rio de Janeiro, 2008, p.1-10. XIII Encontro de História ANPUH-Rio. Identidades. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em:<

http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212753026_ARQUIVO_TextoPCS ANPUH2008.pdf. >Acesso em 18 Nov.2008.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *Histórias de leitura na terceira idade* : memórias individuais e coletivas. Disponível em <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0553.pdf>. Acesso em:21 de Julho de 2012.

SILVA, Geraldo J. da Rosa; VALENTE, Ârne de Oliveira. Um estudo da Rêde Médico Hospitalar de Campina Grande. Ministério da Educação. Serviço de Documentação. Departamento de Imprensa Nacional. 1965.

SILVA, Carlos Roberto Lyra da. *Compacto dicionário ilustrado de saúde*. 3 ed. São Caetano do Sul, SP Yendis Editora, 2008.

STUTZ, Beatriz Lemos. Técnico em Enfermagem no município de Uberlândia: a construção Histórica de uma profissão e a primeira instituição escolar. 2009. 249 p.. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal de Uberlândia. Programa de pós-graduação em Educação, Uberlândia, 2009.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: Sociedade, Cultura e Lazer em Campina Grande (1945-1965)*. 2002. 445p. Tese. (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. Et Al. Gênero e Enfermagem :Uma análise reflexiva. Revista de Enfermagem. UERJ, Rio de Janeiro, 2006 abr/jun. Disponível em: repositorio.furg.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/1572/Gênero%20e%20enfermagem-%20uma%20análise%20reflexiva.pdf?sequence=1. Acesso em 02 de Mar.2013.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

_____. *Minha história das mulheres*. Tradução Angela M.S Corrêa]. 1. ed. 1ª reimpressão São Paulo: Contexto, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (orgs.). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

Pykosz, Lausane Corrêa. Aurelio Oliveira, Marcus Taborda de. Higiene como tempo e lugar da educação do corpo: preceitos higiênicos no currículo dos grupos escolares do Paraná. *Currículo sem Fronteiras*, v.9, n.1, pp.135-158, Jan/Jun 2009. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol9iss1articles/7-pykosz-oliveira.pdf> . Acesso em 03 de Fev.2013.

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula et al. *Educação, Espaço e Tempo*. Fortaleza: Edições UFC, 2011, p.753 (Coleção Intempestivos).

VIEIRA, Tamara Rangel. No coração do Brasil, uma capital saudável: a participação dos médicos e sanitaristas na construção de Brasília (1956-1960). *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2009, vol.16, suppl.1, pp. 289-312.

Anexos

cotidiano

Campina Grande, quarta-feira, 21 de setembro de 2011 - diário da BORBOREMA >> 7

Escola vive situação de abandono no São José

VIGILÂNCIA REFORÇADA NO LOCAL

A administração da Escola Estadual de Enfermagem é uma responsabilidade direta da 3ª Gerência Regional de Educação e Cultura, sediada em Campina Grande. A reportagem do **Diário da Borborema** procurou a responsável pela instituição, no entanto, por meio de sua assessoria de imprensa, Joselma Ferreira declarou que já tem conhecimento do problema e também já solicitou a realização de um levantamento no local para avaliar a real situação do prédio para depois tomar uma providência.

Os relatórios foram concluídos e levados ao secretário de Educação da Paraíba que ainda não decidiu quando terão início os trabalhos de reforma. Enquanto isso não acontece, a unidade continuará fechada, mas com previsão de ter suas atividades restabelecidas no segundo semestre do próximo ano. A gerente também explicou que vai aumentar a segurança na área e determinar a reorganização dos materiais e documentos que ainda estão na unidade de ensino.

Juliana Santou/DB/D.A. Press

Escola Estadual de Enfermagem está fechada desde o ano passado. Espaço está sendo saqueado

Márcio Rangel
marciorangeltb@idolator.com.br

Um espaço que deveria servir para a educação e capacitação de futuros profissionais tem sofrido com a situação de abandono e ação de vândalos. Criada no ano de 1964, a Escola Estadual de Enfermagem, no bairro de São José, desde o final do ano passado deixou de funcionar devido a problemas em sua estrutura física. O local, que já ajudou a qualificar centenas de profissionais, inclusive na atuação do trabalho voluntário, hoje está de portas fechadas. O prédio, que ainda possui móveis, documentos e li-

vros sendo guardados, deixou de ser usado por estudantes e agora é considerado um verdadeiro território do medo, onde os ladrões além de furtarem e danificarem equipamentos, ainda usam o espaço para o consumo de drogas.

Sem nenhum tipo de iluminação ou vigilância, o local está sendo saqueado nos últimos dias por moradores de rua e criminosos que estão furtando, inclusive as placas de formaturas. Livros da biblioteca e documentos dos acadêmicos existentes na secretaria também estão jogados, disputando espaço com lixo e insetos.

A situação tem revoltado os vizinhos da unidade de ensino, ex-alunos e estudiosos que manifestaram suas indignações. Um exemplo disso é o ambientalista Ramiro Pinto, que na manhã de ontem, fez uma denúncia formal da situação na Curadoria do Patrimônio Público. "Estou denunciando a situação porque acho que o descaso é um verdadeiro assassinato de nossa cultura, história e educação. São quase 50 anos de nossa história educacional que está sendo jogada no lixo", comentou Ramiro. A enfermeira Rosineide Gomes, 45 anos, também lamenta a situação. Ela estudou no local e hoje diz que está triste em saber que o prédio está abandonado.

Unidade está de portas fechadas. Material fica jogado no local

Ramiro Pinto/Divulgação/DB/D.A. Press

Sua chance de comprar seu novo carro está de volta

Diário da Borborema, Campina Grande, quarta-feira, 21 de setembro de 2011.



Figura 1: Maleta disponibilizada pelo UNICEF para as parteiras. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.

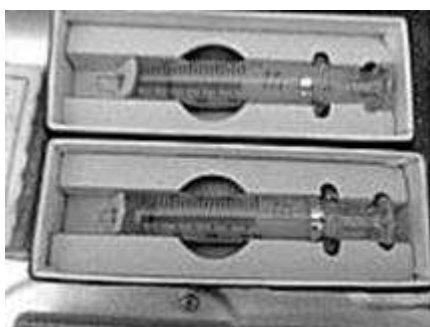


Figura 2: Seringas de vidro faziam parte do arsenal doado à sala de técnica da escola pelo UNICEF. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 3: Carro de curativo com alguns objetos de uso hospitalar como a comadre e bandejas utilizadas na época para curativo. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 4: Balança doada pela UNICEF, em destaque o logotipo da organização. Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.



Figura 7: Escarradeira Arsenal da Escola Regional de Auxiliar de Enfermagem. Acervo pessoal.